



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

LARA CAROLINE EZEQUIEL

**A GRANDE APOSTA: O INGRESSO DE FILHAS E FILHOS DE
TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NA UNIVERSIDADE PÚBLICA**

FORTALEZA

2023

LARA CAROLINE EZEQUIEL

A GRANDE APOSTA: O INGRESSO DE FILHAS E FILHOS DE TRABALHADORAS
DOMÉSTICAS NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

Orientador: Prof. Dra. Geísa Mattos de Araújo Lima

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- E98g Ezequiel, Lara Caroline.
A grande aposta: o ingresso de filhas e filhos de trabalhadoras domésticas na universidade pública /
Lara Caroline Ezequiel. – 2023.
139 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Geisa Mattos de Araújo Lima.
1. trabalho doméstico remunerado. 2. trajetória educacional. 3. acesso à universidade. I. Título.
CDD 301
-
-

LARA CAROLINE EZEQUIEL

A GRANDE APOSTA: O INGRESSO DE FILHAS E FILHOS DE TRABALHADORAS
DOMÉSTICAS NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.
Área de concentração: Sociologia.

Aprovada em: 29/08/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Geísa Mattos de Araújo Lima (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alexandre Jeronimo Correia Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC – externo ao programa)

À Mirtes Renata de Souza.

Que a justiça seja feita pelo menino Miguel.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, queria agradecer aos interlocutores desta pesquisa por cederem seu tempo e partilharem suas histórias de vida. Nossas conversas não foram importantes apenas para possibilitar que este trabalho exista, mas para me fazer compreender que apesar dos pesares, a pesquisa é uma das minhas grandes (e sofridas) paixões.

Agradeço a minha mãe Raimunda Ezequiel pelo seu apoio incondicional em tudo que invento de fazer. Você nem imagina a sua importância no meu amadurecimento intelectual.

Agradeço a minha orientadora Geísa Mattos pela paciência e pela confiança no meu trabalho.

Agradeço a banca composta pelos professores Irapuan Peixoto e Alexandre Jerônimo pelas contribuições inestimáveis para esta dissertação. Os apontamentos de vocês são essenciais para meu amadurecimento enquanto pesquisadora.

Por grande sorte, tenho uma lista imensa de pessoas queridas na minha vida, que me amam e me querem bem. Agradeço a todos os meus amigos e amigas, e, especialmente, aqueles que aluguei com as lamúrias da vida de uma pós-graduanda.

A vida de uma jovem adulta no capitalismo tardio me fez ter que dividir casas e apartamentos, mas também me fez encontrar nesses espaços grandes amigos. Em um mestrado pandêmico, conviver com pessoas queridas aliviou imensamente o pesar desse período tão difícil. Ivan, obrigada por ser tão companheiro e conseguir me entender tão bem com apenas um olhar. Obrigada pelas comidas deliciosas e por dançar comigo mesmo eu sendo uma terrível dançarina. Agradeço a Lívia Cíntia pelo seu carinho, gentileza, pela sua amizade e pelo seu café doce e forte, que nem você. Eric, obrigada pelos drinks deliciosos, pelos churrascos, pelos conselhos e pelos dias quentes e praianos. Bia, obrigada pela sua presença calorosa que nem a sua terra Teresina, sua animação e sua companhia nas mais aleatórias ocasiões. Paulo, obrigada por trazer alegria e leveza pra minha vida. Eu pensava que sabia bem de memes até conhecer você. Romário, agradeço pela amizade de tão longa data. Como filha única, você é o mais próximo que tenho de um irmão, e está sendo uma experiência e tanta crescer com você. Obrigada por me receber de volta em Sobral, pelo seu acolhimento e pela sua amizade. Dayane, agradeço a você pela companhia e pelo acolhimento durante a etapa final da dissertação.

As minhas amigas e também colegas de turma Carliana, Carol, Fernanda, Jéssica e Lorryne, obrigada por todo carinho e companheirismo durante esses difíceis anos. Essa jornada foi bem menos difícil sem vocês. Vocês me fizeram compreender como é essencial não estar só

durante o período tão solitário que é esse de pesquisar e escrever, e ainda mais diante o contexto da pandemia.

Nádia, obrigada por ouvir as infinitas horas de áudio de WhatsApp e de me acolher em todas as lamúrias. É bom demais encontrar alguém que goste de reclamar tanto quanto eu. Obrigada Margarida e Cleidiane por sempre serem a minha rede de apoio e compreensão.

Gabi, Tainá, Thamilys, Laíssa, Paulo, Margarida, Ellen, Nilson, Taylor e Vanessa, obrigada por existirem em minha vida.

Aos amigos e amigas que não foram mencionados, peço perdão. Quando for concursada eu pago uma cerveja para vocês.

E por fim, alguns agradecimentos não muito habituais. Queria agradecer às academias que frequentei e a atividade física por me proporcionar paz e alívio, e à Coli, a gatinha do Ivan, por me fazer tão feliz com a sua companhia laranja, peluda e felina.

“Quanto maiores forem as dificuldades, mais complexas e imperativas serão as nossas obrigações intelectuais e morais. Sucumbir à passividade representa uma convivência com o status quo, para não dizer que seria uma adesão farisaica às correntes que advogam a neutralidade e o alheamento dos cientistas sociais perante os problemas da vida.”
(Fernandes, 2021 p. 289)

"Não é o que espero da faculdade. É o que eu espero de mim. Daqui pra frente eu não quero ser apenas alguém de quem as pessoas sentem pena. Quero fazer barulho, fazer a diferença e ajudar outras pessoas como eu a não se calarem. Quem faz justiça precisa olhar para todos. Para isso eu preciso estudar." (Mirtes Renata de Souza)

RESUMO

Esta pesquisa tem como principal objetivo compreender como a trajetória de filhas e filhos de trabalhadoras domésticas impactou e/ou influenciou o processo de entrada na universidade pública e as suas aspirações pessoais. A partir deste escopo, buscou-se compreender sobre o impacto da profissão da mãe trabalhadora doméstica na vida dos estudantes universitários e como as transformações no Brasil nos últimos vinte anos impactou a vida dos estudantes e de suas famílias. Diante disso, empreendeu-se uma pesquisa de caráter qualitativo, de natureza empírica e bibliográfica. A pesquisa bibliográfica dividiu-se em duas vertentes: o trabalho doméstico no Brasil e o ingresso na universidade brasileira. Com as contribuições teóricas de autoras como Federeci (2019), Gonzalez (2020), Davis (2019), Farias (2019), Lopes (2018) e Brites (2013), foi-se possível elaborar um panorama do trabalho doméstico no Brasil perante as perspectivas analíticas da teoria feminista, dos estudos sobre raça, da representação midiática e das perspectivas jurídicas. Em relação à universidade, analisou-se o panorama histórico da universidade no Brasil, questões e políticas de acesso à universidade, capital cultural, questões raciais, preconceito de classe com o aporte de teórico de autores como Bourdieu (1998; 2006), Bourdieu e Passeron (1992), Chauí (2000) e Mendonça (2000). A pesquisa de campo compreendeu-se a partir de entrevistas semiestruturadas com dez pessoas interlocutoras de diferentes cursos universitários e regiões do Brasil. Os dados coletados nas entrevistas foram analisados a partir de três eixos temáticos: 1) a vida familiar e escolar; 2) o ingresso na universidade e a vida universitária e 3) a relação com a profissão da mãe e as perspectivas sobre o trabalho doméstico. Por fim, com a análise teórica e a pesquisa de campo, concluiu-se que: a busca por um diploma universitário está relacionada a uma maneira de tentar subverter a pobreza geracional; as mães empreendem investimento financeiro e emocional nas filhas, especificamente, como forma de garantir a descontinuidade do trabalho doméstico intergeracional; o desejo de ascensão socioeconômica dos estudantes é motivado pela retribuição às mães, para garanti-las uma velhice tranquila e tirá-las do trabalho doméstico remunerado.

Palavras-chave: trabalho doméstico remunerado; trajetória educacional; acesso à universidade.

ABSTRACT

The purpose of this study is to understand how the trajectory of daughters and sons of domestic workers has impacted and/or influenced the process of entering public universities and their personal aspirations. From this scope, it seeks to understand the impact of the profession of the domestic worker mother on the lives of university students and how the transformations in Brazil in the last twenty years have impacted the lives of students and their families. In this context, a qualitative, empirical and bibliographic research was undertaken. The bibliographic research was structured in two areas: domestic work in Brazil and admission to Brazilian universities. With the theoretical contributions of authors such as Federeci (2019), Gonzalez (2020), Davis (2019), Farias (2019), Lopes (2018) and Brites (2013), it was possible to develop an overview of domestic work in Brazil from the analytical perspectives of feminist theory, race studies, media representation and legal perspectives. In relation to the university, the historical panorama of the university in Brazil, issues and policies of access to the university, cultural capital, racial issues, class prejudice were analyzed with the contribution of theoretical authors such as Bourdieu (1998; 2006), Bourdieu and Passeron (1992), Chauí (2000) and Mendonça (2000). The field research was based on semi-structured interviews with ten interlocutors from different university courses and regions of Brazil. The data collected in the interviews were analyzed based on three thematic axes: 1) family and school life; 2) admission to university and university life, and 3) the relationship with the mother's profession and perspectives on domestic work. Finally, with the theoretical analysis and field research, it was concluded that: the pursuit of a university degree is related to a way of trying to subvert generational poverty; mothers undertake financial and emotional investment in daughters, specifically as a way of ensuring the discontinuity of intergenerational domestic work; one of the main objectives of the students' desire for socioeconomic advancement is to repay their mothers for their sacrifice, to guarantee them a peaceful old age and to take them out of paid domestic work.

Keywords: paid domestic work; educational path; access to university.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados sobre as pessoas interlocutoras	19
Tabela 2 - Ocupação em cargos gerenciais por raça	29
Tabela 3 – Taxa de analfabetismo por raça e zona de moradia	30
Tabela 4 – Pessoas abaixo da linha da pobreza de acordo com raça	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDIFES – Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

EEP – Escola de Ensino Profissional

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

FIES – Fundo de Financiamento Estudantil

Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IFES – Instituições Federais de Ensino Superior

IME – Instituto Militar de Engenharia

ITA – Instituto Tecnológico de Aeronáutica

MPT – Ministério Público do Trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

PEC – Projeto de Emenda Constitucional

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PPG – Programa de Pós-Graduação

PROUNI – Programa Universidade Para Todos

RU – Restaurante Universitário

Sisu – Sistema de Seleção Unificada

Uenf – Universidade Estadual do Norte Fluminens

UFC – Universidade Estadual do Ceará

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	O TRABALHO DOMÉSTICO E A PERSPECTIVA DAS FILHAS E FILHOS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS ...	23
2.1	O trabalho doméstico no Brasil: perspectivas analíticas.....	23
2.1.1	<i>O trabalho doméstico no Brasil.....</i>	25
2.2	A PEC das Domésticas	30
2.3	O trabalho doméstico como continuidade da escravatura.....	32
2.4	O trabalho doméstico na cultura dominante.....	35
2.5	A vida familiar das pessoas interlocutoras e suas percepções sobre o trabalho doméstico	40
2.5.1	<i>A vida familiar.....</i>	41
2.5.2	<i>O trabalho da mãe.....</i>	52
2.5.3	<i>A perspectiva das pessoas interlocutoras sobre o trabalho doméstico.....</i>	65
3	OS FILHOS DAS EMPREGADA AGORA ESTÃO NA UNIVERSIDADE – A VIDA ESCOLAR E UNIVERSITÁRIA DE FILHAS E FILHOS DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS.....	72
3.1	A Universidade	74
3.2	A vida escolar na escola privada.....	73
3.3	A vida escolar na escola pública.....	84
3.4	O processo de entrada na universidade.....	91
3.5	A vida universitária.....	106
3.5.1	<i>Reação das mães com o resultado do ENEM ou vestibular.....</i>	106
3.5.2	<i>Tornar-se negra.....</i>	107
3.5.3	<i>O elitismo na universidade</i>	112
3.5.4	<i>A universidade como agente de transformação.....</i>	119
4	CONCLUSÃO	127
	REFERÊNCIAS	133

1 INTRODUÇÃO

Minha mãe começou a trabalhar aos 10 anos e até hoje, aos 53 anos, é trabalhadora doméstica. Atualmente, ela trabalha como diarista. Eu nasci e cresci nas casas onde a minha mãe trabalhava. Só fomos morar em uma casa alugada em 2008, quando a minha mãe finalmente teve a sua carteira de trabalho assinada.

A minha história de vida foi marcada pela convivência com o trabalho doméstico, como a filha da empregada que dormia na casa dos patrões. Mãe solteira, ela não tinha opção senão me levar para seus trabalhos. Até os meus 14 anos, vivi em quatinhos de empregada, puxadinhos e quartos improvisados. Foram, certamente, um dos anos mais difíceis da minha vida.

Para a minha mãe, o que a movia era que um dia teria uma boa educação para que não precisasse ter o emprego dela. Desde cedo entendi a missão que me foi dada: ser estudiosa e fazer da educação o portal de acesso para uma vida melhor para mim e para a minha mãe.

Claro que como cientista social e uma mulher adulta essa visão ingênua não cabe mais em mim. Porém, mesmo com o processo de desencantamento e da materialidade da realidade se fazendo mais presentes, nunca parei de refletir sobre como o trabalho doméstico marcou a minha vida.

Nunca trabalhei como empregada doméstica. Minha mãe tinha tanto temor de virar uma, que cresci sem muitas habilidades domésticas desenvolvidas. Aprendi com muito custo já na vida adulta. Então, sempre me questionava como uma pessoa que mal sabia acender um fogão sentia-se tão impactada pelo trabalho doméstico. É evidente que crescer em lares de outrem me marcou fortemente, e me fez ter uma percepção de como a exploração do trabalho doméstico funciona.

Os sacrifícios da minha mãe pareciam estar compensando durante a adolescência. Era considerada uma das estudantes mais promissoras da minha escola, fui finalista de programas de intercâmbio, aprendi inglês e espanhol e passei no vestibular para História e no Sisu para Psicologia. Acabei ficando no curso de História porque esqueci de comparecer para a chamada da lista de espera para Psicologia. Porém, acabei descobrindo uma inesperada afeição pela História, que se mantém até hoje, a ponto de ainda me fazer querer ser historiadora.

No entanto, por um contexto que envolve uma questão pessoal, decidi sair de Sobral (cidade que morei dos 9 aos 19 anos) e me mudar para Fortaleza. Por uma pressão interna (ou não) para fazer um curso que garantisse uma empregabilidade, tentei o curso de Administração na Universidade Federal do Ceará. Fui chamada na primeira chamada do Sisu através das cotas

(por renda familiar e por ter estudado em escola pública). Um ano depois, percebi que não tinha afinidade com o curso, e que a minha afinidade estava realmente nas Ciências Humanas. E foi assim que entrei no curso de Ciências Sociais pela UFC, através de transferência interna.

Desde o começo do curso sabia que queria escrever a monografia sobre o trabalho doméstico, mas não sabia em qual perspectiva. Sentia que havia algo de inexplorado nesta temática, quando lembrei da minha própria história de vida. Fui percebendo que a minha história de vida não era única, que a minha mãe não era a única a fazer um esforço hercúleo para que a sua filha não precisasse seguir a sua profissão. O ponto inicial e principal para compensar esse esforço era a entrada na universidade. E foi assim que comecei a pesquisar sobre o ingresso de filhas de trabalhadoras domésticas na universidade. Com a pesquisa monográfica, entendi que este tema ainda precisaria de mais desenvolvimento e aprofundamento. E foi assim que cheguei nesta dissertação.

No entanto, esta pesquisa não se justifica apenas pela minha história de vida. Ela se justifica pela necessidade de compreendermos como o trabalho doméstico é um ponto crucial para se compreender o Brasil e também a ponto de impactar profundamente a vida dos filhos e filhas das trabalhadoras domésticas (DAMÁSIO, 2022).

Neste contexto, a pergunta de partida que conduz a questão central para esta pesquisa foi: *Como a realidade da vida acadêmica e profissional lida com as expectativas geradas com o ingresso dos filhos de trabalhadoras domésticas na universidade?*

Diante disso, propõe-se a analisar a dinâmica familiar, a vida escolar, a vida universitária, a relação com o trabalho da mãe e a perspectiva diante o trabalho doméstico. Através do método biográfico busco compreender a relação das trajetórias desses estudantes universitários filhos e filhas de trabalhadoras domésticas com as transformações no Brasil no século XXI. O método biográfico compreende que as histórias de vida, com suas interpretações pessoais e subjetivas, dialogam com o período histórico em que estão inseridas (Goldenberg, 2011).

O objetivo geral deste trabalho é compreender como a trajetória de filhas e filhos de trabalhadoras domésticas impactou e/ou influenciou o processo de entrada na universidade pública e as suas aspirações pessoais. Dialogando em como esse processo se relaciona com a história recente do Brasil, os seguintes objetivos específicos foram traçados:

- 1) Compreender o impacto da profissão da mãe trabalhadora doméstica na vida dos estudantes universitários.
- 2) Como ser um filho ou uma filha de trabalhadora doméstica influencia, ou influenciou as escolhas acadêmicas e profissionais.

3) Como as transformações no Brasil ao longo dos últimos 20 anos repercutiram na vida dos estudantes (como, por exemplo, a Lei de Cotas e a PEC das Domésticas).

A pandemia de Covid-19 e o trabalho doméstico no Brasil

Em 2020, todo pesquisador brasileiro teve, mesmo que de maneira indireta, que inserir o contexto da pandemia do vírus SARS-CoV-2, ou Coronavírus (Covid-19) em seus trabalhos. Fomos afetados pela interrupção das aulas, atividades, e fomos obrigados a nos reinventar em um dos contextos sócio-políticos mais hostis da história recente do Brasil. Neste trabalho, o contexto da pandemia é inserido, mas não necessariamente como um eixo central da pesquisa.

No entanto, mesmo que a pandemia do Coronavírus não seja objeto central de estudos, ela não consegue passar despercebida ou desnecessária no processo da pesquisa. Neste caso, de forma geral, é importante trazer a reflexão e discussão de como a pandemia afetou o trabalho doméstico.

O vírus da Covid-19 não somente devastou vidas e dilacerou famílias, mas expôs a imensa fragilidade socioeconômica da classe trabalhadora. Até maio de 2020, 70% dos que apresentaram sintomas eram negros, metade dos sintomáticos tinha o ensino fundamental ou médio incompleto.¹

A pandemia nos escancarou a realidade da exploração do trabalho doméstico em acontecimentos de grande repercussão. A primeira morte por COVID-19 no Rio de Janeiro, foi a de uma trabalhadora doméstica² cuja patroa transmitiu o vírus para ela após uma viagem da Itália, um dos países mais atingidos no começo de 2020 (CAL; BRITO, 2020). O marido da famosa cantora Ivete Sangalo falou em uma entrevista que toda a sua família pegou COVID-19 e atribuiu a trabalhadora doméstica como transmissora porque ela ousou visitar sua família em sua folga quinzenal.³

O caso mais emblemático foi a da morte do menino Miguel, causada pela patroa de sua mãe, Sari Côrte Real, esposa de Sérgio Hacker, ex-prefeito do município de Tamandaré, no

¹ De acordo com os dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>

² Governo do Rio de Janeiro confirma a primeira morte por Coronavírus em março de 2020: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/19/rj-confirma-a-primeira-morte-por-coronavirus.ghtml>

³ A pandemia do coronavírus suscitou o debate acerca das condições de trabalho das trabalhadoras domésticas. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-pandemia-e-nossos-antigos-flagelos>

estado de Pernambuco. Com o fechamento das escolas e creches durante a pandemia e sem poder ficar em casa por conta da exigência de Sari e Sérgio para que trabalhasse para eles, Mirtes de Souza precisou levar seu filho para o seu local de trabalho, um prédio de luxo situado em um dos bairros mais nobres da cidade de Recife. Enquanto Mirtes passeava com o cachorro da família, seu filho ficou no apartamento junto com Sari Corte Real, que estava usufruindo dos serviços de uma manicure. Querendo ir ao encontro de sua mãe, o menino Miguel tentou sair do apartamento e ir atrás dela. A patroa, então, chamou o elevador para o menino e deixou ele ir só atrás de sua mãe. O menino, de apenas 5 anos de idade, acabou caindo do nono andar e veio a falecer. Sarí Corte Real foi indiciada por abandono de incapaz.

Esse caso expõe todas as facetas das explorações de raça, classe e gênero. Uma mulher negra que trabalhava para uma mulher branca. Enquanto a patroa branca estava cuidando de sua estética, uma mulher negra passeava com seu cachorro. No ínterim, uma criança negra morre. Enquanto a mulher branca de família poderosa tinha todo um aparato financeiro a seu dispor e quem a servisse, uma mãe se via obrigada a levar seu filho pequeno para o seu trabalho. Até hoje, Sarí Corte Real segue sem condenação e Mirtes de Souza continua na luta incessante por justiça pelo seu filho (CAL; BRITO, 2020).

Portanto, esta pesquisa se faz relevante por dialogar com debates tão caros para a sociedade brasileira: o trabalho doméstico, o ingresso dos filhos da classe trabalhadora na universidade e as perspectivas desses grupos marginalizados para subverter sua condição socioeconômica. Esses assuntos trazem, intrinsecamente, a discussão sobre o racismo no Brasil, a dificuldade de acesso ao Ensino Superior por pessoas pobres e não-brancas e a importância e o impacto da Lei de Cotas e a PEC das Domésticas.

Como foi feita a pesquisa

A pesquisa realizada é de caráter qualitativo, de natureza exploratória e bibliográfica. Na pesquisa bibliográfica, buscou-se traçar como trabalho doméstico remunerado se constitui no Brasil através das perspectivas teóricas de Davis (2019), Gonzalez (2020) e Federici (2019), Farias (2019), Lopes (2018) e Brites (2013); da análise da PEC das Domésticas e como o trabalho doméstico é retratado nas expressões culturais hegemônicas. Além disso, buscou-se traçar um panorama da universidade enquanto instituição no Brasil, o processo de ingresso na universidade pública no Brasil, a Lei de Cotas e seu impacto na mudança do perfil do estudante universitário, como aporte teórico de autores como Bourdieu (1998; 2006),

Bourdieu e Passeron (1992), Chauí (2000), Souza (1983) e Mendonça (2000). A pesquisa bibliográfica, em conjunto com os dados coletados nos relatos de dez estudantes universitários, compõe o escopo desta pesquisa.

Em relação ao percurso de campo, primeiro, elaborei um formulário online com o objetivo de encontrar estudantes universitários, filhos e filhas de trabalhadoras domésticas, disponíveis para serem entrevistadas. O formulário foi divulgado em redes sociais como Instagram e WhatsApp. Apesar do receio desse tipo de divulgação acontecer somente em meu nicho virtual, consegui um bom alcance e obtive mais de 60 respostas. A maior parte das respostas foram de pessoas que residem no estado do Ceará, mas obtive respostas de outros Estados do país.

Em relatos de entrevistas e pesquisas de campo, é comum perceber receios e desconfianças da pessoa interlocutora diante a pessoa pesquisadora. No meu caso, acabei tendo uma demanda maior de pessoas interlocutoras interessadas do que conseguiria gerir para esta dissertação. Esta recepção amplamente positiva de potenciais interlocutores/as ocorreu devido a esse público ser também inserido no campo acadêmico e por sentirem que a temática da pesquisa é pertinente. Diante a grande receptividade de pessoas interessadas na pesquisa, prezei por uma diversificação de áreas de conhecimento, e também na medida do possível, de área geográfica.

Portanto, seguindo os critérios geográficos e de distintas áreas de conhecimento, cheguei a 10 pessoas interlocutoras, onde:

- 7 são mulheres cisgênero e 3 são homens cisgênero;
- 8 são pessoas negras, uma é pessoa indígena e uma é pessoa branca;
- todas são da faixa etária 20-30 anos;
- 6 são graduadas e 4 são graduandas;
- das 6 pessoas graduadas, 5 são pós-graduandas ou mestras.
- 6 são do Ceará (Fortaleza, Região Metropolitana e Centro-Sul do estado);
- uma é de Pernambuco, uma de São Paulo, uma do Mato Grosso do Sul, uma do Pará;

Ademais, todas as 10 pessoas interlocutoras são de distintos cursos como Publicidade, Engenharia Civil, Arquitetura, Teatro, Serviço Social, Biologia, Enfermagem, Letras, História e Jornalismo. Com o intuito de preservar a privacidade das pessoas interlocutoras, não as referirei pelo seu nome verdadeiro e não mencionarei de forma explícita

a cidade onde cresceram e/ou cursaram o Ensino Superior. A seguinte tabela explicita com mais clareza:

Tabela 1 – Dados sobre as pessoas interlocutoras

Nome	Curso	Gênero	Raça	Cotas	Graduada(o)	Pós-graduação
Sarah	Serviço Social	Feminino	Negra	Sim (na pós-graduação)	Sim	Sim
Larissa	Teatro	Feminino	Negra	Não	Não	Não
Samuel	História	Masculino	Negro	Sim	Sim	Sim
Mariana	Letras - Francês	Feminino	Negra	Não	Sim	Não
Helena	Jornalismo	Feminino	Indígena	Sim	Não	Não
Ingrid	Enfermagem	Feminino	Negra	Sim	Sim	Sim
Daniel	Arquitetura	Masculino	Branco	Não	Sim	Sim
Gabriela	Biologia	Feminino	Negra	Não	Sim	Sim
Tatiana	Publicidade	Feminino	Negra	Sim	Não	Não
Pedro	Engenharia Civil	Masculino	Negro	Sim	Não	Não

Fonte: elaborada pela autora

O roteiro da entrevista semiestruturada foi constituído por três blocos temáticos:

- 1) a vida escolar e familiar;
- 2) o ingresso na universidade e a vida universitária;
- 3) como a pessoa interlocutora compreende o trabalho doméstico.

As entrevistas se deram, em sua maior parte, de forma remota. Oito delas foram realizadas por meio de plataformas de reuniões remotas. Além disso, uma entrevista ocorreu via ligação telefônica e outra através de conversa presencial. As entrevistas ocorreram durante janeiro e abril de 2022. As conversas duraram, em média, de 30 minutos a 1 hora e 30 minutos.

Com as entrevistas semiestruturadas, não participava apenas de modo a perguntar e ouvir, mas também compartilhava experiências e discorria sobre assuntos ou temáticas para além do roteiro, conforme o fluxo de cada conversa individual (BONI; QUARESMA, 2005). Em certos momentos partilhei da minha própria experiência como filha de trabalhadora doméstica. Primeiro, ocorreu-me o questionamento de estar de alguma forma “atrapalhando” a entrevista, mas refleti, posteriormente, que essa aproximação com as pessoas com quem conversei as trouxe mais familiaridade, o que as permitiu que se sentissem confortáveis em compartilhar de suas histórias comigo.

Apesar da ampla receptividade e disponibilidade das pessoas interlocutoras, encontrei outras barreiras durante a etapa de campo. Primeiro, fui infectada pela Covid e tive que atrasar o cronograma de entrevistas. Cursar todo o mestrado durante uma pandemia gerou-me uma grande ansiedade onde me vi paralisada toda vez que tinha que entrar em contato com alguém e marcar uma data para entrevistas. Passei dez vezes pelo processo de receio para entrar em contato e marcar uma data de entrevista, além da ansiedade e temor nos dias e horas que precediam a entrevista, seguido por um imenso alívio e felicidade após ter momentos tão ricos e agradáveis com as pessoas interlocutoras.

Acredito que descrever esses momentos de medo e ansiedade diante da pesquisa é importante, pois as etapas até se chegar ao trabalho final nem sempre são agradáveis. Executar uma pesquisa, principalmente diante um contexto de pandemia, gera um sentimento de medo, de desesperança e de insegurança. Creio que temos receio de compartilhar esses processos por medo de enfraquecer a credibilidade de nosso trabalho e pelo receio de sermos vistos como fracos e indisciplinados. No entanto, sabemos que a pós-graduação por si só é uma etapa que nos fragiliza emocionalmente e isso interfere em nossos trabalhos. Com mais abertura em falar disso diante o processo da pesquisa, conseguiremos ampliar debates e enriquecer o nosso trabalho.

Após a etapa de entrevista e transcrições, classifiquei os dados coletados a partir dos seguintes eixos temáticos: vida familiar, vida escolar, processo de entrada na universidade, vida universitária, relação com o trabalho da mãe e impressões gerais sobre o trabalho doméstico. A inserção dos relatos permeia a análise bibliográfica, dialogando, assim, a trajetória das pessoas interlocutoras com o contexto teórico e o processo histórico em que elas estão inseridas (BOURDIEU, 2006).

Este trabalho divide-se em duas partes: o trabalho doméstico e a universidade. O segundo capítulo trata das perspectivas analíticas sobre o trabalho doméstico no Brasil. Através das perspectivas de raça, classe, gênero, da representação midiática e cultura, o perfil do trabalho doméstico no Brasil. Ademais, o advento da PEC das Domésticas em 2012 constitui uma mudança do paradigma analítico do trabalho doméstico não apenas sobre o impacto para as trabalhadoras domésticas, mas por colocar o tema do emprego doméstico em voga. Com o declínio da popularidade de Dilma Rousseff e a popularização do antipetismo, o trabalho doméstico remunerado representa um tema que explicita uma das expressões do antipetismo: a aversão a PEC das domésticas, das políticas de ação afirmativa e dos programas de transferência social (RODRIGUES, 2017).

Neste ínterim, insere-se a relação das pessoas interlocutoras com as suas famílias e a sua relação com a profissão de suas mães. Algumas pessoas interlocutoras conviveram diretamente com o cotidiano laboral de suas mães, outras com mais distância. O trabalho das mães altera de forma substancial a dinâmica familiar, pois a dedicação a outro lar a fazem carecidas do suporte familiar. Isso se reflete em serem comuns relatos de moradias temporárias ou permanentes com parentes, especialmente os avós. Porém, é através do trabalho doméstico que quase todas as pessoas interlocutoras são e/ou foram providas. As mães abdicam de seu tempo para que seus filhos tenham mais tempo e tranquilidade para dedicar-se aos estudos, e, por conseguinte, a visão do Ensino Superior como a porta de entrada para uma futura estabilidade financeira. Por fim, as pessoas interlocutoras compartilham como compreendem o trabalho doméstico remunerado.

O terceiro capítulo aborda todo o processo da vida escolar, a entrada na universidade e a vida universitária das pessoas interlocutoras. Esse processo na trajetória escolar e universitária dialoga com a discussão teórica sobre o Ensino Superior no Brasil. Através da formação da universidade enquanto instituição no Brasil percebe-se que o acesso ao Ensino Superior era, até antes dos programas de ações afirmativas, restrito a quem tinha mais capital cultural obtido durante a infância e adolescência ou quem era mais treinado para os exames seletivos para a universidade (BOURDIEU; PASSERON, 1992; CHAUI, 2001; FÁVERO, 2006).

Porém, através das análises das entrevistas, percebi que estudar em uma escola privada não garante necessariamente uma maior obtenção de capital cultural, tendo em vista que o processo de estranhamento durante os primeiros momentos na vida universitária foi sentido tanto pelas pessoas interlocutoras que estudaram em escolas privadas ou escolas públicas. Tanto os que estudaram em escolas privadas e os que estudaram em escolas públicas sentiram dificuldades com algumas disciplinas e com o domínio de línguas estrangeiras. No entanto, estudar em escola pública ou privada teve impacto significativo no processo de entrada na universidade. Aqueles que estudaram em escolas privadas ou escolas públicas seletivas (como Institutos Federais, escola militar ou escola mantida por entidades patronais) tiveram maior facilidade em entrar no Ensino Superior, enquanto aqueles que estudaram em escola pública regular tiveram mais dificuldade para ingressar na universidade.

Por fim, o trabalho doméstico e o ingresso na universidade se relacionam a partir dos seguintes eixos:

- 1) obter uma graduação em uma universidade pública como forma de buscar subverter a pobreza geracional;

2) como forma de garantir a descontinuidade do trabalho doméstico remunerado intergeracional;

3) como forma de retribuir as mães pelo seu sacrifício, garantir-lhe uma velhice tranquila e tirá-la do trabalho doméstico remunerado.

2 O TRABALHO DOMÉSTICO E A PERSPECTIVA DAS FILHAS E FILHOS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS

Neste capítulo elaboro um panorama teórico sobre o trabalho doméstico no Brasil através das perspectivas de raça, classe, gênero, da representação midiática, cultural das trabalhadoras domésticas e do advento da PEC das Domésticas. Ademais, trago as perspectivas das filhas e filhos de trabalhadoras domésticas (que exercem ou não a profissão atualmente) sobre o trabalho doméstico remunerado e não remunerado, suas dinâmicas familiares e a relação com a profissão de suas mães.

2.1 O trabalho doméstico no Brasil: perspectivas analíticas

A análise do trabalho doméstico remunerado e não remunerado pode ocorrer a partir de perspectivas interdisciplinares e de distintas áreas de conhecimento. A teoria feminista, estudo jurídico, estudos raciais, estudos de classe, os meios de comunicação e a produção cultural são exemplos das diversas abordagens para a análise, o estudo, a representação e a concepção do trabalho doméstico.

As questões de gênero e classe tem abordado o tema, destacando o trabalho reprodutivo e do cuidado como um dos pilares para o estabelecimento do capitalismo (FEDERICI, 2019; DAVIS, 2016; GONZALEZ, 2020). O Direito, como ferramenta legitimadora do Estado burguês, tem o poder de determinar se o trabalho doméstico é um trabalho, e só o fez em 2012 com o Projeto de Emenda Constitucional n° 72 (mais conhecido como a PEC das Domésticas). Já os meios de comunicação de massa são ferramentas de expressão e imposição dos ideais da classe dominante (BATES, 1975). Neste sentido, vemos como a imagem da trabalhadora doméstica é perpetuada pela mídia hegemônica e pela produção cultural como essa expressão dos ideais da classe dominante.⁴

A invasão, saque e colonização das Américas foi e é um projeto bem-sucedido para o capital se estabelecer porque dizimou boa parte da população autóctone, sequestrou e escravizou povos africanos para efetivar a dominação material, cultural e psicossocial do colonizador. Ademais, o projeto do capitalismo colonizador precisa da força de trabalho doméstico exercido por mulheres pelo projeto do capitalismo patriarcal da divisão sexual do

⁴ Alguns exemplos clássicos são: a Tia Nastácia, a trabalhadora doméstica como personagem de telenovelas e filmes.

trabalho, ou seja, estabelecendo papéis sociais para homens e mulheres como se estes fossem inerentes ao sexo de nascimento (FEDERICI, 2019).

A dominação do corpo e da força de trabalho da mulher (especialmente o doméstico) é uma força motriz para o funcionamento do patriarcado capitalista. Angela Davis (2016) parte de uma perspectiva feminista marxista que vai além da exploração econômica. Para ela, raça, gênero e classe estão consubstancialmente interligados, não sendo possível pensar na superação de um desses aspectos sem pensar nos outros.

A teoria feminista dispõe de abrangente produção sobre o trabalho doméstico que ultrapassa as fronteiras de suas vertentes. Considerada uma das pioneiras do movimento feminista quando este ainda nem sequer tinha denominação, Sojourner Truth em seu discurso “Não sou eu uma mulher?”⁵brada, ainda no século XIX, contra a gênese do trabalho doméstico criado para a solidificação do sistema colonial-capitalista: a escravatura e a divisão sexual do trabalho. (DAVIS, 2016).

As pautas mais notórias e difundidas do movimento feminista são a luta por direito ao voto, pela igualdade salarial, pelo direito ao trabalho, pelos direitos reprodutivos, o combate à violência doméstica e de liberdade sexual e estética. Quando pautas essenciais do movimento são reivindicadas não tendo as demarcações de raça e classe como eixos centrais, formam-se contradições que arriscam até mesmo o caráter revolucionário de tal movimento. Neste contexto, Farias (1979) afirma que um dos fatores que permite a mulher de classe média sair do ambiente doméstico para exercer carreiras profissionais é outra mulher, pobre – e, na maioria das vezes, negra – exercer o trabalho que antes era lhe era relegado. Ou seja, o trabalho doméstico é uma herança da escravatura tão incutida na nossa sociedade a ponto de gerar imensa contradição nos avanços das reivindicações das mulheres. Avanços importantes na luta feminista não conseguem ter ressonância substancial quando são desprendidos dos eixos de classe e raça (DAVIS, 2016).

Federici (2019) argumenta que o trabalho doméstico é um fator crucial na definição da exploração das mulheres no capitalismo. Neste sentido, podemos discutir o trabalho doméstico remunerado e não remunerado e estabelecer o primeiro como enfoque maior nesta pesquisa. O trabalho doméstico não remunerado está ligado ao trabalho afetivo, aquele costumeiramente exercido pelo que denominamos de dona de casa. A ela é estabelecido o papel

⁵“Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher?” (DAVIS, 2016, p. 72)

de cuidar da casa, preparar o alimento, cuidar dos filhos, educar os filhos e cuidar do marido. Considerado natural e inerente à mulher, o trabalho doméstico não remunerado não é incluído na esfera do trabalho. Já o trabalho doméstico remunerado é uma herança direta do sistema escravocrata. Mesmo com o seu fim legal, a exploração do corpo e da força de trabalho de pessoas escravizadas e seus descendentes se reconfigurou com o trabalho doméstico remunerado. Nesta dissertação, refiro-me ao trabalho doméstico (mal) remunerado.

2.1.1 O trabalho doméstico no Brasil

O trabalho doméstico é um dos trabalhos com menor remuneração no mundo. E no Brasil, mesmo com o advento da PEC das Domésticas e da Lei Complementar n° 150, em 2021 76% das trabalhadoras domésticas (4 milhões de trabalhadoras) no Brasil não tinham a carteira assinada. Pode-se afirmar também que no Brasil o trabalho doméstico é um trabalho quase que exclusivo das mulheres, já que 92% dos trabalhadores domésticos são mulheres, e desse contingente, 65% dessas são negras (DIEESE, 2022).

A data de 13 de maio de 1888 representa a data da abolição da escravatura do Brasil, mas esta abolição foi meramente um ato legal. Mesmo não tendo mais “donos” em um sentido literal e legal, essas pessoas teoricamente livres continuaram aprisionadas pela troca de sua força de trabalho por um salário. As antes pessoas escravizadas não receberam indenização e nem sequer outra forma de “compensação” ou “reparação”. De escravizados, para a massa trabalhadora explorada pela burguesia do capitalismo periférico. Os processos históricos que permitiram o emprego doméstico ter entre as suas principais características a de ser um trabalho feito por mulheres, e dentre essas mulheres a maioria ser negras, iniciaram-se com este contexto da escravatura, continuaram mesmo após a abolição, e ainda perdura como um trabalho diretamente ligado ao período colonial-escravista (LOPES, 2021).

Antes forçadas pela escravização para trabalhar no ambiente doméstico, agora essas mulheres são forçadas pela pobreza, pela falta de escolaridade e acesso a melhores condições de trabalho. Ainda que o trabalho doméstico seja relegado a mulheres pobres, independentemente de sua cor, ele ainda é exercido na maioria por mulheres negras. Como afirma Lélia Gonzalez (2020, p. 33):

No período que imediatamente se sucedeu à abolição, nos primeiros tempos de “cidadãos iguais perante a lei”, coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isso significou que seu trabalho físico foi decuplicado, uma vez que era

obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares. Antes de ir para o trabalho, havia que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimento para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas das filhas mais velhas no cuidado dos mais novos. Acordar às três ou quatro horas da madrugada para “adiantar os serviços caseiros” e estar às sete ou oito horas na casa da patroa até a noite, após ter servido o jantar e deixado tudo limpo. Nos dias atuais, a situação não é muito diferente.

Um eufemismo muito comum para se referir a um trabalho precarizado é a utilização do discurso do “emprego digno”. A dignidade do trabalho como atribuição valorativa é um dos principais adjetivos para referir-se ao trabalho doméstico. Segundo o que é comumente dito, elas são recebidas em um lar, acolhidas, alimentadas, tratadas “como se fossem da família”, e, até mesmo, ganham um valor em dinheiro em troca de todos esses “benefícios”! Em troca de todas essas “benesses”, essas mulheres precisam “apenas” ter disponibilidade de passar o dia inteiro disponível para a sua quase família, mesmo durante finais de semana e feriados (DA SILVA et. al, 2017).

Entretanto, para muitos, o discurso proferido no parágrafo anterior não é dito de forma irônica. Pelo contrário, ele é um dos argumentos mais utilizados para aproximar a trabalhadora doméstica a um ente familiar e/ou para justificar o porquê de o trabalho não ser remunerado conforme o que rege a lei e pelo cumprimento de uma carga horária que não ultrapasse 8 horas diárias e 44 horas semanais.⁶

Os empregadores podem ser considerados como a personificação do conceito do “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda. Porém, é preciso atentar-se que a cordialidade referida por Holanda (1995, p. 147) não é referenciada a partir de uma conotação positiva, pois “seria engano supor que essas virtudes podem significar boas maneiras, civilidade”. Como afirma Souza (2007, p. 344):

A cordialidade brasileira não exclui a violência: pelo contrário, o Homem Cordial é um homem dado a atitudes extremas, capaz de agir com extrema violência. Extrema porque se trata de uma violência que atua fora dos meios legais de coerção, e extrema porque é a expressão de um comportamento incapaz de moldar-se a padrões legais e à ordem pública. A tal ordem o Homem Cordial contrapõe a lógica da esfera privada e de seus códigos particulares, que são os códigos dessa esfera. É essa violência – que não é a violência weberiana, monopolizada pelo Estado, e, sim, a violência privada, sancionada por códigos particulares [...].

Ou seja, os empregadores são extremamente cordiais nos preceitos de Sérgio Buarque de Holanda (1995), onde a intimidade, a generosidade e a familiaridade são utilizadas

⁶ Para uma leitura com maior profundidade sobre a perspectivas das empregadoras, recomendo a tese de Thays Monticelli (2017).

como uma forma (nem tão) sutil de violência com a trabalhadora doméstica. Os empregadores podem presentear a trabalhadora doméstica, seus filhos, pagar algo fora do contexto da relação de trabalho (como, por exemplo, ajudar a pagar a escola dos filhos das trabalhadoras, cobrir alguma despesa médica), tratá-la afetivamente. No entanto, essa relação de afeto e proximidade não reduz a carga horária da trabalhadora doméstica, não garante o pagamento de um melhor salário, não implementa banco de horas, não isenta a trabalhadora de ser costumeiramente a primeira suspeita de roubo e danos ao patrimônio material dos empregadores.

É preciso, também, apontar que o emprego doméstico tem como um acontecimento recorrente e comum o uso da humilhação dos patrões perante as trabalhadoras domésticas. Freitas (2014) afirma que a humilhação no emprego doméstico está ligada ao grau de separação social entre empregadores e trabalhadoras domésticas, e que os rituais de imposição de poder são presenças constantes no cotidiano do emprego doméstico. Ele ressalta, porém, que a humilhação não é apenas uma imposição enfática de poder. Ela se dá também de maneira sutil quando, por exemplo, a trabalhadora doméstica é caracterizada como alguém que precisa ter hábitos corrigidos para poder adaptar-se aos “bons costumes” do espaço social de seus patrões.

Freitas (2014) identificou seis tipos de ação-humilhação específicas do trabalho doméstico:

- 1) restrições ríspidas (utilizar talheres diferentes, banheiro diferente, negação ou restrição de alimentação);
- 2) mania de limpeza e excesso de supervisão nas atividades cotidianas da trabalhadora doméstica;
- 3) não reconhecimento das atividades exercidas pela trabalhadora;
- 4) escassez de direitos (acordos e contratos informais, mesmo diante uma situação onde os empregadores assinam a carteira da trabalhadora);
- 5) descontrole emocional dos patrões (gritos e xingamentos);
- 6) acusações de roubo.

Para além dos baixos salários e informalidade, o trabalho doméstico é carregado pelas mazelas de um passado e presente escravocrata, onde as trabalhadoras domésticas não raramente sofrem abusos físicos, sexuais e morais, humilhações, acusações de roubo, acusações de danos ao patrimônio dos empregadores, dentre outros. Ademais, a menção ao ofício exercido por essas trabalhadoras é exercida pejorativamente. Expressões como “cara de empregada”, “eu por acaso sou sua empregada?”, “filha da empregada” são carregadas de um discurso racista e

elitista. São costumeiramente utilizadas para diferenciar-se da figura da trabalhadora doméstica ou para equiparar ou assemelhar alguém à trabalhadora como uma forma de ofensa.

Lélia Gonzalez (2020) aborda sobre a múltipla exclusão da mulher negra, que se dá tanto pela libertação da mulher branca às suas custas quanto por ser a principal recipiente de termos e papéis sociais que denotam a sua exclusão. Termos como “doméstica”, de acordo com a autora, demarcam a exclusão social que busca atribuir à mulher negra o seu “lugar natural” de trabalhadora doméstica, merendeira, servente, dentre outras funções que impliquem a dita “falta de conhecimento técnico” e que lide com aquilo que aqueles que não pertencem a uma camada social extremamente precarizada não queiram lidar: limpar aquilo que outros sujaram e servir a outras pessoas. Por outro lado, essa mesma mulher negra é uma mulher sexualmente desejada e fetichizada, e isto reflete em como a trabalhadora doméstica é vulnerável a sofrer abusos sexuais, e ser comumente retratada na literatura, filmes e novelas como a mulher que inicia a vida sexual dos empregadores (COROSSACZ, 2014).

Esse processo de exclusão é uma das armadilhas da burguesia para manter pessoas cativas a subempregos e/ou presas a arquétipos pejorativos e desumanizadores. A escravização de africanos, afro-brasileiros e povos nativos das Américas foi, sobretudo, o que deu aporte a uma produção de riqueza que proporcionou o crescimento e estabelecimento do capitalismo.

Primeiro, é preciso considerar que a burguesia⁷ é quem detém os meios de produção, como consta na clássica definição marxista. Segundo, é preciso diferenciar esse grupo que realmente detém o capital econômico-financeiro da classe média. No cotidiano, pessoas pobres e de classe média convivem entre si. Para nós, pobres, ter contato com advogados, médicos, pequenos empresários, professores universitários, dentre outras categorias associadas à classe média é algo comum. Porém, não temos contato com CEOs, bilionários, grandes empresários, donos de conglomerados, políticos poderosos, dentre outros, e nem com seus filhos. Portanto, é comum atribuir interpretar a classe média e classe média-alta como se elas fossem a própria burguesia.⁸ É, de fato, compreensível o porquê de isso acontecer. Vemos pessoas com carro, casa própria, trabalho estável, com condições de usufruir de momentos de lazer e de usufruir os espaços da cidade, e se comparando com pessoas que não tem nada disso, a classe média é vista como poderosa. (REIS, 2000; COMIN, 2015; GRILL; REIS, 2018)

⁷ Exemplos: figuras como grandes acionistas do capital financeiro, bilionários, donos de redes sociais, grandes empresários, donos de conglomerados.

⁸ É importante salientar que essa impressão de que temos que a classe média brasileira é rica é devido ao alto nível de desigualdade social no Brasil. Em um país que mais da metade de sua população estava em situação de insegurança alimentar na pandemia da COVID-19, é compreensível o imaginário popular de riqueza atribuído à classe média.

Ademais, é imprescindível destacar que essas divisões entre a classe média e o proletariado está fundamentalmente relacionada com marcadores de raça, como visto nas tabelas abaixo com dados da publicação Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil pelo IBGE (2019):

Tabela 2– Ocupação em cargos gerenciais por raça

Mercado de trabalho em cargos gerenciais – ocupação por raça	
Cargos gerenciais ocupados por brancos	68,6%
Cargos gerenciais ocupados por pretos ou pardos	29,9%

Fonte: IBGE (2019)

Tabela 3 – Taxa de analfabetismo por raça e zona de moradia

Taxa de analfabetismo (pessoas de 15 anos ou mais)			
	Total	Urbano	Rural
Branca	3,9%	3,1%	11,0%
Preta ou parda	9,1%	6,8%	20,7%

Fonte: IBGE (2019)

Tabela 4 – Pessoas abaixo da linha da pobreza de acordo com raça

Pessoas abaixo da linha da pobreza		
	Branca	Preta ou parda
Inferior a US\$ 5,50/dia	15,4%	32,9%
Inferior a US\$ 1,90/dia	3,6%	8,8%

Fonte: IBGE (2019)

Neste sentido, a burguesia necessita do “trabalho qualificado” da classe média, e a classe média precisa dos serviços da trabalhadora doméstica para que ela não se ocupe com as tarefas domésticas e com o cuidado de seus filhos e assim consiga ser também diretamente produtiva para o capital. Apesar de a classe média estar objetivamente mais próxima da pobreza do que da riqueza⁹, seu principal opositor em disputas de classe é justamente aqueles de quem estão mais próximos (AQUINO, 2019).

⁹ Após governos e contrarreformas neoliberais de Michel Temer (2016-2018) e Jair Bolsonaro (2019- 2022) - Reforma da Previdência, Reforma Trabalhista, Teto de Gastos, por exemplo -, a classe média perdeu renda nos últimos anos e empobreceu.

<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/04/4999652-a-maltratada-classe-media.html>

<https://br.financas.yahoo.com/noticias/metade-da-populacao-continuara-a-ser-classes-d-e-e-no-brasil->

2.2 A PEC das domésticas

Dois acontecimentos na história recente do Brasil ilustram muito bem o que foi dito anteriormente sobre a percepção da classe média diante a população precarizada: a Lei de Cotas e a PEC das Domésticas. O Projeto de Emenda Constitucional n° 72, popularmente conhecida como a PEC das Domésticas, ganhou bastante notoriedade por finalmente amparar legalmente a trabalhadora doméstica. A partir da PEC das Domésticas e da Lei Complementar n° 150 – que regulamenta alguns direitos não estabelecidos na PEC n° 72, como o seguro-desemprego, adicional noturno, o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) - podemos analisar o trabalho doméstico contemporâneo sob a ótica do Direito (LOPES, 2021).

No entanto, conforme Vieceli (2015), as primeiras normas jurídicas sobre o emprego doméstico no Brasil apareceram por volta de 1880, em um período histórico próximo da abolição legal da escravatura (que se deu em 1888), período em que houve um crescimento da mão de obra livre. Porém, estas normas visavam proteger o empregador e controlar a empregada, sendo esta passível de ser punida por multa ou detenção em caso de não cumprimento das regulamentações. Vale reforçar que essas regulamentações tinham um caráter de controle higienista, exigindo exames médicos periódicos, especialmente para as que cuidavam dos filhos dos patrões.

Já no século XX, a primeira lei de caráter nacional que tratou do emprego doméstico foi o Decreto-Lei no 3.708, de 27 de fevereiro de 1941. Este decreto estabeleceu a definição do emprego doméstico, o uso de carteira profissional de trabalho e exigia das trabalhadoras domésticas atestado de saúde, vacina e de boa conduta (este era emitido por instituições policiais). No entanto, o Decreto não entrou em vigor porque foi revogado pelo Decreto-Lei no 5.542, de 1° de maio de 1943, que aprovou a CLT. Com a Constituição de 1988 o emprego doméstico foi incluído no artigo sétimo da CLT, mas de maneira parcial, ou seja, a categoria era contemplada apenas em alguns incisos. Alguns destes eram: direito ao salário-mínimo nacional, décimo terceiro salário, repouso remunerado, férias remuneradas, licença maternidade de 120 dias, e aposentadoria. Portanto, a PEC das Domésticas e a Lei Complementar n°150¹⁰

ate-2024-190458975.html

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/08/nova-classe-c-perdeu-terreno-e-ficou-para-tras-diz-marcelo-neri.shtml>

¹⁰ Em 2015, foi regulamentado o direito ao seguro-desemprego, adicional noturno, o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), dentre outros, para os trabalhadores domésticos.

acrescentaria às trabalhadoras domésticas os direitos já estabelecidos na CLT (DAMACENO; CHAGAS, 2013).

A PEC das Domésticas foi celebrada como um marco para os direitos das trabalhadoras domésticas, e foi de fato uma das grandes vitórias políticas dessas trabalhadoras. Finalmente elas teriam um respaldo jurídico conforme o que dita a Constituição Federal de 1988. Porém, essa vitória não veio sem grande reação negativa da elite e da classe média. A mídia hegemônica e setores da classe média foram os opositores mais visíveis da PEC, tendo gerado na época de sua aprovação uma acalorada discussão sobre os direitos trabalhistas das trabalhadoras domésticas. De um lado víamos a classe média argumentando inviabilidade financeira em pagar salário e demais encargos trabalhistas, e de outro víamos trabalhadoras que estariam finalmente amparadas pela CLT (ALMEIDA, 2017).

A PEC significou que finalmente a trabalhadora doméstica poderia ser legalmente tratada como uma trabalhadora. Não foi apenas uma vitória para sindicalistas e ativistas que há tanto tempo lutavam pelos direitos da trabalhadora doméstica, mas também para toda uma classe que teria como reivindicar os retornos pela sua força de trabalho. Porém, é desolador perceber que o que foi descrito como revolucionário é apenas o tardio acesso das trabalhadoras domésticas às formas de contrato laboral do capitalismo: sua mão-de-obra em troca de um salário mínimo e algumas concessões que as permitam ter os mais básicos dos direitos de todo trabalhador: descanso semanal, férias, direito ao seguro-desemprego. Em suma, a PEC causou revolta porque a sociedade brasileira não enxerga a trabalhadora doméstica como uma trabalhadora de fato. No entanto, como nem sempre este discurso não se dá de modo explícito, o discurso da dignidade do trabalho é evocado, como já abordado anteriormente (RODRIGUES, 2017).

Não bastava apenas uma emenda constitucional para assegurar certa dignidade às trabalhadoras, mas uma profunda transformação social da sociedade brasileira. Como apenas a primeira coisa aconteceu e a segunda ainda não, houve uma grande retaliação de praticamente todos os setores da sociedade. A classe média alegou inviabilidade financeira, a elite (através dos meios de comunicação hegemônicos) evocou a não compatibilidade com a economia e ajudou a fundamentar as manifestações da classe média. É importante destacar que a PEC das Domésticas foi, inclusive, um dos fatores de radicalização da classe média para a extrema-direita bolsonarista. Entre os anos de 2012 e 2015, o que seria hoje o setor da sociedade brasileira associado ao bolsonarismo utilizava constantemente as redes sociais para manifestar

discurso de ódio dirigido às trabalhadoras domésticas e ultrajar a PEC das Domésticas¹¹ (LOPES, 2018).

No dia 4 de dezembro de 2012, a PEC das Domésticas foi aprovada na Câmara dos Deputados quase por unanimidade, tendo apenas dois votos contrários.¹² Um desses deputados vangloriava-se, sempre que tinha a oportunidade, de ter votado contra a PEC, inclusive, autoproclamando-se como o único que votou contra. Este deputado era Jair Messias Bolsonaro, o ex-Presidente da República. Bolsonaro refere-se à PEC como “um crime contra o trabalhador brasileiro”. Ademais, ele afirma em tom revoltoso que “Isso é um absurdo! Se a minha babá, por exemplo, tiver um filho de até seis anos de idade eu tenho que pagar a creche pra filho da babá do meu filho. É inexplicável a irresponsabilidade.”¹³ Porém, apesar da Lei Complementar nº 150 estender às trabalhadoras domésticas o direito ao Auxílio-Creche, a lei contém uma brecha em relação ao valor. Por esse valor não ser estabelecido, ele deve ser no mínimo 5% e no máximo 30% do salário da trabalhadora doméstica. Ou seja, se Jair Bolsonaro precisasse pagar o valor mínimo do Auxílio-Creche conforme o salário mínimo de 2012 (R\$622,00), ele teria de pagar R\$31,11. Até mesmo se ele pagasse o valor máximo de 30% do salário mínimo, ele teria de pagar R\$186,60. Sem contar que, em 2012, um Deputado Federal recebia R\$26.700,00.¹⁴ Ou seja, somente com o seu salário ele poderia pagar por volta de 140 Auxílios-Creche no valor de R\$186,60.

2.3 O trabalho doméstico como continuidade da escravatura

Apesar do trabalho escravizado ter sido abolido legalmente há mais de 130 anos, as práticas escravistas análogas ao Brasil Colônia ainda existem, infelizmente. Em 2021, o Brasil fechou o ano com o maior resgate de pessoas em situação de escravidão moderna desde 2013.

¹¹ Um desses exemplos era o blog “Classe Média Sofre”, que de 2011 a 2016 que tinha como principal intuito postar *prints* de postagens de redes sociais de pessoas aparentemente da classe média proferindo discursos de ódio e falas preconceituosas contra trabalhadoras domésticas (um dos principais alvos), negros, esquerdistas e cotistas. Apesar de não ser atualizado desde 2016, até hoje o blog está disponível para acesso: <https://classemediasofre.tumblr.com>

¹² Relação da votação da Câmara dos Deputados para a PEC das Domésticas: <https://www.camara.leg.br/internet/votacao/mostraVotacao.asp?ideVotacao=5164&numLegislatura=54&codCasa=1&numSessaoLegislativa=2&indTipoSessaoLegislativa=O&numSessao=336&indTipoSessao=E&tipo=uf>

¹³ Trecho transcrito a partir de vídeo do canal de Jair Bolsonaro no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=24mY2urwvc8>

¹⁴ O salário de Deputado Federal em 2012 foi sancionado pelo Senado em 2010: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/senado-aprova-salario-de-r-267-mil-para-parlamentares-e-presidente.html>

Das 1937 pessoas resgatadas, os maiores números provêm das atividades rurais, onde o cultivo de café é a atividade com o maior número de trabalhadores envolvidos. Em relação às trabalhadoras domésticas, foram encontradas 30 pessoas em situação de escravidão moderna. O número parece pequeno se comparado com o total de resgatados, mas em 2020 apenas 3 pessoas foram resgatadas (SUBSECRETARIA DE INSPEÇÃO DO TRABALHO, 2022; SAKAMOTO, 2021).

O que motivou tamanho aumento de resgates de trabalhadoras domésticas em situação de escravidão foi o caso de Madalena Gordiano, que ganhou grande repercussão nacional após reportagem do Fantástico, programa dominical exibido pela TV Globo. Madalena, mulher preta e de família pobre, foi “adotada” pela família Milagres Rigueira, de classe média alta. Madalena foi escravizada dos 8 aos 46 anos, ou seja, 38 anos sob a opressão da família Milagres Rigueira. De acordo com matéria publicada pelo Ministério Público Federal em Minas Gerais (2022), Madalena nunca recebeu nenhum salário, não tinha horário de trabalho estabelecido, nunca teve direito a férias e nem a qualquer outro tipo de folga e/ou descanso. Ela apenas recebia uma quantia mensal de aproximadamente 100 reais para comprar itens de uso pessoal. Mas devido ao valor ínfimo e miserável desse “salário”, Madalena contraiu dívidas com o comércio local e enviava pequenos bilhetes para os vizinhos durante o horário de sono de seus algozes pedindo ajuda financeira.

Após denúncia ao Ministério Público do Trabalho (MPT) pelos seus vizinhos, que gerou uma investigação e, posteriormente, o resgate de Madalena Gordiano no dia 26 de novembro de 2020. Além do regime de trabalho escravizado, a família Milagres Rigueira arranhou um casamento de Madalena com um membro da família e contraiu dívidas em seu nome. O marido de Madalena, que já era idoso na época do casamento e não mantinha relações com ela, era militar ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, o que gerou interesse de seus algozes por conta do seu salário. Três anos após o casamento, o ex-militar faleceu, e a família Milagres Rigueira apoderou-se da pensão de mais de R\$8.000,00 (oito mil reais) de Madalena.

Como o caso de Madalena Gordiano ganhou grande repercussão e gerou revolta e indignação da população, impulsionou mais denúncias, e, por consequência, o número de trabalhadoras domésticas em situação de escravidão saltou de 3 em 2020 para 30 em 2021.¹⁵ Portanto, é possível afirmar que existe um contingente significativo de trabalhadoras

¹⁵ Este artigo do Repórter Brasil detalha como a repercussão do caso de Madalena Gordiano impulsionou denúncias do trabalho doméstico em situação de escravidão: <https://reporterbrasil.org.br/2022/05/mulher-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-escravo-domestico-no-rio/>

domésticas que estão em situação de escravidão ou sendo vítimas de algum tipo de assédio moral, financeiro e até mesmo físico.

A própria natureza do trabalho doméstico dificulta fiscalizações rotineiras, pois ele se dá no ambiente privativo, do lar de alguém. Apesar da comum prática de invasões e apreensões de itens pessoais de “suspeitos” (lê-se pretos e/ou pobres), não é possível ou fácil realizar fiscalizações rotineiras sem que antes exista alguma denúncia, pois temos o aspecto logístico e o preceito da inviolabilidade de domicílio, conforme estabelece o inciso XI do artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil. Mesmo que existisse uma base de dados sólida e federal dos empregadores e seus endereços e uma fiscalização que avaliasse as condições do trabalho, o trabalho doméstico é, mesmo com a legislação, um trabalho fortemente ligado à informalidade. Portanto, as denúncias são essenciais para o amparo jurídico das condições de trabalho da trabalhadora doméstica. As denúncias são praticamente as únicas coisas que levam a operações de investigação para trabalhos escravizados, violações de direitos trabalhistas, situação de assédio moral e sexual (BRITES, 2013; EZEQUIEL, 2019).

A violência física nos choca quando vemos casos como o de Madalena Gordiano, ou de quando vemos ser evidente que ainda existe trabalho em situação de escravidão mesmo com a abolição legal da escravatura há mais de um século, ou de trabalhadores que sofrem privações fisiológicas em nome da produtividade (prática muito comum em empresas como a Amazon de restringir o tempo e a periodicidade em que trabalhadores podem ir ao banheiro).¹⁶ Porém, a precarização do trabalho doméstico é naturalizada quando o chamamos de “digno”. É comum ver referências às trabalhadoras domésticas como guerreiras, mulheres fortes e apropriam-se das histórias dessas trabalhadoras e de seus filhos e filhas como uma história de superação, como uma bela história comovente sobre essas guerreiras que ecoam tão fortemente. Histórias como a de Madalena Gordiano comovem, histórias de trabalhadoras que conseguem ascender socioeconomicamente tidas como exemplos de superação também. Porém, essas histórias têm como maior serventia legitimar o *ethos* neoliberal das vitórias e justiça individuais e de certa forma minimizar a importância das conquistas e lutas coletivas. E não podemos cair nessas armadilhas.

¹⁶ Devido à pressão de cumprir demandas e bater a meta diária, os trabalhadores urinam em garrafas e defecam em sacolas para conseguir atender a essas demandas e metas. Mais detalhes em: <https://theintercept.com/2021/03/29/amazon-entregadores-urinam-em-garrafas/>

2.4 O trabalho doméstico na cultura dominante

Nos termos da produção cultural, o trabalho doméstico e as trabalhadoras domésticas são amplamente retratadas e presentes. Não é incomum ver alguma personagem em livros, filmes, telenovelas e séries que são trabalhadoras domésticas, pelo contrário. No entanto, estar presente nessas produções não necessariamente tem conotação positiva. O arquétipo da trabalhadora doméstica, na produção audiovisual brasileira, é delimitado a mulheres negras e/ou nordestinas.

Portanto, compreender a relação entre o trabalho doméstico e a representação na produção cultural e midiática é de grande relevância: ela molda a percepção do imaginário popular sobre trabalhadora doméstica. A literatura, o cinema, a dramaturgia, a publicidade são alguns dos meios que detêm um importante papel na sedimentação desse imaginário.

Estamos cercados de objetos, informações, palavras, imagens, e todas essas coisas têm significações segundo a sociedade em que estamos inseridos e com suas expressões culturais, políticas e sociais. O imaginário, portanto, é expresso através do simbólico, e o simbólico existe como uma interpretação, imposição e, de certa forma, uma espécie de tradução do real. E o imaginário social pode ser definido como as relações que esses objetos, informações, palavras e imagens tornam-se símbolos coletivos, ou seja, é possível que algo tenha uma significação comum para um grande grupo de pessoas (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

Um dos símbolos que guardam uma significação coletiva no imaginário social é o uniforme da trabalhadora doméstica, ou como é popularmente chamado, o uniforme de empregada. Diferentemente de outras peças de vestuário, o uniforme da trabalhadora doméstica tem uma atribuição praticamente fixa. Ao depararmos com esta peça de vestuário costumamos associá-la à trabalhadora doméstica. E diferentemente de outros tipos de uniforme, o da trabalhadora doméstica não tem sequer a função de proporcionar conforto e/ou segurança laboral, mas sim como um atributo de distinção. Quando vemos tal uniforme já sabemos imediatamente por quem ele é utilizado e que valor social lhe é atribuído. Em oposição, por exemplo, temos um uniforme como o jaleco, que atribuímos a figura do médico, profissão de alto valor social no Brasil. Portanto, esses símbolos são essenciais para atribuir significados de subalternidade (no caso do uniforme da trabalhadora doméstica), mas também estima (no caso, o jaleco do médico).

Nas telenovelas, o primeiro indicativo visual de que a personagem é uma trabalhadora doméstica se dá pelo seu uniforme. Além disso, outros dois fortes fatores inserem-

se na identificação da personagem: a cor da sua pele (geralmente negra) e seu sotaque (geralmente de algum estado nordestino ou o uso de palavras e expressões que explicitem que ela é periférica). Essas trabalhadoras são representadas de forma cômica ou ridiculamente submissa aos seus empregadores (que costumam ser os protagonistas ou personagens importantes na trama). Enquanto as telenovelas têm os mais variados enredos, ambientações geográficas (quando fora do eixo Rio-São Paulo), estilísticas e temporais, a figura da trabalhadora doméstica permanece estática diante todas essas variações. Tamanha é a invisibilidade e o desinteresse pela parte humana, com personalidade, gostos e defeitos da trabalhadora doméstica, que sua representação nas telenovelas é tão estática e caricata (EZEQUIEL 2019).

As novelas reforçam uma imagem estereotipada da trabalhadora, elas são costumeiramente muito leais às suas empregadoras e/ou extravagantes, tagarelas. Em pesquisa anterior constatei que: (EZEQUIEL, 2019, p. 24):

a figura da empregada doméstica é inserida no contexto do despertar sexual dos filhos dos seus patrões, ou o “romance proibido” com os patrões, eufemismo utilizado para aliviar as situações de abuso e assédio sofrido pelas empregadas domésticas e reforçado positivamente pela mídia pelo estereótipo da empregada sensual e lasciva.

Em pesquisa anterior, através da leitura das descrições de personagens de novelas da TV Globo, concluí que a representação das trabalhadoras domésticas geralmente divide-se entre a figura do alívio cômico e/ou da fiel escudeira. Tanto a personagem com função de alívio cômico como a de fiel escudeira dificilmente têm uma história para além de serem a empregada de outro personagem. Quando não é representada de forma caricata e popularizando bordões, é representada como uma pessoa praticamente devota de sua empregadora. Pouco ou quase nada sabemos da personagem para além de ser a empregada de alguém. A sua existência está totalmente dependente a quem ela trabalha (EZEQUIEL, 2019).

Por outro lado, a telenovela *Cheias de Charme*, exibida pela Rede Globo em 2012, representou uma diferente perspectiva da presença da figura da trabalhadora doméstica nos folhetins televisivos. Dessa vez as trabalhadoras domésticas eram as personagens principais. Macedo (2016) destaca a perspectiva que tal novela foi exibida no contexto da nova classe média e Luz e Matos (2016, p. 269) destacam que:

[...] é notório que a “nova” classe média despertou o interesse de grandes empresários dos mais variados setores da economia, entre eles o setor televisivo, tornando-se o público-alvo em potencial para as empresas de publicidade, para o mercado de bens de consumo e para a mídia.

Ainda em 2012, a telenovela *Avenida Brasil* foi exibida, onde apesar de o trabalho doméstico não ser um dos tópicos centrais da trama, uma das personagens centrais era uma trabalhadora doméstica. Ademais, é interessante perceber como a emissora muda o perfil dos personagens principais de suas novelas nesse ano: no lugar da mulher rica, refinada e intelectual do Leblon entra em cena a família suburbana que ascende socialmente.

Em relação à produção literária, uma das obras que mais contribuiu para sedimentar a representação da mulher negra trabalhadora doméstica foi a obra de Monteiro Lobato, notório pela sua literatura infantil, mas também por ser abertamente racista e apoiador dos movimentos eugenistas no Brasil (FERRETI JÚNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021; SILVA, 2021). Ele criou uma das mais marcantes personagens do arquétipo da trabalhadora doméstica fiel. Tia Nastácia era fiel, servil, sempre ao dispor de sua patroa, a Dona Benta. Tia Nastácia era subserviente a ponto de ouvir passivamente impropérios racistas de uma boneca de pano. Ela representa como Monteiro Lobato expressava seu racismo em sua obra literária, pois nela, ele apresenta de forma muito nítida que, para ele, a mulher negra pertencia única e exclusivamente na função de uma criada servil e dócil (BERNARDINO, 2016).

Lima (2020) analisa a percepção da trabalhadora doméstica na escrita de Clarice Lispector. Lispector, mesmo que ciente enquanto uma mulher de classe média e da desigualdade social existente no Brasil, reproduz tanto em sua obra como em suas entrevistas e crônicas o abismo social entre empregadoras e trabalhadoras domésticas. Ela se compadecia com a desigualdade social no Brasil e com as disparidades entre a sua realidade enquanto pertencente à classe média e a realidade da trabalhadora doméstica. No entanto, ao narrar sobre trabalhadoras domésticas que outrora empregara, Clarice Lispector demonstra surpresa ao saber que uma delas tinha o hábito de leitura, outra fazia análise e outra conseguira uma melhor vida socioeconômica em outro país. Portanto, mesmo Clarice Lispector, que se compadecia dos que sofriam pela desigualdade social e buscava compreender as trabalhadoras domésticas que trabalharam para ela e até mesmo em suas obras, conseguiu se surpreender ao deparar-se com as trabalhadoras domésticas enquanto pessoas singulares, demonstrando a naturalização da exploração do trabalho doméstico como herança escravocrata.

Na produção cinematográfica destaco o filme *Que horas ela volta?* (2015), que tem como grande mérito retratar as tensões que envolvem o trabalho doméstico e expor as contradições entre o discurso do “é quase da família”, as condições de trabalho, e as tensões de classe. Val, mulher negra e nordestina, trabalha para Bárbara há muito tempo, é “quase da família”, ajudou a criar Fabinho - filho de Bárbara - e o viu crescer enquanto não conseguiu

fazer o mesmo com a sua própria filha. Jéssica, filha de Val, representa o ponto de inflexão da rotina da família de Bárbara e Val. Ela vem de Pernambuco prestar vestibular para o curso de Arquitetura da USP (Universidade de São Paulo) e hospeda-se na casa de Bárbara, que também é o local de trabalho e moradia de sua mãe. As diferenças geracionais entre mãe e filha são muito bem colocadas. Val, por mecanismo de sobrevivência e para prover o sustento de sua filha que ficou em Pernambuco, adota uma postura doce, ligada afetivamente à família de Bárbara, trabalha duro e é extremamente leal para seus empregadores.

Jéssica é um interessante retrato da jovem que tem em vista romper com a pobreza intergeracional: ela é determinada, confiante, confronta a rigidez e as normas sociais impostas pela diferença e discriminação de classe. Ou seja, ela não se envergonha em comer na mesa com os empregadores de sua mãe e não adota uma postura subserviente por ser filha de empregada. A não-conformidade de Jéssica traz conflitos tanto pela não subserviência como por ela ousar querer entrar em uma das universidades mais prestigiadas do país. Em uma cena, Bárbara desdenha dos planos de prestar vestibular, julgando-a incapaz. No entanto, Jéssica é aprovada no vestibular e Fabinho, o filho da empregadora, não. Val, a partir de se sua filha, acaba por questionar e rebelar-se contra a subserviência (MUYLAERT, 2015; SANTOS, 2015).

Porém, o filme possui suas limitações ao acabar celebrando, mesmo que não intencionalmente, a meritocracia. Em uma cena, Val entra no quarto de Fabinho e conta que Jéssica fez uma ótima pontuação na primeira fase do vestibular. Quando a Val sai, Fabinho confirma para a mãe que Jéssica foi muito bem. Bárbara diz "Ela estudou, né? Não fazia outra coisa, só estudava. Tem que estudar pra passar.". Bárbara reconhece o valor de Jéssica porque ela "fez por merecer". Esta cena nos possibilita refletir e questionar: e se Jéssica não tivesse ido bem na prova? (MUYLAERT, 2015).

Não consigo imaginar, nessa história, uma possibilidade em que não fique evidente em que Jéssica ir bem no vestibular é a maior expressão de sua virtude. Sem isso, nenhuma das cenas anteriores faria sentido. Se Jéssica não passasse no vestibular, seria só mais uma filha da empregada "metida a besta" que veio a São Paulo, teve uma lição e voltou para o lugar dela. Além disso, o filme demonstra nas entrelinhas que o segredo do sucesso da ascensão social continua em São Paulo. Mesmo Jéssica sendo de Pernambuco, estado que abriga universidades públicas tradicionais e renomadas, seu único horizonte possível só existia em São Paulo para a diretora.

De modo geral, a produção cultural sedimenta o imaginário da trabalhadora doméstica, desde a forma imagética mais evidente à forma mais "abstrata". Quando se ouve ou se lê "empregada doméstica" ou apenas "empregada" já conseguimos, por muitas vezes,

imaginar uma imagem muito específica. Quando se ouve ou se fala sobre “empregada na novela das nove”, muitos de nós podemos até mesmo formar uma imagem específica de algumas atrizes utilizando o uniforme da trabalhadora doméstica.

Para além da formação e visualização de imagens, certos termos também sedimentam o imaginário sobre a trabalhadora doméstica. O próprio termo empregada ou empregada doméstica já é carregado de conotação pejorativa. Ter cara de empregada, ter cara de ser filho de empregada, ter jeito de empregada, para além de xingamentos racistas, classistas e machistas, são xingamentos que minam a autoestima e a consciência de raça e classe. Ora, quem quer ser filho de empregada se esse termo é usado como xingamento?

É neste sentido que trago brevemente uma reflexão sobre a hegemonia no sentido gramsciano, de acordo com (MORAES, 1997, p.97):

Gramsci supera o conceito de Estado como sociedade política (ou aparelho coercitivo que visa adequar as massas às relações de produção). Ele distingue duas esferas no interior das superestruturas. Uma delas é representada pela sociedade política, conjunto de mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da repressão e da violência, e que se identifica com os aparelhos de coerção sob controle dos grupos burocráticos ligados às forças armadas e policiais e à aplicação das leis. A outra é a sociedade civil, que designa o conjunto das instituições responsáveis pela elaboração e/ou difusão de valores simbólicos de ideologias, compreendendo o sistema escolar, os partidos políticos, as corporações profissionais, os sindicatos, os meios de comunicação, as instituições de caráter científico e cultural etc.

O trabalho doméstico remunerado não é somente uma consequência da libertação meramente legal das pessoas escravizadas, mas também da omissão deliberada do Estado em amparar legalmente essas trabalhadoras. A PEC das Domésticas veio, de maneira extremamente tardia, e mesmo assim não consegue impedir, por exemplo, a informalidade do trabalho doméstico. O ex-Presidente da República, Jair Bolsonaro, vangloria-se de ter sido um dos poucos a ter votado contra a PEC. O trabalho doméstico remunerado e a sua percepção acerca dele é, também, moldada pela sociedade civil. Essa percepção e transmissão do significado do trabalho doméstico das classes dominantes reflete-se, por exemplo, em possíveis casos de receio e vergonha de dizer que a mãe é trabalhadora doméstica (BATES, 1975).

Analisar os símbolos, signos e representações, são aspectos imprescindíveis para a compreensão do trabalho doméstico remunerado. A maneira como a mídia, a literatura, as novelas, dentre outros modos de produção cultural moldam a percepção e o imaginário sobre a

trabalhadora doméstica, é importante, sobretudo, para entendermos o quão central é a sua figura para impulsionar uma profunda reflexão sobre o Brasil. É preferível que ela seja exposta como fiel, servil, cômica, invisível, e quando de forma mais positiva, como alguém que demonstra que se esforçar bastante, consegue um dia mudar de vida e até mesmo ser patroa. Na realidade, as trabalhadoras domésticas são cientes de que são exploradas, que seu trabalho é subvalorizado na sociedade brasileira, e seus filhos também são cientes disso. E isso, se transforma, inclusive, na força motriz para um de seus principais objetivos enquanto mães: que suas filhas não sigam a sua profissão.

2.5 A vida familiar das pessoas interlocutoras e suas percepções sobre o trabalho doméstico

Vimos ao longo do capítulo as perspectivas analíticas sobre o trabalho doméstico e como a figura da trabalhadora doméstica permeia a sociedade brasileira e a produção cultural. Além disso, vimos que o trabalho doméstico é uma continuidade do trabalho escravizado através das condições laborais precárias trabalhadora doméstica comumente enfrenta, do baixo salário e de situações (infelizmente ainda comuns) de formas modernas de escravização da trabalhadora doméstica.

Nesta seção, trago a perspectiva das pessoas interlocutoras sobre o trabalho doméstico e a sua relação com o trabalho de suas mães. Nas falas dos estudantes, é possível interligar seus discursos a vários dos pontos tocados anteriormente. As relações de afeto e distância que caracterizam o trabalho doméstico estão muito presentes nas falas das pessoas interlocutoras. Essa relação de afeto se dá, muitas vezes, pela trabalhadora doméstica inserir-se no lar e na vida pessoal de seus empregadores, o que também pode causar esse envolvimento a seus filhos e filhas das trabalhadoras no lar dos empregadores. Essas relações de afeto, porém, são dotadas de uma distância e da necessidade da trabalhadora e seus filhos “pisarem em ovos” para que a relação não seja comprometida, pois isso significa possíveis punições (como a mudança de uma relação amena para uma relação conflituosa ou até mesmo a demissão da trabalhadora doméstica).

Além disso, temos também a compreensão da mãe trabalhadora doméstica e de seus filhos da realidade do trabalho doméstico. Portanto, eles são cientes da característica do trabalho doméstico como um trabalho precarizado e exploratório, mesmo em situações onde a mãe trabalha de carteira assinada. As mães que têm empregadores “bons” precisam responder a essa “bondade” de uma carteira assinada e direitos trabalhistas garantidos com esforço e dedicação

redobrados. Os filhos são cientes dessa troca de extrema dedicação a direitos trabalhistas. Por outro lado, temos mães que ainda trabalham ou trabalharam informalmente. Isso impacta, especialmente, na renda familiar, na sensação de insegurança, na exploração da mão-de-obra barata das mães e na preocupação dos filhos em relação a aposentadoria de suas mães.

Em relação ao convívio com o ambiente de trabalho da mãe em, temos uma miríade de experiências. Algumas das pessoas interlocutoras conviveram mais com o trabalho da mãe: morou junto com a mãe e a empregadora, teve contato ou convivência com os empregadores e os filhos dos empregadores, ou a mãe ainda continua exercendo a função de trabalhadora doméstica independente do contato dos filhos com o ambiente de trabalho da mãe. Por outro lado, temos algumas situações em que a mãe atualmente não exerce mais o trabalho doméstico remunerado.

2.5.1 A vida familiar

Neste subtópico conheceremos a dinâmica familiar das pessoas interlocutoras, onde o contexto do trabalho doméstico insere-se e sua vida familiar e cotidiana.

A família de Larissa é permeada pelo trabalho doméstico remunerado e não-remunerado. Como a mãe de Larissa precisava sair para trabalhar, a sua avó e a sua tia cuidaram dela:

E a minha avó também era... era enfermeira e também tinha profissão de trabalhadora doméstica. E na casa que eu morava com os meus avós, também a minha tia, uma tia que morava comigo. Ela começou também a trabalhar em casa de família é, então... Era eu assim na casa, né, também? Essa minha tia teve uma bebê. E essa minha tia cuidou de mim assim, e logo depois que ela começou a trabalhar, foi um ciclo assim, né. Ela cuidava de mim porque a mamãe tinha que trabalhar, e quando ela teve a filhinha dela, ela ia trabalhar e eu cuidava da minha priminha, né. (Larissa)

A dinâmica familiar de Sarah é marcada, principalmente, pelos esforços de sua mãe para que ela se dedicasse exclusivamente ao seu processo de escolaridade:

Bem, porque ela, enfim, tem, tem uma relação aí conturbada com meu pai, então ele não era muito presente nesse sentido. Então todos os esforços é... Nesse campo da educação, eles são muito fortes a partir da minha mãe. (Sarah)

Sarah, que mora com a sua mãe, relata que até os dias atuais a sua dinâmica doméstica se dá em não deixar que a sua mãe não tenha uma dupla jornada de trabalho doméstico:

E ao mesmo tempo, eu me esforço muito e eu faço questão de garantir o trabalho doméstico na minha casa, né? Já que eu estou em casa, para que a minha mãe não tenha que chegar em casa e fazer esse trabalho. Então esse trabalho marca as nossas vidas, né? Desde o início, tanto a dela como a minha. E é isso, né? A minha mãe em casa, todos os dias eu faço, na pesquisa também. Eu não pesquisava antes de arrumar a casa, de fazer comida, de colocar roupa na máquina, não sei o que. Eu tento fazer com que a minha mãe chegue em casa e ela possa descansar, possa garantir esse descanso pra ela, né? Então eu faço questão de dar conta desse trabalho doméstico. (Sarah)

Sarah compreende sua “missão” não como apenas a de aliviar a carga de trabalho doméstico de sua mãe, mas de efetivamente tirá-la dessa realidade. Na realidade, as pessoas interlocutoras de um modo geral, buscam através de uma qualificação profissional promovida por uma formação universitária, meios para que suas mães não precisem mais trabalhar como empregada doméstica. Neste sentido, gera-se uma responsabilidade (atribuída de forma direta e indireta pela família e pelos próprios estudantes) para mudar a realidade social da família (e em especial, da mãe) através da obtenção de um diploma universitário. Esta fala de Sarah reflete o sentimento desses estudantes serem um investimento para o futuro socioeconômico das mães trabalhadoras domésticas:

É a grande aposta, eu vejo como uma grande aposta da vida delas, né? É o grande investimento. É o que tem que dar certo, né? (Sarah)

A família de Gabriela é marcada pelo trabalho doméstico intergeracional, sendo ele exercido pela sua avó e sua mãe:

A minha mãe nem sempre trabalhou. A minha avó sempre foi empregada doméstica, mas a minha mãe começou a trabalhar, depois que ela atingiu uma certa idade. Assim, mais ou menos uns 8/9 anos é que ela começou a trabalhar. Antes disso, quem sustentava a casa era o meu pai, que ele é operário da indústria. Ele era operário da indústria têxtil. E aí a minha mãe começou a trabalhar. (Gabriela)

Gabriela aponta que seus pais sempre apoiaram a ela e a seu irmão para que eles se dedicassem aos estudos:

Tanto meu pai quando a minha mãe sempre incentivaram muito. É, tanto eu quanto meu irmão mais velho, a continuar os estudos, né? Meu pai sempre falava que estudar até o momento era a única forma de você mudar essa realidade. Então sempre foi muito incentivado dentro de casa, que a gente se ingressasse na universidade. E aí meu irmão entrou primeiro na [universidade], que é aqui perto da minha casa e depois eu consegui entrar também. (Gabriela)

A mãe de Daniel não o ajudava nas tarefas escolares por conta de sua pouca escolaridade:

A minha mãe, ela só queria que a gente estudasse, mas ela nunca ajudou em nada. Nunca foi presente, porque, até ela não tinha muito com que ajudar. Ela acha que não sentia no momento. Eu lembro que ela também estava fazendo, estudando, porque ela não tinha o ensino fundamental e o ensino... Na verdade, ela não tinha ensino médio. Ela só tinha o ensino fundamental. Então ela se sentia muito insegura em qualquer coisa, então sempre me apoiei muito nos professores e nunca em casa em casa, nunca tinha ajuda nenhuma. Então foi, foi bem... Se ela sempre focava no trabalho doméstico e para trazer comida para casa. (Daniel)

Ele também ajudava nas tarefas domésticas de sua casa:

Sim, sim, era mais concentrado em mim porque eu era o irmão mais velho, então a minha irmã ela sempre foi fazia menos coisa, mas sim, a gente se ajudava. Eu limpava mais a casa e ela lavava mais a louça, assim. Essas era a gente que fazia dentro de casa. E aí, minha mãe mais lavava roupa, assim. (Daniel)

Em relação à renda da família, além do trabalho da mãe, a família de Daniel contava com o Programa Bolsa Família e a pensão de seu pai:

A gente teve um período de Bolsa Família e teve também uma pensão do meu pai, que era um salário assim dividido pra mim e pra minha irmã. Então teve essa ajuda. Faltando assim, de vez em quando, faltava um mês dessa ajuda do meu pai, mas dá pra falar que teve sim. (Daniel)

A mãe de Daniel continuou a incentivá-lo nos estudos após ele ter ingressado na universidade, chegando a se mudar para a cidade em que Daniel cursou a graduação:

Nossa, foi maravilhoso, né? Porque, mas também chocante, porque a princípio, isso é uma coisa que também bem pessoal da minha mãe. É que ela sempre imaginou a gente estudando, mas não saindo de casa. Eu acho que isto é de toda mãe, talvez. Porque ela pensou que talvez eu ia estudar arquitetura lá no [estado] mesmo, ia ficar lá. Aí eu passei já em [cidade] eu já fui para [cidade]. Então foi um mix, assim de muita felicidade. Tipo “nossa, está acontecendo tudo aquilo que sempre quis aconteceu está acontecendo”, mas também um mix “nossa, ele vai para outra cidade”, então teve um pouco disso também. Tanto que aí até que ela foi, né, pra outra cidade, mudou, a vida. (Daniel)

Mariana não foi criada pela sua mãe, e sim pela sua avó:

Apesar de eu ser filha de empregada doméstica, eu não fui criada pela minha mãe. Acho que até por essas dificuldades. E então ela teve, ela teve duas filhas. [...] E quando ela separou do meu pai, ela me deixou com o meu pai e ficou com a minha irmã. Ela teve que fazer essa separação. Acho que por uma questão de grana e tal, então fui criada pela minha avó. (Mariana)

Mariana visitava a sua mãe durante as férias escolares, e ela aborda a diferença entre os dois ambientes familiares:

Na casa da minha avó eu era muito tolhida. Eu tinha, eu era, enfim, eu gostava muito de estudar e ainda bem, pois não me obrigava, mas eu não podia fazer aula de dança, eu não podia fazer aulas de nada, de instrumento, porque ela queria que eu fosse ótima na história em português e matemática. E quando eu ia pra minha mãe passar férias, era esse outro momento em que eu podia brincar de que eu quisesse, com quem eu quisesse. (Mariana)

Apesar da distância, a mãe de Mariana sempre a incentivou a estudar, mesmo achando que ela já estudava demais:

Minha mãe sempre incentivou muito, apesar de ela dizer que eu era estranha, que eu estudava demais. Mas eu acho que eu estava realmente demais. Ela sempre incentivava muito a estudar para não ter a vida que ela teve. E ela, até hoje é um motivo de muito orgulho quando eu me formei já, e eu mostrei o diploma pra ela e ela começou a chorar. (Mariana)

Era, não tinha um incentivo a estudar da parte dela, não era uma pessoa que sentava... Até porque a minha mãe estudou só até a terceira série do fundamental. Depois ela

fez um EJA¹⁷, que ela fez em dois anos o resto, fundamental e o médio. É, mas ela sempre falava disso. “Olha, eu não estudei e não estou numa condição legal, então você vai... Estuda para você ter uma condição legal”. Então o incentivo vem desse lugar, de olhar pra essa vida de dificuldade e pensar que há uma possibilidade de melhora pelo estudo. Depois a gente vê que nem é tanto assim, mas... É por aí. (Mariana)

Samuel, que tem uma família nuclear grande, ajudava nas tarefas domésticas e a cuidar de seu irmão mais novo:

Em casa, por exemplo, eu, as únicas coisas que eu não fazia era cozinhar e lavar roupa. O resto, limpar a casa, lavar louça, cuidar do meu irmão mais novo, né? Que ele nasceu quando eu tinha... Ele tem 12 hoje, Eu tinha 14 quando ele nasceu, então eu cuidei dele durante dois anos, enquanto eu ainda morava com a minha mãe. Eu também ia deixar minha mãe na parada, que ela saía muito cedo, né? Ela saía 5 horas da manhã, eu ia deixar ela, é, na parada de ônibus. Então assim, eu tive algumas responsabilidades enquanto adolescente. (Samuel)

Mesmo tendo várias outras pessoas, por exemplo, eu morava com a minha avó. Minha avó era a maior responsável por cuidar do meu irmão mais novo, né? E de outros primos meus também, que moravam com a gente, porque a casa era a casa, morava muita gente. Morava quase 10 pessoas numa casa com 3 quartos. Então minhas tias e meus tios, eu, minha mãe, minha irmã, meu irmão, né? Minha avó e meus primos, que boa parte deles eram crianças bem novas. Com 1, 2, 3 anos de idade. Então assim, parte dessa responsabilidade cabia sobre mim, irmã, e minha avó, né, que eram as pessoas que não trabalhavam, que estavam em casa. (Samuel)

A dinâmica familiar de Ingrid é bem distinta das outras pessoas interlocutoras, pois o trabalho de sua mãe foi por muito tempo o “lar” dela, de sua mãe e de sua irmã mais velha.

Desde que eu nasci é, eu morei com uma pessoa que eu chamava de vó, que na verdade era patroa da minha mãe. Eu e minha irmã, que é 4 anos mais velha do que eu, sempre moramos, né, até... Motivos né, que ela adoeceu, enfim, a gente teve que se separar. Mas até assim, a formação da minha irmã na faculdade e a minha formação no Ensino Médio e ingresso no Ensino Superior, a gente viveu com essa patroa da minha mãe que a gente chamava de vó. (Ingrid)

¹⁷ Educação de Jovens e Adultos

A mãe de Ingrid não gostava de delegar tarefas domésticas para ela e sua irmã, pois não queria que a família de sua empregadora as visse como trabalhadoras domésticas:

Aí, pronto assim, em relação a atividades domésticas, a gente ajudava realmente muito pouco a nossa mãe, tanto eu como a minha irmã, porque ela fazia questão de já deixar muitas coisas assim, prontas, né? (Ingrid)

A fala de Ingrid reflete um ponto central nas relações entre mãe trabalhadora doméstica e filha estudante: as mães não querem, jamais, que suas filhas tenham que seguir a mesma profissão. Esta passagem é central para compreender o desejo da mãe pela não continuidade intergeracional do trabalho doméstico remunerado:

E apesar de todas as dificuldades, porque realmente é muito complicado e deve ter sido muito complicado para a minha mãe, né? E ela sempre falou assim, que o medo muito grande que ela tinha é de que a gente também se tornasse empregada doméstica. É tanto que por isso que eu te falei no começo que ela não deixava a gente fazer muitas atividades domésticas porque ela não queria que os filhos do dos patrões normalizassem que a gente trabalhasse pra eles. Às vezes eles tentavam, né? (Ingrid)

Sarah menciona ser a “grande promessa” da família, a pessoa que efetivamente tem chances de mudar a realidade socioeconômica da família através dos estudos. Ingrid menciona a descontinuidade do trabalho doméstico intergeracional como força motriz para que sua mãe apoie a ela e a sua irmã nos estudos. No entanto, ser essa grande promessa pode ser um agente causador de estresse e pressão, já que esses estudantes têm a responsabilidade de mudar uma situação de pobreza intergeracional. A fala de Pedro exemplifica como estar na universidade e ter maiores possibilidades de ascender socialmente o deixa pressionado, pois ele se sente responsável pela melhora da condição socioeconômica de sua família. Esse sentido de responsabilidade é sentido pelas outras pessoas interlocutoras, mas Pedro expressa de forma clara: “E tem muito essa pressão sobre mim, de ser a salvação, entre aspas, da família (Pedro).”

Ser a grande promessa de uma mudança da realidade socioeconômica recai aos estudantes um enorme sentimento de responsabilidade. Porém, na maior parte, essa responsabilidade não necessariamente representa explicitamente um fardo, pois os estudantes reconhecem o esforço de suas mães e buscam recompensá-las pelo seu sacrifício e dedicação:

E eu até digo que ela já, eu vejo ela como uma pessoa que desbravou muitas coisas. Porque assim, apesar do apoio que a vovó dava para ela, do incentivo, foi muita coisa, tipo, ela estudava para cursinho, aí ganhou bolsa para fazer curso de inglês, ela estudava em escola particular de bairro, que era aquela mesma que eu falei, né, de freira. Mas era com bolsa, era com desconto que ela era uma boa aluna. E aí, enfim, né, ela teve que desbravar muitas coisas. E é isso, assim, eu vejo, eu tenho essa sensação de que nós somos muito conquistadoras, por isso né. Tenho muito orgulho também de que a minha mãe tenha, através do esforço dela, conseguido isso pra gente, né? (Ingrid)

A família de Tatiana também prezava pela sua dedicação aos estudos, e, portanto, apesar de ela ajudar nas tarefas domésticas, o seu maior foco era a vida escolar:

É em casa, a gente ajudava, assim, nas atividades da casa, né? De enfim, também não era nada muito grandioso, mas, por exemplo, precisava limpar o quarto, varrer, passar um pano, lavar, lavar louça, cozinhar. Também em alguns momentos ajudava a minha mãe a cozinhar, né? É, e era isso sim, eu lembro que a gente fazia isso, mas eu nunca precisei trabalhar, por exemplo, Fazer um trabalho extra, alguma coisa assim, para poder ajudar em casa ou com os cursos que eu tinha, com educação, né? Eu nunca precisei. Mas a gente ajudava assim com as coisas em casa. (Tatiana)

Assim, eu nunca conversei exatamente sobre isso com ela, para saber, tipo como ela se sente com isso, mas é, eu acredito que ela se sinta orgulhosa, né? Porque lá em casa a gente sempre teve, cresceu, eu cresci com um discurso da independência, de estudar, porque minha mãe como ela, enfim, ela foi negada a isso durante a vida dela. Então, ela sempre trouxe essa discussão em casa, assim, tipo, “ai você tem que estudar, pensa em você, na sua vida, no seu trabalho e fazer suas coisas, ter autonomia, independência”. Então eu acredito que para ela deva vir, sim, orgulho assim disso, né? Ela, enfim, eu moro na minha casa, por exemplo, é, enfim, tenho as minhas coisas, não dependo dela financeiramente. Então é, eu imagino que deva ser muito importante assim pra ela, né? É um, alívio também, no sentido de tipo “ai, eu tenho um caminho mais desenhado para mim”, sabe? Não é algo que ela vai se preocupar. Eu sinto, que vai acontecer comigo. (Tatiana)

Pedro também contou com o apoio de seus pais para focar na vida escolar. Como o irmão de Pedro não gostava de estudar (chegando a abandonar a escola durante o segundo ano do Ensino Médio), seus pais viam nele a esperança da ascensão social de sua família:

Isso para minha mãe, tipo, era a melhor coisa que eu poderia fazer, era continuar estudando. Porque meu irmão, ele nunca gostou de estudar, sabe? Ele parou no segundo ano do Ensino Médio porque ele gostava de trabalhar, não era, não gostava de estudar. Então minha mãe, ela queria me ver continuando, estudando, porque ela também não me vê trabalhando assim, trabalhando sem ter uma formação inicialmente. Então, para ela, foi a maior realização da vida dela. Tipo, ela faz de tudo para mim, para que eu não possa sair da faculdade. Tem meses que é muito difícil, tipo, pagar aluguel da casa de lá, né, do [cidade]. Pagar aluguel, essas coisas da casa. Tem meses que é muito difícil, só que ela faz de tudo para que eu não saia da faculdade, porque pra ela é a maior realização. (Pedro)

A fala de Pedro demonstra, portanto, um dos pontos primordiais deste trabalho: o que motiva os estudantes a ascender socialmente e ter uma carreira bem sucedida é o desejo de prover às suas mães uma velhice sem percalços financeiros. E essa motivação é carregada de grandes expectativas diante os estudantes:

Cara, eu sempre, como eu falei, né, eu tive sempre na cabeça que eu tinha que estudar muito. Então, estar na faculdade, em ver a Felicidade da minha mãe, minha mãe realizada por estar na faculdade, me bate uma Felicidade muito grande. E, tipo. É, eu penso que, tipo, eu, não, eu nunca penso em desistir da faculdade, porque eu sei o quanto isso vai mudar nossa vida um dia, quando terminar a faculdade e arrumar um emprego e tal, e um dia poder dar uma aposentadoria, uma aposentadoria para minha mãe, pros meus pais, né? É, eu imagino muito que um dia eu vou poder fazer isso, então estar na faculdade, pra mim, é uma realização, tanto para mim quanto a minha mãe. E que pode mudar a nossa vida, sabe? (Pedro)

Expressando um discurso comum das pessoas interlocutoras, Larissa também relata uma grande vontade de um dia prover a sua mãe para que ela não precise mais trabalhar como empregada doméstica:

Então eu acho que a gente tem, não falo generalizado, mas eu tenho esse desejo assim muito insaciável de querer que nunca mais ela trabalhe. Sabe, de chegar a um ponto da minha vida que eu consiga uma estabilidade financeira, não somente para mim, mas para ela. Para eu chegue e fale pra ela “olha, a senhora não precisa trabalhar porque eu vou lhe dar, sei lá o seu salário, sabe?”. É pra senhora, sei lá, curtir, fazer o que a senhora quiser da sua vida, para não precisar mais estar indo para casa de família. Porque eu sei que ela não me fala tudo que ela passou e pelo o que ela passa. (Larissa)

Então eu acho que o meu maior desejo desde quando eu me entendo por gente, de estudar, de futuro, é esse futuro. É o futuro que eu vejo que a minha mãe larga dessa profissão, ela para de ser humilhada por essas pessoas e sei lá, que eu consiga realizar sonhos dela, sabe, de ter a casa própria, a cozinha dela, de parar de trabalhar. Acho que isso é o que me impulsiona, né? A continuar a fazer trabalhos, a pesquisar é o que me impulsiona a seguir. Acho que a revolta e a raiva, a indignação, ela me causa esse ânimo para pra mudar essa realidade. (Larissa)

A universidade, portanto, representa o meio que possibilitará a concretização destes objetivos. O incentivo vem das mães que apoiam a empreitada dos filhos dos estudos e da própria realidade familiar que os filhos buscam subverter. Para isso, ser uma pessoa estudiosa desde a vida escolar é o pontapé inicial para a grande missão dos estudantes de mudar a realidade de sua família. O apoio dos pais é imprescindível neste processo, mas como os pais costumeiramente têm alguma lacuna em sua educação formal, a sua forma de apoio é em prover tempo livre e apoio emocional para que seus filhos estudem:

Como eu sempre fui muito [inaudível], assim, sempre gostei de estudar, eu nunca, nunca gostei que ninguém me ensinasse, assim, nunca queria que ninguém me ensinasse. Eu gostava de aprender só. Só o papel da minha mãe, foi sempre me incentivar para estudar mesmo, mas ela nunca tipo, parou para me ensinar, assim. Ela só me incentivava bastante, dizia que eu precisava estudar. (Pedro)

Neste contexto, Sarah se emociona ao relatar a trajetória de sua mãe como uma mulher negra e trabalhadora doméstica e atribui o seu esforço no trabalho como uma forma de buscar possibilidades de fomentar a escolarização:

A minha mãe sempre trabalhou como doméstica. Minha mãe é uma mulher negra, que trabalha desde os 9 anos de idade e aí, obviamente, né [voz trêmula, se emociona]. É... A gente conhece bem essa trajetória. E é muito engraçado, porque esse trabalho dela como doméstica desde sempre já era uma luta pela educação. Por que? Porque os meus avós não tinham condições de tipo, comprar material escolar. E aí ela trabalhava para poder comprar material escolar para poder estudar no contraturno do trabalho, lá em [cidade] ainda. (Sarah)

Daniel se orgulha de sua mãe, e reconhece seu esforço para garantir o seu sustento e o de sua irmã. Diante disso, seguindo o objetivo comum da maioria das pessoas interlocutoras, ele espera poder contribuir por todo o esforço de sua mãe:

Nossa, para mim é tipo, nossa trabalhar, é... Ser filho de uma heroína, porque eu vejo minha mãe muito mais além do que foi uma doméstica, né? Porque ela sustentou dois filhos sozinha. É, e moldou o caminho nós dois sozinha, trabalhando doméstico. Então, para mim é tipo, ela é uma heroína maravilhosa. [A] amo demais. E isso é algo que sempre eu vou ser grato assim. Sempre vou tentar dar o melhor, devolver tudo o que é que ela me deu e proporcionou. Não sei se foi, era bem isso que você perguntou. (Daniel)

Isso é uma coisa que sempre me motiva ainda até hoje, é tanto que na despedida da com a minha mãe [quando fui embora] do Brasil, eu ainda fui conversando com ela, falei: “mãe, lá no fundo ainda, a senhora é a pessoa que mais me motiva a gente sair da nossa realidade para algo melhor”. Então sempre isso é algo que está dentro de mim, de motivar pra... A gente já mudou muito do que já era, né? Desde a época do Bolsa Família, de passar por bastante perrengue. Mas ainda sempre carrega isso dentro de mim, essa vontade de mudança para algo melhor. Eu acho que ela imprimiu muito em mim e na minha irmã. (Daniel)

Apesar de Mariana não ter crescido com a sua mãe, o contato à distância e a compreensão da realidade do trabalho doméstico que sua mãe exerce, Larissa atribui a ela o incentivo para estudar. Além disso, motivada pela raiva e inconformidade pelas condições de trabalho da mãe, Mariana almeja ascender socialmente para a mudar a realidade socioeconômica de sua mãe. E, também, a mãe de Mariana expressa sentimento comum da relação mãe-trabalhadora e filha-estudante, o desejo que ela jamais siga a sua profissão:

E ela sempre me incentivou muito, assim, que ela sempre trabalhou muito. E ela falava “gente, vocês tem que estudar pra vocês não ter a vida que eu tenho, de estar limpando privada de gente rica, estar levando desaforo de gente rica porque preciso comer. Então, eu não quero que vocês passem por isso”. Ela sempre me incentiva muito. A minha irmã não gostava muito de estudar, mas eu realmente eu falava: “eu não quero essa vida, eu não quero, eu não quero”. (Mariana)

Minha mãe ainda é empregada doméstica. E eu estava pensando nesses dias, o quanto que eu quero muito ter um emprego bom para que ela não precise trabalhar mais. Porque meu, aqui em [estado], o empregado doméstico é ruim, mas aí no [estado], pelo menos onde minha mãe, trabalha, é negócio assim, mano, trabalhar 12 horas por dia pra ganhar 400 reais. (Mariana)

Helena vem de um contexto familiar em que seus pais conseguiram “ascender” socialmente. A ascensão, no contexto de Helena, é seu pai ser concursado (policial militar) e sua mãe ter conseguido terminar os estudos através do EJA, cursar Pedagogia e virar professora:

É, as minhas atividades escolares, geralmente eu não tinha tanta gente assim disposta, tanto por cabeça, eu acho, que por tempo. Meu pai nessa época viajava e trabalhava em outra cidade. Trabalhava em [cidade], como policial. E a mãe, ela trabalhava o dia inteiro e ela fazia EJA a noite. Ela terminou o colégio por EJA, então era bem complicado assim para eu, para me ajudarem assim, em atividade escolar, geralmente eu fazia mais sozinha e tirava dúvida. (Helena)

Ao longo deste trabalho poderemos ver que o caso de Helena foge ao padrão da história de vida das outras pessoas interlocutoras. Isso se dá pela família de Helena ter conseguido ascender socialmente ainda durante a sua infância. Portanto, Helena não traz em seu discurso a responsabilidade de subverter a realidade socioeconômica de sua família:

É que ela estava no EJA. Aí é que o meu pai passou no concurso público, né? Eu não gosto de discurso meritocrático, mas, é, foi isso. Eles, os dois eram de uma condição muito ruim, e aí a minha mãe engravidou. [...]. E aí é, o meu pai fez um concurso... Ele primeiro trabalhou com o meu meu avô, trabalhava na marcenaria, e ele trabalhava junto com ele. Fazia móvel e tudo mais e a minha mãe no EJA. Até que chegou um concurso público da polícia militar, né? Acho que em 2002, aí meu pai fez e passou. E aí foi isso. Ele foi trabalhando nesse concurso e a minha mãe estava sendo empregada doméstica e ela começou também a trabalhar depois como merendeira na escola da minha avó. (Helena)

E aí ficou nessa e também estudando à noite e tal, até que, até um bom tempo atrás, assim, ela era merendeira e aí ela decidiu em 2012, 2010, 2000 e alguma coisa. No começo dessa década de agora. Ela decidiu cursar Pedagogia, né? É, boa parte da minha família é pedagoga, porque tem a escola da minha avó, então tem emprego. E aí ela decidiu cursar pedagogia e assumiu o cargo de professora de educação infantil da escola da minha avó, né? Então, ela passou de merendeira, e de serviços gerais para professora. E ela se formou. Depois ela fez uma pós na educação infantil. E hoje ela é professora de educação infantil dessa mesma escola ainda. Só que agora é formada, né, com essa pós dela. (Helena)

2.5.2 O trabalho da mãe

Neste tópico discuto como as pessoas interlocutoras relatam a sua relação com o trabalho da mãe. O trabalho doméstico remunerado mexe primordialmente com a dinâmica familiar, e com as perspectivas das mães em relação aos estudos de seus filhos. Como visto na seção anterior, as mães apoiaram seus filhos através da isenção de grandes responsabilidades domésticas ou financeiras.

Alguns relatos expressam uma proximidade com o ambiente de trabalho da mãe, seja por meio de visitas, interações com os empregadores, e, no caso de Ingrid, uma interseção entre lar e ambiente de trabalho da mãe. Outros relatos abordam o trabalho doméstico com maior distância, especialmente no caso de Pedro, que não interagiu com os empregadores de sua mãe; de Mariana, que não morava com a sua mãe; e de Helena, cuja mãe conseguiu mudar de profissão.

O trabalho da mãe de Larissa a tirou de uma convivência integral com ela durante muito tempo, ou seja, ela cresceu com os seus avós:

A mamãe, ela sempre trabalhou muito. E assim, eu não morava com a minha mãe, eu morava com os meus avós. E a maior parte da minha vida eu morei com os meus avós, né. Porque justamente a mamãe trabalhava muito e não tinha como cuidar de mim. Mas sim, teve um momento, acho que criança, que ela ainda tentava me ajudar com a tabuada, por exemplo, de matemática, mas, é... de me ajudar, assim, a estudar, a fazer algumas coisas quando ela podia. Quando eu era criança, ela conseguia. (Larissa)

Larissa relata momentos quando visitava sua mãe em seu trabalho, que até hoje exerce a profissão de trabalhadora doméstica. Os filhos das trabalhadoras domésticas quando visitam o ambiente de trabalho da mãe, se veem impostos a adotar uma postura subalternizada ou serem tratados diante as mesmas condições do trabalho de suas mães:

A mamãe trabalha até hoje, né? E na época ela me levava muito também, né, então eu ficava nesse quartinho. Tipo “ah, vem almoçar aqui.”, mas era comida de ontem que eu comia escondida, né, nesse quartinho assim. (Larissa)

Larissa chegou a conviver com os filhos dos patrões de sua mãe. É interessante notar que a mãe de Larissa teve que abdicar algumas vezes de criar sua filha e exercer o trabalho de cuidado para os filhos de seus empregadores, uma situação comum do trabalho doméstico remunerado no Brasil. A fala de Larissa representa um aspecto do trabalho doméstico aplicado aos filhos das trabalhadoras, que é a limitação de suas subjetividades. Existe um código de sobre

como se comportar, geralmente com muito cuidado, para “não abusar demais” ou não demonstrar algum tipo de insubordinação:

Eram coisas assim que eu brincava com os filhos dos patrões. Eu brincava com eles, eu ia para lá, eles gostavam de brincar comigo, né? Então eu tinha também todo esse outro laço também, né. Não só eles eram apegados a minha mãe, mas começaram a ficar apegados comigo. Hoje em dia eu tenho várias cartinhas da [nome da criança], né, que foi a última menina que a mamãe cuidou, que hoje deve ter, sei lá, 16/17 anos. Cartinha, eu tenho várias cartinhas até hoje, sabe, de melhores amigas, eu não sei o quê. Naquela época a gente nem tem a mesma idade, né, [inaudível] ela sempre pedia pra mamãe, pra mãe dela, pra eu ir. Eu cheguei a ir, como era mais velha naquela época, já cheguei a ir ao cinema sozinha com ela, né, a mãe dela confiou também. Ela queria e eu levei ela para a gente assistir um desenho, então também tinha todo esse outro lado né, da filha da empregada que brinca com a filha dos patrões, né? Mas também não pode abusar tanto. Não pode... Às vezes eu sentava, mas a mamãe nunca deixava, não gostava. Mas quando eles me chamavam para sentar na mesa, para comer com eles, era que eu ia e sentava e a gente comia da mesma comida, né? Mas eu também tive essa fase mais quando era criança também. (Larissa)

Em uma série de falas, Daniel relembra de sua convivência com os filhos dos empregadores de sua mãe quando ela ainda estava no trabalho doméstico, o que retrata de forma muito nítida essas relações de afeto, distância e imposições para adotar uma postura subalternizada:

Porque uma coisa assim que me lembra bastante, era também, como que lá atrás, quando a minha mãe estava trabalhando como doméstica, a relação dos patrões, dos filhos dos patrões com comigo e com a minha irmã. A gente brincava de vez em quando, juntos, a minha mãe levava a gente pra lá de ficar brincando e, de certa forma, isso é. Ficava todo mundo ali, brincando. A gente também era criança, era da mesma. Eu estudei um tempo na mesma... Porque era uma cidade pequena também, né? Então, só tinha poucas escolas, né? Por uma época, eu estudei junto do com filho dos patrões assim, é isso foi bem diferente, porque sempre teve, querendo ou não, a gente era amigo, mas ainda tinha a diferença de que não era... Como vou dizer? A mesma coisa, eu era como se fosse às vezes eu me sentia como se fosse um brinquedo para eles, de brincar junto, mas enfim. (Daniel)

Era velado, mas não tinha hostilidade, não. Tipo, todos os patrões que a minha mãe teve, foram pessoas assim, bem legais, simpáticas, queridas. Mas era sempre é velado, né? Aquelas coisas por trás assim, aquelas dinâmicas. (Daniel)

Sim, tinha muito isso, tinha muito isso. Tipo, não era visto no mesmo nível. Era amigo, brincava junto, mas ainda tinha uma certa diferença, assim. Mas, de certa forma, foi bom também pra... Porque daí eu brincava com umas coisas mais legais. (Daniel)

E isso a hora da refeição também. Comer um pouco depois. Aí depois teve uma época que a gente comia junto, mas aí quando tinha outra pessoa diferente, aí não. Tinha essas dinâmicas chatas. (Daniel)

Daniel, assim como as demais pessoas interlocutoras, expressa descontentamento por ter que seguir essas regras tácitas de convivência com o ambiente de trabalho de sua mãe. Ou seja, eles compreendem essa relação de subalternidade imposta, não gostam dela, mas se veem obrigados a seguir esse código de conduta nas casas dos patrões de suas mães:

Não era legal, a gente não se sentia em casa. A gente sempre tinha que se comportar de um jeito engessado, moldado a ser comportadinho, a ser diferente assim. (Daniel)

Ingrid reflete sobre essa relação de subalternidade imposta, especialmente em relação a sentir que não pode revidar quando algo as desagrade ou as agride, e em relação às sanções (no caso dela, de ser chamada de mal agradecida) que recebe caso imponha algum limite ou negue alguma coisa:

E aconteceu assim, várias ocasiões que a família da vovó, às vezes tinha... Agia de forma preconceituosa com a gente, né? Por exemplo, já jogaram minha irmã numa piscina em uma festa que não era, que não era piscina, que não era pra usar piscina, tipo uma festa à noite numa casa que tinha piscina, né? E aí rolava muito esse bullying de jogar na piscina, de xingar, né? Aí era muito complicado, porque a gente não podia revidar e nem a nossa mãe podia revidar pela gente, porque enfim, né? A gente morava lá, então imagina o que é que iam falar se a gente revidasse. (Ingrid)

Quando você é criança, você não percebe muito, que você é a filha da empregada e que, enfim, isso seria um certo problema em algum momento. Mas à medida que você vai crescendo aí e isso fica mais perceptível, sabe? Acontecer até um, umas coisas do tipo eu ir brincar com as bisnetas da vovó, né, na casa dela. Ou seja, vinha uma pessoa me pegar e eu ia brincar e tal, e aí, quando eu... Já não queria ir, tipo, já estava crescendo, não gostava mais daquelas brincadeiras, e tal, me recusava. E isso ser visto, como meu deus, uma coisa extremamente transgressora, extremamente inadmissível para eles. “Olha, ela não quer mais ir”. É tipo assim: “olha como ela é mal agradecida,

né? Ela mora aqui, ela come comida da matriarca lá, né, que era a vovó e ela não quer fazer isso”. Então rolava muito também é, esse pensamento, né... (Ingrid)

E aí foi quando eu comecei, essa época eu acho que tinha uns, acho que 9, 10 anos, né? E aí eu comecei a perceber “nossa, eu não quero ficar vivendo isso de novo, né? Isso é muito chato. Ok que ontem à noite a gente foi brincar no Giraffas, mas não compensa isso aqui, né? Acordar e sentir essa diferença”. E aí foi quando eu comecei, não, talvez a “eu não gosto de ir, talvez eu não queira ir, vou falar para minha mãe que eu não quero ir”, porque tinha também aquela pressão de você tinha que aceitar, então antes de eu começar a desistir de fato, aí eu ainda fui muitas vezes assim, obrigada. Ação de obrigação. E é, enfim, existia bastante essa diferença. (Ingrid)

Sarah reflete que o trabalho de sua mãe garantiu e até hoje garante a base financeira de sua família, mas não deixa de criticar a forma de como o trabalho doméstico opera e como a sua mãe o vive:

Eu reconheço que esse trabalho ele foi o que me garantiu e me garante até hoje bases financeiras. Assim, a partir da minha mãe, né? Foi a partir do trabalho doméstico que a minha mãe construiu a trajetória de trabalho dela, né? Infelizmente, como a maioria das mulheres negras desse país, boa parte das mulheres negras desse país. Não mais a maioria, porque a gente vem mudando isso há alguns anos. E aí eu, como filha de trabalhadora doméstica, eu convivo com os conflitos, né? Esses micro-conflitos simbólicos da minha mãe com a patroa dela, né? Inclusive esses termos, né? De tipo, a patroa não é uma chefe. É uma patroa. É uma coisa que lembra muito essa colonialidade, né, muito marcante no nosso país. (Sarah)

Ela, inclusive, relata que a sua formação universitária afeta a convivência de sua mãe com seus empregadores:

E eu vejo basicamente como a minha mãe é muito forte. Ela é muito firme, mas de uns tempos pra cá, eu tenho observado, né, que esses microdesentendimentos, essas piadinhas, por exemplo, ao que indica, ao que tudo indica, há um certo ressentimento dessa família porque a filha da empregada tem um mestrado, né? Eles mandaram flores no dia da defesa, mas eles são bolsonaristas. (Sarah)

E eles têm essa coisa muito colonial também, né, de serem apegados, aquela figura que trabalhou durante tantos anos, não vamos mudar, não sei o que é, de confiança, não sei o que. Enfim, deram um jeito. (Sarah)

Para Gabriela, entrar na universidade representa o fim de um ciclo intergeracional na sua família. Esta fala também toca em um ponto abordado anteriormente, sobre ter que “pisar em ovos”, não desagradar os padrões, como se fosse uma relação familiar ou afetiva, e não uma relação de trabalho:

É, foi bem, foi muito importante porque para mim foi uma ruptura, né? Assim porque a minha mãe e a minha avó trabalhavam para a mesma família. Trabalhava para a mãe que trabalhava, que agora trabalha para filha, e aí há um ciclo, né? Eles chamam mesmo. Meu pai trabalhou também por um tempo para a mesma família em outro setor. E querendo ou não, é uma relação meio que de dependência, né? Você fica meio que com medo ali de fazer alguma coisa que desagrade essas pessoas e as pessoas também são muito boas, dão muita assistência, então, você meio que tem essa questão da consideração. Só que é sempre o vínculo de trabalho, querendo mesmo você está trabalhando para essa pessoa, você não é amigo dela. (Gabriela)

Gabriela observa as contradições no trabalho de sua mãe. Ao mesmo tempo que os empregadores respeitam as leis trabalhistas e fornecem benefícios, a sua mãe trabalha excessivamente, tendo até mesmo que abdicar natais e feriados. Como abordado anteriormente, o respeito às leis trabalhistas impõe às mães trabalhadoras uma dedicação como se esses direitos fosse um ato de benevolência e generosidade, e não relações formais de trabalho:

A pessoa assim, é maravilhosa no sentido de dar assistência. Paga plano de saúde, é super massa. Só que também a cobrança é meio infinita. A minha mãe nunca tem Natal. Ontem foi feriado e a minha mãe trabalhou. Aí antes de ontem ela trabalhou até mais tarde porque tinha festa, só que no outro dia ela vai trabalhar de novo. Tem os finais de semana, mas ainda acho que ela trabalha muito. (Gabriela)

Gabriela relata que o trabalho de sua mãe (e também de seu pai) é exaustivo e perigoso para a saúde, mas reconhece que foram estes trabalhos que a proveram. Portanto, existe uma dupla relação entre o trabalho árduo e perigoso dos pais, mas que promoveu, a sua maneira, segurança financeira para eles:

Eu acho que atingiu porque foi a minha forma de renda, né, querendo ou não. Eu vi a minha mãe crescendo financeiramente graças a isso. Por mais que ela chegasse, reclamando, né, foi a forma que a gente tinha de sobreviver e tem até hoje. E eram sim, perfeito, mas meus pais sempre sofreram muito assim, tanto a minha mãe quanto meu pai. Meu pai ficou doente no trabalho, o trabalho do meu pai era extremamente agressivo. A indústria é muito agressiva, pessoas morriam, pessoas perdiam órgãos. Meu pai ficou doente do ouvido, do pulmão, trabalhou muito tempo à noite. Então tinha gente que dormia na máquina e perdia braço e mão. (Gabriela)

Diferente dos empregadores da mãe de Sarah, que demonstram ressentimento por ela ter ingressado no Mestrado, os empregadores da mãe de Gabriela demonstram apoio em sua carreira acadêmica:

Eles, na verdade, eles são muito legais nesse aspecto que eles sempre incentivaram muito. Assim eles já até me ajudaram financeiramente durante os meus estudos. Assim eles quando, a minha mãe não tinha condições de pagar escola, entrava com alguma coisa tipo o dinheiro do livro. Todo ano eles mandavam certo dinheiro para mim. Então eles sempre incentivaram muito essa questão. E eles incentivam até hoje. Eles falam “tem que ver doutorado mesmo, tem que ir para outro canto”. Eles têm essa visão assim. Incentivam a minha mãe também a ela continuar a trabalhar. Então, eles têm consciência das coisas assim. Mas eles, querendo ou não, não tem como sair da condição deles de pessoas ricas, né? (Gabriela)

A mãe de Daniel não é mais trabalhadora doméstica e atualmente trabalha na equipe de limpeza de um hospital. Quando era trabalhadora doméstica, ela não tinha trabalho formal, o que Daniel lamenta, por prejudicar em seu processo de aposentadoria:

É, minha mãe também conseguiu sair do trabalho doméstico. Ela trabalha ainda na limpeza, mas foi pro hospital, já não trabalhava mais dentro de casa de pessoas. Ela limpa, trabalha na higienização de hospital e aí foi mudando mais a dinâmica. (Daniel)

Ai, por 10 anos foi informal e tanto que até hoje isso é algo muito triste para ela se aposentar. E aí depois passou a ser assinado, depois que também teve a regulação e tudo mais. Mas antes do que quando eu não tinha nada, ninguém falava disso e aí depois ela teve o período doméstica sem carteira assinada. 10 anos depois, o período doméstico menor, com carteira assinada. Aí ela passou para trabalhar num hospital, higienização. (Daniel)

Mariana aborda, nesta série de relatos, como o trabalho de sua mãe, mesmo com a distância, a impactou:

Minha mãe, ela é do [estado]. E ela trabalha mais ou menos de 12 horas por dia, até hoje. Ela ainda é empregada doméstica, ela trabalha mais ou menos 12 horas por dia para ganhar 300, 400 reais, assim. (Mariana)

A minha mãe, esses dias, ela mandou mensagem, a gente tava conversando. E ela falou que ela não queria trabalhar, ela... O que ela me descreveu foi um quadro de ansiedade,

eu sei porque eu tenho transtorno de ansiedade. Ela falou de quando ela tinha que acordar, ela acordava e estava com vontade de chorar. Assim ela parou de ir na casa que ela... Ela tem uma casa fixa, ela ligou para a pessoa e falou assim... E olha, ela não tem direito a férias, tá? Doze meses, e foda-se. Ela assim: “olha, eu sei que não tenho direito a férias e tudo mais, mas eu vou ficar um mês fora”. É um mês que ela vai ficar sem receber. “Eu não estou com condições”, porque ela acordava querendo chorar porque ela não queria. (Mariana)

A mãe de Samuel nem sempre foi trabalhadora doméstica. Antes, ela trabalhava em uma lanchonete em um terminal de ônibus. Após a morte da avó de Samuel, sua mãe herdou o seu posto de trabalho: empregada doméstica de um familiar (uma tia de Samuel, irmã de sua mãe). É interessante perceber nesta série de relatos de Samuel, como as relações entre família e trabalho doméstico remunerado se misturam:

Não, ela nem sempre trabalhou com trabalho doméstico, não é? É, por exemplo, na minha adolescência que eu ia deixar ela parada [de ônibus], ela trabalhava naquelas lojas que tem terminais de ônibus. (Samuel)

Então, antes de ser, é, trabalhadora doméstico, ela praticamente só trabalhou em serviços gerais, né? Depois que ela saiu das empresas, que querendo ou não, tem uma proximidade com o trabalho doméstico, né? E minha avó, antes da minha mãe, também trabalhou em alguns serviços domésticos, né, então essa... Tanto minha vó como a minha mãe tem essa proximidade de terem um serviço, é, nesse, nesses serviços, né? (Samuel)

Boa parte da sua trajetória enquanto trabalho. É quando eu já não tô morando com ela, eu acho que é quando eu faço 17, 18 anos, por aí. Depois a minha avó faleceu em 2012 e minha mãe começa a trabalhar como trabalhadora doméstico em 2013, né? Eu já não tô morando com ela, é quando no ano que eu termino ensino médio, inclusive, né? E ela começa a trabalhar numa casa de uma tia minha, não é? E ela trabalha na casa minha tia durante muito tempo, não sei exatamente. Acho que está só com dois anos que ela deixou de trabalhar lá e desde que ela deixou de trabalhar, ela não trabalha mais. Não trabalha mais formalmente, né? Porque ela cuida da casa dela, que é a casa onde minha vó morou, né? Que é própria lá, né? (Samuel)

Eu não sei precisar exatamente, mas eu acho que não chegava a ser um salário mínimo, não. Nunca, nunca chegou a ter nem carteira assinada, se não me engano. (Samuel)

Ela fala muito que foi por causa da minha vó, né? Porque antes dela ir para trabalhar lá, quem ajudava a mente era minha avó. Só que minha avó não sei se recebia alguma coisa, não é? Mas quem ajudava era a minha vó. Aí quando minha avó faleceu, né, ela vai trabalhar lá, aí ela guarda na cabeça dela essa relação afetiva, mesmo que seja de exploração. Querendo ou não, é exploração, mesmo que seja uma familiar, é exploração. Que ela tinha que assumir essa responsabilidade que foi da minha avó e guarda isso na cabeça dela, mesmo que eu tente falar com ela que “não, não é assim que as coisas tem que acontecer”, que ela devia fazer outras coisas, mas ela guarda na cabeça dela essa relação afetiva, né. (Samuel)

A relação entre família e trabalho doméstico também se misturam no caso de Ingrid. Mesmo não sendo uma relação familiar nuclear, a convivência com a empregadora de sua mãe gerou uma relação de afeto, onde Ingrid a menciona como “vovó”. Porém, mesmo com a relação de proximidade e afeto com a empregadora de sua mãe, ela não deixa de perceber as relações de exploração e racismo entre a família da empregadora e a ela, sua mãe e irmã, além de conviver em uma dupla realidade em um bairro nobre e em um bairro periférico de sua cidade:

E quando a família da vovó ia lá para casa, que a gente ajudava também alguma coisinha, “ai, vamos servir a mesa, vamos retirar a mesa”. E acho que nesse sentido, as maiores dificuldades eram em relação a transformação nas coisas. Porque quando estava só a vovó, a gente morava só com vovó, né? A gente morava só com a vovó. E aí quando os filhos, outros familiares, iam para lá, é, meio que a gente mudava essa relação, né? A gente estava lá para servir, tanto a minha mãe quanto eu e minha irmã. Então a gente tinha que pôr a mesa e tinha que esperar todo mundo comer para ir comer depois. A gente não se sentia muito à vontade de estar no nosso quarto, né? Porque para eles, era um lugar que eles podiam entrar a qualquer momento, mexer nas coisas, ficar é, conversando com a gente ou indagando sobre alguma coisa. A gente se sentia, né, naquela obrigação de responder. Então, por esse motivo, era bem chatinho assim, né? (Ingrid)

Schneider (2015) ao revisar os principais autores que conceituaram geográfica e antropológicamente o lugar e o não-lugar, chegou à conclusão que o conceito de lugar possui dois sentidos distintos, onde o primeiro é voltado para a análise marxista que se concentra nas relações econômicas e políticas do espaço; o segundo se detém em entender a relação de pertencimento entre o indivíduo e o espaço. Sobretudo, ambos buscam destacar que o estudo do lugar é importante enquanto espaço de vivência do indivíduo. Sobre os não-lugares, Schneider (2015) aponta as contribuições de Marc Augé e Michel de Certeau, onde destaco as

contribuições do primeiro. O não-lugar é, portanto, um espaço de relações transitórias, supérfluas e funcionais. Em oposição ao lugar, o não-lugar tem seu sentido esvaziado ao longo do tempo para aquele que o ocupa ou habita. O não-lugar traz para o seu ocupante uma falsa sensação de familiaridade, principalmente por ser um espaço de caráter transitório e desvirtua, portanto, o espaço do lugar (antropológico), que é ligado ao pertencimento, familiaridade e identidade. Neste sentido, Ingrid se encontra nesse não-lugar de morar com a empregadora de sua mãe, onde as relações de afeto, o sentimento de lar, a subalternidade imposta e as relações raciais se encontram:

Isso é, eu moro em [cidade], no [bairro periférico]. E aí, é... E nessa época quando a gente morava com a vovó, a gente morava na [bairro nobre], né? Então tipo assim, né, a infância toda foi naquele espaço, né, com aquelas pessoas, né? Então eu tinha também a convivência que eu achava que era muito diferente. Assim, alguns amigos da escola, aí quando chegava os amigos do apartamento do prédio, as realidades também diferentes e eu me sentia muito deslocada também, né? Por causa disso você sente, né, que há uma diferença e, principalmente, quando você vai crescendo. (Ingrid)

Era até meio constrangedor para mim quando eu ia falar porque, tipo assim, as pessoas já diziam “nossa, aquele lugar chique” aí, tipo, ia dizer “ó, mas não é minha casa, né, não é a casa da minha mãe, tá? É a casa de outras pessoas, eu moro lá em outras condições”. (Ingrid)

Teve um acontecimento comigo, que era ainda quando eu ia para casa dessa filha da vovó para brincar com as bisnetas, né que às vezes eu dormia lá, né? E aí no café da manhã, “aí, vamos tomar café da manhã”. As meninas tomavam, tomaram o café da manhã na sala de jantar e eu fui tomar um café da manhã na cozinha com os talheres e as coisas que ficavam separadas, né? Porque não era junto, então empregado doméstico lá tinha o copo separado, tá? Lá é tudo separado, né? E aí, os utensílios. E aí foi esse acontecimento no do café da manhã, aí eu fui pra cozinha comer sozinha e as meninas comeram lá na sala de jantar e a comida também era diferente, né? Então pra elas tinha nescau, todas aquelas coisas, né, das novelas. E aí pra mim era café puro, que eu não tomava nem em casa, né, lá onde a gente morava, café puro e um pão com manteiga, né? E aí, hoje em dia, eu como super isso, mas na época foi assim, um choque, porque primeiro, pela separação de lugares, pela separação dos utensílios, pelo tipo diferente de comida, né? (Ingrid)

Esta série de falas de Ingrid escancara o racismo nas relações entre a ex-patroa de sua mãe e ela. Ingrid relata uma relação de afeto entre ela e a ex-patroa de sua mãe, mas reconhece

que ela era uma pessoa racista através de atitudes de tentar alisar o seu cabelo, passar produtos em seu corpo para que ela não fique “encardida” ou diferenciar ela das demais pessoas negras. Essa atitude, teoricamente elogiosa, de falar que Ingrid é diferente das demais pessoas negras, na verdade (como a própria interlocutora aponta), se dá pela tentativa de docilizar ela enquanto pessoa negra:

São, são pessoas brancas. E aí, inclusive a vovó, ela tinha umas falas bem racistas, né? Ela nasceu em 1922, ela já morreu. Ela nasceu em 1922, então a gente, teve uma boa convivência com ela, assim, e muitas das coisas, né, preconceituosas e tal, que ela também passa para os filhos, ela continuou na velhice, né? Porque, enfim, então, é, a gente era aquele tipo de pessoa que era de estimação para ela, porque talvez nós fossem “ah elas são negras, mas são negras diferenciadas, né? São negras mais dóceis, estão aqui na minha casa, então assim, não é como qualquer negro”. E tinha isso também. Aí queria alisar o nosso cabelo, aquela coisa toda, passar leite de rosas para não ficar tão encardida, tudo isso, né? E na época realmente a gente nem... Só achava engraçado por que que ela quer isso, né? Achava engraçado, mas não entendia. Essas coisas só foram é, fazer parte do nosso consciente da gente pensar como era errado, depois mesmo de adulto, tanto para mim quanto para minha irmã (Ingrid)

Com o passar do tempo, Ingrid foi avaliando a sua relação de afeto e subalternidade diante a família da ex-patroa de sua mãe e as condições sociais impostas pelo trabalho de sua mãe, e passou a sentir uma inconformidade, uma revolta pelo que ela e a sua família viveram:

Quando eu era menorzinha, né, eu tinha raiva, na verdade. Não, eu tive, teve uma maior parte que foi de raiva, depois vergonha, né? Quando você tá se aproximando ali da adolescência. e era mais raiva, assim, da condição, né, não da profissão. Era a condição em que a gente vivia. Por que que a gente não podia ter essa liberdade quando os filhos chegaram em casa, né? Por que que a gente não podia ir um dia qualquer para a praia, que nem as pessoas ficam numa barraca de praia e não numa farofa, né, como a gente costumava fazer. Mas depois é, acho que foi adentrando pra adolescência mesmo, eu tive muito orgulho porque eu ficava me comparando e vendo assim que algumas pessoas não passavam pelas dificuldades, nem tinham a visão que eu, e que a minha irmã e que a minha mãe, a gente tinha, né? E que a gente podia também estar, digamos assim, do outro lado. (Ingrid)

Após a morte da empregadora da mãe de Ingrid, a sua mãe se distanciou da família da empregadora, mas ainda continua no trabalho doméstico como diarista. A família da ex-

empregadora da mãe de Ingrid pensava que sua mãe continuaria trabalhando para a mesma família, mas ela, de sua forma resolveu dar descontinuidade a trabalhar para uma mesma família. Ou seja, ela interrompeu uma relação de trabalho doméstico intergeracional, mas no sentido de ela não mais trabalhar para diferentes gerações de uma mesma família:

Então eles achavam que mesmo depois que ela morresse, a mamãe ainda ia ficar precisando, digamos assim, deles, né, e que eles iam se beneficiar da presença dela, só que não foi bem assim, né? A vovó morreu e aí a mamãe meio que não quis mais saber, com razão, também. E porque houve muito tipo de humilhação, né de fato. Então não era só o que eles fazem com a gente, mas eles chegavam, é, e não gostavam das coisas. Às vezes inferiram que a minha mãe estava batendo na vovó, porque ela apareceu com aquelas roxas, porque ela era muito branca, uma pele frágil, né? E aí eles inferiram que ela estava agredindo a vovó e tal, então assim, né? Vários tipos de humilhação. Também já inferiram que a minha mãe, já roubou dinheiro, que a minha irmã já roubou dinheiro. Então, assim, coisas que mexem bastante, né? E você sistematicamente vivendo isso, você passa a ter um ranço, você passa a ter raiva, você passa realmente não querer saber, a se revoltar contra isso, né? E aguentava, porque tinha que aguentar. (Ingrid)

E hoje a minha mãe, ela ainda trabalha sim, mas como diarista, digamos assim. Ela não trabalha na casa fixa de ninguém. Mas se chamar para ela e fazer uma faxina, ela vai, né? E inclusive, ela faz na casa de um amigo meu, que no começo eu achei que isso ia ser estranho, mas a casa dele é uma das casas mais simples de se cuidar. Então, quando ela vai, na verdade, ela se sai muito bem em termos financeiros, porque é algo que é muito mais simples, sabe? É uma quitinete, então para organizar, e ela cobra o mesmo valor que ela cobra para os outros, então, e ele aceita tranquilamente. Então, nesse sentido, é bom pra ela e eu sinto que ela gosta de ter essa função, assim, de eventualmente trabalhar, não trabalhar de segunda a sexta, pegando ônibus com trabalho doméstico, que é pesado, né? Mas eventualmente, é bom. E isso também muda para ela, porque ela gostaria de estar recebendo uma renda, ela não recebe, porque ela não tem tempo... Tempo de contribuição, ela tem, mas ela não tem idade ainda para se aposentar. E, enfim, ou ela trabalha ativamente para receber, né, ou não. (Ingrid)

A mãe de Tatiana exerceu diversas profissões, mas sempre voltadas para o trabalho do cuidado:

Era, assim e na questão financeira, foi uma sobre questão financeira, porque meu pai, ele trabalha na indústria e minha mãe, né, pra te situar, ela é empregada doméstica,

né? Ela não trabalhou a vida dela toda como empregada doméstica. Ela já trabalhou como cuidadora ela, né? Mas sempre nesse, nesse âmbito dos trabalhos de cuidados, sabe? Então, ela trabalhou como zeladora, zeladora de um centro de limpeza do prédio, sabe? Mas sempre dentro desse âmbito. E ela já teve um restaurante dela que era de, enfim, um self-service que ela montou sozinha e tal, perto de um, de um... Como é que chama? A palavra está me fugindo, mas é uma coisa muito besta. É terminal de ônibus! Então ela sempre, ela sempre gostou de trabalhar com comida, sempre cozinhou bem. Então ela montou esse restaurante, ela ficou uns 4 anos num restaurante, depois ela fechou por questão de saúde. Mas, enfim, ela sempre teve muitos trabalhos desde criança. Minha mãe sempre trabalhou, desde a infância, com o trabalho de cuidados, então ela já foi babá. Ela já trabalhou com limpeza de restaurantes, já trabalhou com assistência de cozinha, já trabalhou como zeladora, como cuidadora de idosos, estão sempre foi iniciando (Tatiana)

Para Tatiana, o trabalho doméstico é marcante em sua vida porque ela representa a quebra de um ciclo. Com o Ensino Superior, Tatiana sente que não corre o risco de se ver na mesma profissão que sua mãe, mas sem apagar o papel deste trabalho em sua história de vida:

Nossa, para mim é tipo assim, muito importante, muito é, potente mesmo, né? Porque é o que é justamente isso como eu estava falando, a gente está quebrando um ciclo, né? De provavelmente, de mulheres que iriam, enfim, depender do pro resto da vida do marido ou de outras pessoas, ou até mesmo enfim, sofrer questões de trabalho, né? Porque a gente sabe que é um trabalho difícil, que as pessoas não pagam, pagam mal, não valorizam o trabalho da trabalhadora empregada doméstica, então, é... Enfim, eu acho que significa, é, uma ruptura, né, dessa desse ciclo de dependência. Enfim, de exploração também, né? Enfim, é mas é isso. É, é muito importante para mim, é muito, muito importante. Eu sempre pretendo trazer isso também, sabe? É, não, é, apagar isso da minha história e criar outra narrativa. Não, tipo, isso faz parte de mim. (Tatiana)

Pedro é de uma cidade pequena, o que dificulta a sua mãe ter no trabalho doméstico uma fonte de renda formal e documentada em sua Carteira de Trabalho:

Trabalho informal. Ela não conseguiu de uma formação, assim, nem de curso, nada disso. Só que ela conseguiu terminar o ensino médio, graças a Deus. Inclusive, foi depois que eu já tinha nascido, inclusive, ia a para as aulas com ela. E é isso, mas é trabalho informal. Nada assinado, nada garantido, tá? Amanhã mesmo ela pode não trabalhar e não ter o dinheiro do mês. (Pedro)

A mãe de Helena começou a trabalhar muito cedo, por necessidade. Antes de terminar completar os estudos pelo EJA e fazer faculdade, Helena relata que sua mãe trabalhava para pessoas respeitadas, mesmo considerando a problemática do discurso de “quase da família”:

Ela começou a trabalhar como empregada doméstica com 12 anos, né. Ela saiu de casa e foi procurar. Era tipo, sei lá, 15 reais por semana que recebia, né? Na época, então, não era uma coisa tão grande, mas ali dava para comprar um absorvente. Ela, ela fala muito que ela não queria colocar pano, né? Ela não queria usar pano porque ela via as irmãs dela usando pano e ela queria usar um absorvente. Então ela comprava absorvente, comprava coisa pessoal, assim tudo mais. (Helena)

E, por sorte né, ela encontrou patrões muito bons. Era muito aquele estereótipo de “ah, ela é quase da família”, né? Minha mãe é uma mulher negra, então isso é mais sintomático ainda, mas melhor isso do que acho que, de tratar, né? (Helena)

Vimos, portanto, como a profissão da mãe afetou as vidas das pessoas interlocutoras. Para a maioria delas, o esforço da mãe para os criar é combustível para que eles busquem ascensão social para poder retribuir o sacrifício e o esforço. Para as mulheres, além da ascensão social, elas buscam romper um ciclo, para que sua família não seja mais marcada pelo trabalho doméstico remunerado. Alguns conviveram de maneira mais íntima ou próxima do cotidiano do lar dos empregadores, outros menos.

O caso de Ingrid é o que mais detalha a sua convivência com o trabalho doméstico, já que morou por muitos anos com a patroa de sua mãe, a qual criou relações de afeto.

O caso de Helena é o mais distinto em relação ao sentimento de ter uma missão de ascender socialmente para prover a família no futuro, já que seus pais conseguiram exercer profissões socialmente mais estimadas antes dela chegar na fase adulta.

Portanto, as percepções e vivências particulares fundem-se a discussão teórica sobre o trabalho doméstico, ou seja: como a relação de afeto e distância com os empregadores, a informalidade, a exploração da mão-de obra, as humilhações, o racismo, o classismo, a pobreza e a carência na educação formal das mães atingiram as pessoas interlocutoras em suas individualidades.

2.5.3 *A perspectiva das pessoas interlocutoras sobre o trabalho doméstico*

Durante o processo de entrevistas com as pessoas interlocutoras, perguntei a todas como elas percebem o trabalho doméstico de modo geral, não necessariamente apenas em relação a como este trabalho impactou a sua vida e a de sua família. De modo geral, a perspectiva das pessoas interlocutoras sobre o trabalho doméstico converge: um trabalho explorado, que é continuidade da escravatura, mas que, ao mesmo tempo, foi o trabalho que permitiu com que as mães garantissem parcial ou totalmente a sua subsistência.

Larissa aborda o trabalho doméstico como uma relação de exploração de gênero, classe e raça:

É assim, eu queria frisar também que, além de ser questão de gênero, de capitalismo, é uma questão também de raça, é? Você percebe que a maioria das empregadas domésticas são pessoas, são mulheres, são mulheres pretas, né? É uma herança escravocrata que as pessoas ainda tem, né? Você ainda percebe que ainda existe o quartinho de empregada? Você percebe que existem pessoas que ainda querem que essas mulheres durmam nas suas casas, né. Então a gente percebe também que isso é muito da questão de pele, né. Isso daí é muito atrelado ao racismo mesmo, né.
(Larissa)

Gabriela aborda que o trabalho doméstico precisa ser compreendido como um trabalho como qualquer outro:

Eu acho essa questão é do trabalho, como um todo. Se você parar pra pensar como professor, também é a mesma coisa. Você trabalha muito, né, “mas pelo menos eu não sou assalariada” e vai sempre sendo isso. “Pelo menos eu não sou assim”. Essa é uma estratégia de roubar os direitos, mesmo os trabalhadores, né, como um todo. Claro que não vamos negar que dentro da profissão de diarista, é bem maior a exploração fora de outras milhares de humilhações que a diarista tem que passar. (Gabriela)

Eu penso muito que é um trabalho como qualquer outro, mas ele tem um estigma muito grande assim. Um preconceito assim. Quando você chega num canto e você falar na “minha mãe é empregada doméstica”, e que eu vejo que eu que em outros países é um trabalho, assim como qualquer, né? Mas aqui tem muito essa questão de subserviência mesmo. Empregado, né, carrega um peso né, de que eu acho que é um resquício mesmo da escravidão, né, de pessoa que serve a outra, né? Não é um serviço prestado, como por exemplo, dar uma aula, né, que é um serviço que você presta. Dirigir um carro para outra pessoa, ser motorista, é um serviço, mas você, tipo, lavar

uma roupa, não é serviço, você é um empregado, você é uma pessoa que faz qualquer coisa pela outra pessoa, então carrega esse resquício aí da escravidão. (Gabriela)

Tatiana também aponta que o trabalho doméstico deveria ser reconhecido e equiparado a qualquer outro trabalho:

É, então eu acho, o trabalho doméstico é um trabalho importante, né? Eu acho que ele tem que ser um trabalho que tem que ser, é, considerado dentro do, enfim, dos processos de trabalho mesmo considerados pelo Estado, né? Então, acho importante a luta das mulheres, dentro dessa questão de direitos trabalhistas, de ter carteira assinada, de ter os direitos resguardados, né, da profissão. Porque é uma profissão que sustentou, principalmente, o capitalismo durante muito tempo, nesse sistema capitalista, durante muito tempo. É a base, posso dizer até que a base capitalista, que esses trabalhos domésticos, não só o trabalho da empregada que vai na casa de outra pessoa, mas até o trabalho da mulher que ficava em casa cuidando dos filhos e da casa, né? Então é, eu acho que é algo que tem que ser levantado assim, em discussão, levado em discussão, é, que tem que ser considerado como, enfim, um trabalho mesmo. E as pessoas têm que trabalham nelas, tem que ter as os seus direitos. (Tatiana)

E as pessoas têm que trabalham nelas, tem que ter as os seus direitos. E o que eu trago disso na minha, na minha trajetória, assim da minha vida é, caramba, é bem subjetivo essa pergunta, mas é difícil, mas é, deixa eu pensar. Eu acho que é isso, de tipo, de enxergar esse trabalho como algo tão importante, sabe como a base de tanta coisa e trazer para a minha vida, num sentido mais subjetivo, assim, da minha relação com as pessoas, da relação de cuidado também, que eu tenho com as coisas, sabe? Tipo com a casa, com a minha casa e não no sentido de tipo de ser submeter, aí, eu esqueci a palavra. Submissa, isso. Não de ser submissa ao algo ou alguém, mas assim, da importância que esse trabalho tem até para construção é pessoal de cada um, do indivíduo, sabe? Que é importante a gente ter essas noções de cuidado com a casa, de cuidado com as pessoas, de cuidado com as coisas que a gente tem, é, que eu acho que isso leva para outros lugares também assim, tipo, é questão de educação mesmo. Então, é... É nesse sentido assim que entra na minha vida, sabe? E que a minha mãe, é, trouxe para mim na minha infância, na minha construção e eu levo até hoje. Assim, carrego comigo até hoje, que é esse sentido do cuidado com as coisas, com as pessoas, com, enfim, com a vida também, comigo, com meu corpo. Então eu acho que entra dentro desse espaço também. (Tatiana)

Daniel aborda o trabalho do cuidado, e pontua que o trabalho do cuidado deveria ter o mesmo reconhecimento que qualquer outro tipo de trabalho. Além disso, ele atribui esse

não reconhecimento como um trabalho como qualquer outro por ser um trabalho exercido na maior parte, por mulheres:

Então, o que eu acho que me veio agora em mente que isso eu sempre tive um pouco assim dentro de mim. É mais criticando o sistema capitalista de que não coloca o cuidado, o trabalho do cuidado como algo valorável e que deveria ser tão, ter tanto valor como qualquer outra coisa cara de academia, qualquer trabalho de arquiteto, ou qualquer de engenheiro, médico ou qualquer coisa. Mas ainda isso também está muito ligado a bases feministas. Como que o feminino não é algo encorajado na sociedade ou como algo bom. Para mim, o cuidado como um todo deveria ser uma profissão. Cuidador, cuidar de cuida de casa, cuida de pessoa, está muito ligada à mulher, ao feminino, a mãe. Então, de certa forma, empregada doméstica lida muito com isso. (Daniel)

Eu lembro de muitas vezes quando era criança. É... Isso também. Eu tenho outra tia que ela também era empregada doméstica. E aí essa tia morava dentro da casa. Minha mãe nunca morou, pelo menos. Essa minha tia morava dentro da casa de outras pessoas e ela cuidava das outras crianças como filho dela. Então isso... Ela, de certa forma, criou duas crianças para outras pessoas. E sempre morou lá naquela coisinha pequenininha, no canto. Eu acho que o cuidado deveria ser muito mais valorizado, no geral. (Daniel)

Além disso, ele relaciona o trabalho doméstico a uma cultura brasileira, uma herança colonial, de ver as trabalhadoras domésticas enquanto serviçais, o que faz com que o trabalho doméstico seja algo humilhante:

Mas isso faz parte, muito da cultura brasileira e ainda a herança colonial de achar que a ter um criado dentro, assim criado, né, dentro de casa é uma coisa essencial ou fundamental, e na verdade é ainda é herança do país colonialista e achar que que isso é não ver o ser humano como outro ali. (Daniel)

Quando eu digo trabalho humilhante, não é no sentido de pejorativo, de falar que não trabalho digno, é de se colocar numa situação onde tem essas pessoas, causando essas situações sociais em outras pessoas. É mais nesse sentido, onde é tem essa separação elite e outra coisa mais aqui. (Daniel)

Mariana entende o trabalho doméstico como um resquício da escravidão, e aponta que as pessoas deveriam ser capazes de fazer suas próprias tarefas domésticas e entende que existem situações em que o trabalho doméstico remunerado se faz necessário:

Eu. Eu acho que é um resquício da escravidão ainda? É, eu acho que tem Malcom X que fala “se você não consegue cuidar da sua casa, manter sua casa limpa, que sua casa, então pegue fogo. Se você não consegue fazer sua própria comida, que você morra de fome”. (Mariana)

E é isso, assim, eu acho que existe um momento em que a gente precisa de ajuda, sei lá, uma mãe que acabou de ter neném. É óbvio que ela vai precisar ou pagar alguém para vir ajudar na limpeza ou ter um núcleo familiar ali que faz... Mas, eu acho que do jeito que é hoje é muito, é muito, muito símbolo de poder. É muito “olha só, eu tenho dinheiro suficiente para ter alguém que faça os trabalhos domésticos, né?”. (Mariana)

Fico olhando para a moda, não é? Hoje em dia é moda, você tem a unha desse tamanho que é um símbolo de “tipo assim, eu preciso lavar louça. Então eu não preciso lavar louça porque tem alguém que lava pra mim.”. E aí essa mulher que lava a louça, e essas mulheres geralmente são mulheres negras, né, que estão fazendo todo um trabalho que não é reconhecido. (Mariana)

Mano, se você não consegue manter sua casa limpa, que a sua casa pegue fogo real assim, porque... É... não faz sentido. Acho que é um resquício da escravidão muito, muito, muito claro, assim, para mim. Então eu sou muito, acho que é um trabalho importante, eu acho que deveria ser... É, que de fato, teve a lei das domésticas, que agora tem que assinar a carteira, mas eu acho que nos confins do Brasil isso não acontece ainda. Então, e eu acho que no momento em que fosse, de fato, assinado, carteira e ter benefícios e ser tido como um trabalho como qualquer outro, acho que isso seria uma coisa, mas do jeito que está hoje é só exploração no seu mais alto nível assim. (Mariana)

Mariana também aponta que a existência de uma pessoa cuidando de uma família implica que ela é obrigada a negligenciar a sua própria família:

A sua casa está limpa porque tem uma mulher que está negligenciando a educação dos filhos para conseguir estar na sua casa por 12 horas por dia, que não está comendo direito porque tem que fazer a sua comida. Que está tendo que, enfim, lidar com transtornos de ansiedade, depressão, porque a casa está bagunçada, mas a sua está limpa, então eu tenho muito, sou muito resabiada nessas questões. Assim, toda vez que eu tenho, eu tenho realmente um ódio de classe assim que é... Mas eu acho que é algo que me dá vida, muito. (Mariana)

Samuel compreende o trabalho doméstico como uma continuidade da escravidão e um mecanismo de estabelecimento e dominação do capitalismo:

Porque querendo ou não, essa perversidade que foi a escravidão é uma marca, é marcadora de quem vai ser as trabalhadoras domésticas, né?. É como tu falou, essas pessoas quase da família, né? Querendo ou não, é os escravos da casa, os escravizados da casa eram quase da família, não é? Eram pessoas que que cuidavam, né? A ama de leite, é, das crianças brancas, não é? É, inclusive, o jornal que eu leio, fala muito disso, né? Ele questiona essas crianças que vão para a casa de pessoas porque elas são órfãs, as crianças órfãs que são levadas para casa de pessoas, não é? E tem uma frase marcante do jornal, junto dos jornalistas que diz, né, “você sabe que essas negrinhas só servem nessas casas para serem escravas, não é?”. E já isso, já é depois da suposta abolição, né? Então, assim, eu passei a entender a condição da minha mãe muito também quando eu fui conhecendo essas histórias. Inclusive, chorei muito lendo o livro da Ângela Davis, né? (Samuel)

Lendo historicamente, querendo ou não, é uma continuidade da escravidão dos tempos atuais. (Samuel)

Aí, assim, eu vejo o trabalho doméstico como querendo ou não, um braço do capitalismo que atualiza mecanismo de domínio, que permanecem... É.... Que geram permanências, tanto do escravismo como do colonialismo, né, sobre, principalmente mulheres e mulheres negras, mulheres pobres. Mesmo que estrategicamente falando, a gente percebe que essas mulheres encontram apenas o trabalho doméstico como maneira de subsistência e existir, né? Na verdade, nem subsistência não, é de continuar vivas. Porque precisam do dinheiro, e tem que se colocar nessa situação de exploração. É, como a Angela Davis diz, né, a tecnologia avançou tanto, mas dentro de casa ela não avança o suficiente para que ninguém tenha que cumprir as funções da casa né? Então é um mecanismo do capitalismo que faz uso dessa forma de trabalho, né? Apesar de ser, de eu já ter ouvido de várias pessoas, que é bem característico de países como o Brasil, né? Mas querendo ou não, um país como o Brasil, que teve a escravidão durante tanto tempo e que perdura ainda na sua ideologia, não tem como escapar dessa atualização, né? Então, vejo que o trabalho doméstico é uma atualização do, das formas de domínio colonial. (Samuel)

É muito, muito foda assim. Porque é uma relação que... Não é que elas não entendem, elas entendem da forma delas, da maneira delas, né? Provavelmente minha mãe sabia que estava sendo explorada da maneira dela, assim como sua mãe deve saber também. Mas querendo ou não, elas têm que se submeter, né? Porque é isso que eu falei, né, fode com a gente. (Samuel)

Assim como Mariana, Ingrid adota uma posição crítica diante pessoas que não exercem suas próprias tarefas domésticas:

Mas é tanto que hoje, assim, com pessoas ricas e com pessoas que têm serviços de empregada doméstica, eu fico logo com o pé atrás, aí eu. Fico logo assim. Porque você não consegue fazer suas coisas, como é essa sua relação, né, com a empregada doméstica, enfim. (Ingrid)

Hoje em dia, eu olho com muito mais estranheza. Antigamente, para mim, era muito comum, até no ambiente que eu vivia, né, no contexto. Eu morava num prédio da [bairro], todos os apartamentos tinha empregada doméstica, né? A gente fazer também amizade com empregada doméstica. Então para mim era muito natural que uma pessoa rica contratasse alguém para fazer os serviços domésticos, né? Hoje eu acho muito estranho uma pessoa que não consegue viver, assim, lavando suas próprias roupas, ou então botando suas próprias roupas na máquina, ou que precisa chamar alguém na sala para entregar um copo de água, né? (Ingrid)

Eu vejo como exploração de fato, exceto alguns casos assim, “ah, eu tenho uma mãe idosa, não consigo sozinha, a minha idade, está avançada, ah eu tenho um problema de saúde”, é, exceto por isso, eu ainda acho muito estranho, sabe? (Ingrid)

Aí, até na última vez que a minha irmã veio, ela encontrou um dos filhos da vovó, um dos netos, né? Que está, que tinha, estava com filho pequeno, ou seja, o bisneto da vovó, que a vovó nem chegou a conhecer, e ela encontrou e ele falou: “ai, estou pensando ainda se vou ter outro filho, que é tão cansativo, né?”. Tipo, a babá tá 24 horas lá cuidando, né? Se a criança acorda de noite, com dor no ouvido, é a babá que vai cuidar. No fim de semana, é a babá que está cuidando, como é que tá cansativo? Você terceiriza isso, você acha que está cansativo, né? Então isso para mim é, é muito bizarro. (Ingrid)

Mas hoje eu olho com muito mais estranheza, muito mesmo quando alguém e eu fico reparando também como as pessoas se referem, né, aos empregados domésticos. Às vezes ficam com medo de falar o nome para não parecer que está sendo assim, que tem, né, esse fundo assim, de como se você fosse dono da pessoa, aí fica com medo de falar, certo termo, mas também as relações de trabalho são péssimas, porque você imagina que a pessoa, é, deveria saber ou fazer tal coisa. Só porque você paga ela, né. Nesses dias eu fui no trabalho, a mulher falando “ai, a minha empregada disse que não sabe fazer tal comida, como é que ela não sabe?”, não sei o que, e eu tipo, fiquei horrorizada, sabe? Gata... E é só essa minha vivência que me permite ver assim,

porque se eu não tivesse estado do outro lado, eu não ia perceber, eu não ia me chocar, eu não ia achar estranho. (Ingrid)

Pedro recorre a experiência de sua mãe e afirma que o trabalho doméstico exige muito das mulheres:

Cara, eu acho que o emprego doméstico é um dos mais importantes. Assim, o que a minha mãe se tornou de uma mulher, como mulher, uma mulher forte? É, eu vejo nos olhos dela, o quanto ela gosta de trabalhar. Tipo, eu sei que é um trabalho árduo, que ela não queria depender dele. Só que eu vejo que ela gosta, sabe? Então eu vejo o trabalho doméstico como, uma força, mesmo, assim, pelo menos para a minha mãe. Só que eu sei que tira muito, tira muito das mulheres pessoalmente. (Pedro)

Helena aborda sobre o trabalho doméstico não-remunerado e a sua falta de reconhecimento:

Se você não trabalha, é, não tem um emprego formal e você cuida de uma casa, ninguém diz que você está trabalhando, sendo que você cuida de uma casa o dia inteiro. É muito, muita coisa para cuidar. Você tem que resolver tipo, alimentar as pessoas daquela casa aí, deixar aquele ambiente saudável pra todo mundo. E aí é só mais alguma coisa, só cuidar da casa como se não fosse uma coisa, de fato, né? Então acho que ele é muito, não é visto da forma que tem que ser, porque é uma responsabilidade muito grande, e é totalmente desvalorizada. (Helena)

E é uma energia física e mental muito grande, e sei lá, quando alguém quer, tipo, “ai, eu quero chamar você pra trabalhar minha casa” não tem os direitos, não tem nada certo tipo “400 reais, e se quiser”, entendeu? E aí eu acho que pela mãe ter trabalhado com isso, por ouvir pessoas próximas trabalhando com isso. A minha tia também já trabalhou com isso, então é muito violento, assim, como as pessoas tratam. É, e não veem de fato o trabalho que é, e que é um trabalho mesmo. (Helena)

Por fim, Sarah acredita que o trabalho doméstico é um dos pontos chave para se compreender o que é o Brasil:

É um trabalho que expõe muito o que é o Brasil, né, que diz muito desse lugar, dessa luta de classes, desse clamor, dessa questão que essa classe alta faz por esse lugar de servilismo assim do outro, né, de subalternidade. É como se eles fizessem muita questão de se afirmarem sobre o que eles são a partir dessa subalternidade do outro, né? (Sara)

3 OS FILHOS DAS EMPREGADA AGORA ESTÃO NA UNIVERSIDADE – A VIDA ESCOLAR E UNIVERSITÁRIA DE FILHAS E FILHOS DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS

Neste capítulo analiso o ingresso dos filhos e filhas de trabalhadoras domésticas na universidade, refletindo sobre o impacto da trajetória familiar e do trabalho de suas mães nas suas vivências em salas de aula universitárias. A universidade é a instituição que domina a produção de conhecimento, que define os parâmetros da intelectualidade e a produtora da chamada mão de obra qualificada. Esta geralmente requer uma formação específica e certificada (mediante formação de nível técnico, superior ou conhecimento notório especializado), enquanto outras funções laborais que não tenham tal classificação geralmente dependem de um ofício aprendido in loco, relacionado ao exercício de uma atividade que envolva força física e que costumeiramente não requer uma formação profissional certificada. Esses trabalhos, geralmente, são relegados à informalidade ou a salários mais baixos.

É importante salientar que até mesmo entre as profissões “qualificadas” existam desigualdades relativas ao seu prestígio. Cursar a Faculdade de Medicina no Brasil é sinônimo de prestígio por supor uma futura profissão bem-remunerada e representativa de status social elevado, enquanto o mesmo não ocorre com o curso de Ciências Sociais e Pedagogia, por exemplo. Além, disso, as profissões que não envolvem uma formação técnica ou superior também não deixam de requerer habilidades específicas e anos de aperfeiçoamento (MAXWELL, 2007).

Laval (2019, p. 57) afirma que:

Essa situação, em que "todas as ciências estão presas ao serviço do capital", como diz Marx, parece exigir um aumento contínuo da mão de obra qualificada e altamente qualificada, fenômeno que pode ser visto como uma das razões da massificação escolar que as escolas secundárias e as universidades sofreram a partir dos anos 1950 nos países capitalistas desenvolvidos.

Diante disso, o ingresso na universidade é fortemente restrito, refletindo a segmentação laboral da classe não-dominante entre não qualificada, qualificada e altamente qualificada para a manutenção do sistema capitalista. Um dos fatores que subdivide as classes dominadas (classes C, D e E) entre si no Brasil é a educação formal. A correlação entre nível de escolaridade e profissão é evidente. Quanto mais escolarizada uma pessoa é, maiores as chances de exercer uma atividade profissional socialmente estimada. Portanto, a universidade é a principal instituição que concede a uma pessoa o status de profissional altamente

qualificado. O Ensino Superior, portanto, pode ser considerado, para muitos, um meio que possibilite a mudança de sua realidade socioeconômica.

Em relação às profissões com pouca estima social, algumas dessas atividades profissionais não são (ou não eram até pouco tempo) sequer reconhecidas como uma atividade formal, apesar de seu amplo exercício. O trabalho doméstico é grande exemplo disso, onde apenas há pouco mais de 10 anos a profissão foi regulamentada com o advento da PEC das Domésticas. Apenas em 2022 a profissão de gari foi regulamentada pelo Senado Federal (BORGES, 2022).

Na lógica de um país situado na periferia do capitalismo, quem exerce trabalhos considerados como “subemprego” não recebe o suficiente para ter uma vida digna e minimamente confortável, não tem possibilidades reais de mudar a realidade da pobreza de sua família. Neste contexto, para a trabalhadora doméstica, - que apesar de agora ter uma profissão regulamentada, ainda convive com a situação de escravidão moderna, subemprego e informalidade - as possibilidades reais da interrupção da situação da pobreza ou melhora de suas condições básicas de subsistência são:

- 1) que a recente regulamentação de sua profissão seja realmente efetivada;
- 2) o acontecimento de alguma situação extraordinária;
- 3) a escolarização e/ou mudança de profissão;
- 4) algum tipo de investimento para que seus filhos mudem a realidade socioeconômica da família.

É a partir do quarto ponto que relaciono a entrada na universidade com o trabalho doméstico como “a grande aposta” das mães trabalhadoras domésticas para a superação de sua situação de pobreza. Porém, falar do ingresso dos filhos e filhas de trabalhadoras domésticas na universidade implica outros fatores, como os programas de ação afirmativa, a expansão do acesso à universidade e a PEC das Domésticas (que já foi anteriormente elaborado).

Neste capítulo discutirei a entrada de filhos de trabalhadoras domésticas na universidade através dos seguintes tópicos:

- o papel da escola no ingresso ao Ensino Superior;
- programas de ação afirmativa e o ingresso na universidade no Brasil;
- o papel da família;

3.1 A Universidade

Trindade (2000) classifica o surgimento da universidade ocidental em quatro etapas:

1) do século XII até o Renascimento, onde foi instituído, em plena Idade Média, o modelo da universidade tradicional;

2) a partir do século XV, a universidade seria fortemente impactada pelas transformações comerciais, o capitalismo, o humanismo literário e da Reforma Protestante;

3) o período do século XV a XVII, marcado por descobertas científicas e o Iluminismo, com o início da institucionalização da ciência;

4) a partir do século XIX, onde se implanta o modelo de universidade moderna que se desdobra até os dias atuais.

A universidade brasileira, por outro lado, surgiu de maneira extremamente tardia. A primeira universidade brasileira foi instituída já no século XX, enquanto na América espanhola, a primeira universidade foi fundada ainda no período colonial. Devido à inexistência de tal instituição, a formação de uma elite intelectual no Brasil era dependente da Universidade de Coimbra (MENDONÇA, 2000). Barreto e Filgueiras (2007) argumentam, entretanto, que dizer que a universidade brasileira surgiu no século XX é uma meia verdade. No século XX a universidade brasileira foi institucionalizada como um fenômeno singular brasileiro, mas os cursos e faculdades que existiram antes desse período fazem com que os autores afirmem que não é possível falar que antes da institucionalização não existia universidade brasileira.

Portanto, apesar da universidade enquanto instituição ter sido criada apenas no século XX, os primeiros cursos foram criados após a fuga da família real portuguesa para o Brasil em 1808, com a preocupação de articular a defesa e a manutenção da colônia, como cursos voltados para o âmbito militar (Academia da Marinha, Academia Real Militar) e da saúde (cursos de anatomia e cirurgia) (MENDONÇA, 2000). Portanto, “por sucessivas reorganizações, fragmentações e aglutinações, esses cursos criados por D. João VI dariam origem às escolas e faculdades profissionalizantes que vão constituir o conjunto das nossas instituições de ensino superior até a República.” (MENDONÇA, 2000, p. 134).

Em relação à institucionalização da universidade brasileira no século XX, neste século ocorreram as principais mudanças e reformas que moldaram a universidade como conhecemos hoje. A década de 1920 foi marcada pela discussão sobre a sua função. Os dois principais pontos de vista eram voltados para a universidade enquanto instituição que

priorizasse a pesquisa científica e formação de profissionais e enquanto instituição que focasse na formação de profissionais como principal prioridade.

A década de 1930 foi marcada pela sua centralização, tendo como contexto a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública pelo Governo provisório em novembro de 1930. Na década de 1930 também foi promulgado o Estatuto das Universidades Brasileiras (Decreto-lei n.º 19.851/31), a criação do Conselho Nacional de Educação (Decreto-lei n.º 19.850/31) e a escolha e nomeação dos reitores pelo Presidente da República.

As décadas de 1940 e 1950 foram marcadas pela tentativa de estabelecer a autonomia universitária, além da reflexão de seu papel na sociedade brasileira perante a industrialização e crescimento econômico do Brasil. A década de 1960 foi marcada pela tentativa de modernização da universidade brasileira e intervenção dos Estados Unidos através do acordo MEC/USAID que tinha como estratégia a expansão da hegemonia estadunidense no Brasil por meio de financiamentos de projetos e materiais (FÁVERO, 2006; CISLAGHI, 2019).

Na década de 1970 a universidade brasileira estava sob o Ato Institucional nº 5 (AI-5), marcada pela repressão e prisão de estudantes e professores. No entanto, é interessante ressaltar que o período da ditadura civil-empresarial-militar também foi marcado pela massificação do ensino superior pela multiplicação de instituições privadas. A década de 1980 foi marcada pela chamada redemocratização do país, influenciando a criação de entidades representativas dos professores como o ANDES (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior). Por fim, os anos 1990 foram marcados pela nova Lei de Diretrizes e Bases e o congelamento de salários de docentes e cortes de verbas de pesquisa e pós-graduação pelo governo FHC (MENDONÇA, 2000).

A universidade passou por diversas transformações durante o século XX, mas algo se mantém: ela ainda é para poucos. Mesmo sendo uma instituição importante para o desenvolvimento e modernização de um país:

Basta lembrar que ela foi criada não para atender às necessidades fundamentais da realidade da qual era e é parte, mas pensada e aceita como um bem cultural oferecido a minorias, sem uma definição clara no sentido de que, por suas próprias funções, deveria se constituir em espaço de investigação científica e de produção de conhecimento. Produção essa que deveria procurar responder às necessidades sociais mais amplas e ter como preocupação tornar-se expressão do real, compreendida como característica do conhecimento científico, mas sem a falácia de respostas prontas e acabadas. (FÁVERO, 2006, p. 19)

Os anos 2000 e 2010, no Brasil, no contexto dos dois primeiros governos do Partido

dos Trabalhadores, com Lula na Presidência da República, foi marcado pelo REUNI, um programa de reestruturação e expansão das universidades federais; pelo Ciências Sem Fronteiras, que oferecia programas de intercâmbio para universidades estrangeiras e capacitação em línguas estrangeiras e pela chamada Lei de Cotas (Lei Federal nº 12.711), sancionada em agosto de 2012 pela presidenta Dilma Rousseff, que passou a garantir a estudantes autodeclarados pardos, negros e indígenas cotas em processos seletivos para ingresso nas instituições de ensino superior. Antes dessa lei, nas universidades brasileiras, apenas dois por cento dos estudantes universitários eram negros, como denunciava a letra da música “Capítulo 4, Versículo 3”, dos Racionais MCs, em 1994.

A partir de 2012, a Lei de Cotas estabelece que 50% das vagas nas instituições públicas federais de ensino superior devem ser destinadas a estudantes vindos de escolas públicas. Do total de 50% de vagas reservadas, 25% devem ser destinadas a pessoas com renda familiar menor que 1,5 salário-mínimo, e os outros 25% para estudantes que cursaram os três anos do Ensino Médio em escolas públicas. As cotas raciais fazem parte destes 50% de vagas reservadas obrigatoriamente por lei e seu percentual varia em cada Estado da federação, conforme os dados dos censos demográficos.

Apesar dessas implementações serem marcos na expansão e acesso à universidade, Cislighi (2019) aponta contrarreformas na universidade durante os governos do Partido dos Trabalhadores: a expansão do Fies¹⁸ - criado durante os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995- 2002) – e o PROUNI¹⁹. Para a autora, esses programas representam um fortalecimento da educação como um negócio lucrativo.

Atualmente, para ingressar em uma universidade brasileira, é preciso terminar o Ensino Médio, estar quites com obrigações eleitorais e obter pontuação satisfatória em exames como o ENEM e vestibular. O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) surgiu em 1998 como uma forma de avaliar o desempenho dos estudantes do Ensino Médio. Originalmente, continha 63 questões e o aumento da participação de estudantes da escola pública teve amplo aumento quando o exame passou a ter isenção para estudantes da escola pública em 2001. Em 2009, com o ENEM já sendo uma das principais portas de entradas para o Ensino Superior, as provas foram totalmente reformuladas, passando de 63 para 180 questões (MELO, 2012).

Prestar este exame e obter pontuação satisfatória é imprescindível para a entrada para o Ensino Superior em universidades federais, estaduais e institutos federais. O exame

¹⁸ Programa de financiamento estudantil em instituições privadas.

¹⁹ Programa de fornecimento de bolsas parciais ou integrais em instituições privadas pelo governo.

ocorre apenas uma vez no ano, costumeiramente nos meses de outubro ou novembro. Já o vestibular, é um exame elaborado de forma autônoma predominantemente por instituições privadas e universidades estaduais.

Não precisamos de cartas de motivação, cartas de referência, boletim impecável e entrevistas de admissão, mas isso não é sinônimo de menores barreiras para que se possa cursar o Ensino Superior no Brasil. Obter boa pontuação e destacar-se diante aqueles que também almejam uma vaga em uma instituição renomada de Ensino Superior no Brasil requer estudos extensivos de preparação e um bom treinamento para obter um resultado satisfatório no ENEM.

Para os jovens entrevistados para esta pesquisa, estudar em uma escola pública ou privada interferiu substancialmente em seu ingresso para o Ensino Superior. Aqueles que estudaram em escola privada tiveram um processo menos atribulado para ingressar na universidade, enquanto aqueles que estudaram em escola pública, geralmente, encontram mais barreiras para esse ingresso.

Larissa, Gabriela, Daniel e Mariana tiveram sua vida escolar impactada pela passagem em escolas privadas, enquanto Sarah, Samuel, Ingrid, Tatiana, Pedro e Helena foram impactados pela passagem em escolas públicas.

3.2 A vida escolar na escola privada

O local onde se estuda durante o período do Ensino Fundamental e, principalmente, o Ensino Médio, é essencial para definir os caminhos rumo à entrada na universidade. A estrutura física, atividades extracurriculares, a execução do cronograma escolar, aulas preparatórias para vestibulares e ENEM influenciam fortemente no sucesso escolar. Para Lahire (1997), o sucesso escolar não é uma concepção definida e estática, mas dependente dos critérios estabelecidos de forma estruturada ou socialmente estimada. Em nossa realidade, podemos definir o sucesso escolar pela aprovação em uma universidade federal, estadual ou uma universidade privada renomada. Além disso, de forma mais restrita, podemos conceber o sucesso escolar através da aprovação em cursos socialmente estimados ou tradicionais (costumeiramente, os mais concorridos, ou seja, que demandam uma alta pontuação em exames seletivos).

Já que elas costumam contar com uma estrutura física mais adequada para receber estudantes e com grande foco em exames como o ENEM, ITA²⁰ e IME²¹, estudar em uma escola privada pode ser considerado um notável atalho para o Ensino Superior. Antes da plena implementação da política de ações afirmativas, quase 55% dos estudantes que ingressavam nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) eram advindos da escola privada e 86% desses estudantes eram provenientes das classes A (12,61%), B (43,11%) e C (30,54%) (ANDIFES, 2010).

Para algumas escolas, o carro-chefe de sua publicidade é exibir o seu grande número de aprovados para universidades renomadas, e em especial, para cursos de Medicina, Engenharias e Direito. Podemos dizer, portanto, que fazer parte dessas escolas é ter mais oportunidades de preparar-se para exames de ingresso à universidade, já que faz parte de seu modelo de negócios estimular a aprovação para o Ensino Superior para destacar-se diante seus concorrentes.

Dentre as formas de um estudante advindo da classe popular estudar em uma escola privada, as prováveis são por via de concessão de bolsas de estudos totais, parciais ou pelo investimento dos pais em uma escola privada de menor prestígio. A forma de obter bolsas de estudo para uma escola privada prestigiada se dá, costumeiramente, via testes, indicações e desempenho exemplar. Para estudar em uma instituição privada é preciso custear, no mínimo, matrícula, mensalidade, fardamento, alimentação e material escolar. Portanto, não ter que pagar por tudo isso é uma oportunidade indispensável para estudantes hipossuficientes que almejam o Ensino Superior.

Para Larissa, estudar em uma escola renomada significaria uma maior possibilidade de entrar na universidade, e, conseqüentemente, maior facilidade para obter uma carreira desejável. Para isso, a estudante achava que quão melhor a escola, maiores as possibilidades. Foi assim que ela aspirou estudar em uma escola particular renomada de sua cidade. Ela obteve o aporte de uma bolsa de estudos parcial e a sua mãe arcava com a outra metade dos custos. No entanto, a escola permitia que os estudantes bolsistas estudassem apenas durante o turno da tarde. Ou seja, os não-bolsistas estudavam pela manhã e os bolsistas pela tarde.

Essa divisão fez com que Larissa percebesse as diferenças entre os estudantes do turno da manhã e os da tarde:

20 Instituto Tecnológico de Aeronáutica

21 Instituto Militar de Engenharia

Na escola do Ensino médio, o [nome da escola], mais elitizado, a gente já vê uma diferença. Primeiro, começando pelas bolsistas. Os bolsistas que eram à tarde, né? Então você percebia que de manhã era só a galera branca estudando, um ou dois ali pretos que tu encontrava. E de tarde percebia a diferença, assim, das pessoas. Eram maioria pessoas pretas, né. E enfim, de manhã chegava a galera com seus carros, papai e mamãe deixando na escola. E de tarde era a galera do busão, a galera que morava super longe, então a gente já via discrepância, na verdade, desde que eu comecei entrando na escola de elite, né?” (Larissa)

Mesmo com evidente diferença do perfil entre os estudantes dos diferentes turnos, isso não impediu que Larissa vivesse situações em sala de aula, durante o turno vespertino, que evidenciasse sua condição socioeconômica:

Eu tenho uma cena marcante para mim, porque todo mundo apresentou no slide, e era a minha primeira apresentação de trabalho. E eu nem sabia o que era slides, então eu fui a única pessoa que apresentou de cartolina, então tinha murmurinhos assim do tipo “meu deus, que vergonha a menina tá precisando de cartolina.”. Eu lembro que até uma amiga minha que falou, “poxa, se você tivesse me falado, eu tinha lhe ajudado, eu tinha feito um slide pra você”, e eu fiquei muito sem graça porque não sabia nem o que era isso, né. [Eu] não tinha computador na época, tanto, é, que meu presente, assim de 15 anos. E eu não queria festa, eu queria um notebook para poder fazer os meus trabalhos acadêmicos, né. Não precisar também de ficar me deslocando pra ir para *cyber* de noite, de tarde e tal. (Larissa)

A sua rotina de estudos era muito puxada, passando o dia inteiro na escola, mal conseguindo ver e sua mãe ter o mínimo de uma convivência com ela em seu lar:

Então a gente tinha aula de segunda a sexta e as nossas provas eram sábado e domingo para não interromper o período de aula. E no último ano, que a gente chama aqui de convênio, que é o terceiro ano para muitos estados, a gente pegou o ensino integral. Então assim, no primeiro horário do colégio, era 7h15 da manhã e eu saía de lá 8 horas da noite. Então essa época eu mal vi a minha mãe. Essa época eu já morava com a minha mãe, mas eu mal a via. Eu chegava, assim, para dormir, ela chegava depois do trabalho. Às vezes eu saía primeira do que ela ou ela primeiro do que eu. (Larissa)

Daniel sempre foi um estudante aplicado, e por conta de seu desempenho, a própria diretoria de sua escola o recomendou que buscasse uma bolsa de estudos em uma escola privada para concluir o último ano do Ensino Médio:

Então, até eu lembro dos diretores da escola acompanhando o desempenho e eles próprios fizeram uma carta me recomendando para a escola privada para passar porque eu estava querendo passar no vestibular, numa escola federal e tudo mais. Os próprios professores da escola pública reconheceram que eu precisava ir para outra escola e eles me ajudaram no processo. Aí o terceiro ano eu fiz numa escola privada. (Daniel)

Daniel relata um sentimento de exclusão quase que similar ao de Larissa. Utilizo a terminologia “quase” por Daniel ser um homem branco e Larissa uma mulher negra:

Eu era o bolsista, era a pessoa excluída. Assim, porque, era uma escola bem de elite da região. Lá tinham pessoas mais ricas assim. Eu sempre, no começo, foi bem assim. Ah, o bolsista ali de lado, mas aí depois as pessoas começaram a ver meu desempenho e aí começou a integrar mais. Mas se eu não tivesse um desempenho aceito por eles, talvez eu ia ser sempre o excluído da sala ou o diferente. (Daniel)

Neste sentido, é interessante refletir que a sua própria escola chegou à conclusão que ele poderia ser “bom demais” para estar na escola pública, ou que escola pública e estudantes “com potencial” é uma combinação inexistente. Com esses exemplos, podemos refletir em quais instâncias a escola pública e a privada formam futuras mãos de obra qualificada e não-qualificada. De maneira simplificada, a escola privada prepara melhor o estudante para a universidade porque ela treina o estudante para exames como o ENEM, vestibular, ITA e IME, enquanto a escola pública não detém de tal estrutura preparatória para tais exames. Mariana teve uma trajetória no Ensino Médio bastante distinta até mesmo dos estudantes da escola pública que de alguma forma conseguem uma bolsa de estudos total ou parcial em uma escola privada devido ao seu desempenho exemplar. Ela sempre foi uma estudante muito dedicada, a ponto de deixar a sua mãe preocupada:

É, nesse sentido, eu sempre fui muito estudiosa, muito. Até é uma coisa que minha mãe mesmo dizia “Para de estudar um pouco, vai brincar. Cê é estranha”. Mas eu sempre tive muito incentivo da minha avó e da minha tia que me criou. Minha tia dava aulas particulares de português e tal, e ela sempre me incentivou muito a leitura. Então isso foi muito marcante para mim. É, da parte da minha mãe, eu não tive todo incentivo, porque ela morava em outra cidade e só ia visitá-la nas férias mesmo. (Mariana)

Similar a Daniel, Mariana sempre chamou a atenção de seus colegas e professores pelo seu bom desempenho escolar. Durante as premiações dos melhores estudantes da escola, já era esperado por todos que Mariana seria a premiada:

Então, eu sempre fui muito nerd, sempre. Na minha escola, eles davam um prêmio todo ano para o melhor aluno da escola, que era quem tinha mais notas mais altas, quem tinha mais presença e tal, e todo ano era minha, eu era essa aluna. Assim, tanto que o pessoal dizia, “ó, daqui a pouco vai ter a premiação da Mariana”. Tipo, não era nem a premiação da melhor aluna era a premiação da Mariana, porque todo ano era eu. (Mariana).

Ser muito “nerd”, inclusive, foi o que a levou a ser selecionada para estudar em colégio interno em um estado da região Sudeste:

Eu não sei como é que é hoje o processo, mas na época eles foram em várias escolas Brasil inteiro para fazer a divulgação dessa escola, que pra você entrar, você precisa... Eu digo que eu fui bolsista, mas todos os alunos são bolsistas lá. É uma escola onde ninguém paga nada para estudar lá. É do [nome], e eles fazem seleção. Psicólogo, entrevista, prova e monte de coisa. E aí, se você passar, você tinha a chance de estudar nessa escola sem pagar nada. E aí todos os professores, como era muito, nerd todos os professores falaram “Mariana, é sua chance, você vai e se você quiser, você vai”. Todos eles me incentivaram muito. (Mariana)

A experiência de Mariana no Ensino Médio foi bastante singular. Ela não estudou em uma escola privada convencional e nem em uma escola pública com melhor estrutura e mais recursos, mas em uma escola de um projeto advindo de uma entidade empresarial. Como Mariana afirma, a escola possuía recursos, estrutura e projetos que caracterizariam uma escola de excelência. Para ela, esta escola representou uma virada em sua vida, pois ela saiu de uma pequena cidade do interior para uma grande metrópole, encontrando colegas de diversas origens geográficas, raciais, regionais e socioeconômicas:

E aí, do nada eu tava no [cidade], numa escola top, de elite. Assim, a gente tinha computador, a gente tinha aula de inglês com os melhores, eu saí de lá fluente inglês, tinha aula, saí de lá com o curso técnico. Então, eu estava com nutricionista, vendo qual que era a nossa alimentação, então era tudo muito de top de linha assim, e eu convivi com pessoas do Brasil inteiro. Era uma escola que tinha vagas para gente com todos os estados, então aumentou muito a minha... cabeça, minha mentalidade era [cidade]. Esse é o meu mundo e de repente “boom”, estava com pessoas no Brasil inteiro que pensavam diferentes em diversos temas. [...] Tinha gente de todo jeito,

negra, mais retinta que eu, tinha gente que tinha dinheiro e eu não. Enfim, para mim se abriu um universo total, assim. (Mariana)

Já a vida escolar de Gabriela foi bem característica de quem pertence a uma camada familiar que não tem recursos para uma escola privada tradicional, localizada em bairros com maior renda per capita, mas que consegue custear uma escola privada em seu bairro de origem ou em uma escola de menor porte:

Eu estudei em escola particular. Estudei desde os anos iniciais até terceiro ano do ensino médio, sempre na mesma escola, escola aqui de bairro, se chama [nome da escola].” (Gabriela)

Gabriela é de um bairro periférico de uma metrópole brasileira, onde as desigualdades são fortemente marcadas pelo território. Portanto, quanto mais distante, pobre e com menor infraestrutura o bairro, menor a possibilidade de encontrar escolas de qualidade, sejam elas públicas ou privadas. Escolas privadas²² de pequeno ou médio porte são aspirações para famílias assalariadas que desejam que seus filhos tenham acesso a um ensino de mais qualidade ou que não desejem que eles estudem em uma escola pública (PEROSA; DANTAS, 2017).

Para Larissa, Mariana, Daniel e Gabriela, a trajetória em escolas privadas (ou custeadas por uma entidade privada, no caso de Mariana), representou um ponto importante para a facilitação de seus ingressos na universidade pública.

Neste sentido, é importante refletir sobre a noção de capital cultural nas escolas brasileiras. Bourdieu (1998) afirma que a família, a escola, os padrões de lazer e consumo (de arte, visita a museus, teatro, viagens, línguas estrangeiras) e de como utiliza a linguagem (o quão perto ou distante é a fala cotidiana da norma culta da linguagem) influencia no sucesso escolar. Na realidade brasileira, a escola privada não transmite capital cultural seguindo com exatidão a descrição de Bourdieu. As escolas privadas de classe média e escolas privadas de elite no Brasil são muito discrepantes entre si. A escola de elite não é caracterizada apenas por mensalidades caras, mas por oferecer para além do que é estabelecido pelo BNCC²³, como

²² Escolas localizadas em bairros pobres ou distantes são pouco visadas por professores aprovados em concursos públicos. Além disso, temos o crônico problema de contratação de professores substitutos invés de concursos públicos periódicos. Estrutura precária e instabilidade do corpo docente afetam fortemente essas escolas. Ver mais em: novaescola.org.br/conteudo/2767/centro-e-periferia-desigualdades-educacionais

²³ Base Nacional Comum Curricular

educação bilíngue²⁴, atividades extracurriculares que envolvem teatro, literatura, música, artes, tecnologia, oportunidades de intercâmbio e mentorias para ingresso em universidades prestigiadas do norte global. As escolas de elite, portanto, não têm uma grande abrangência, já que a elite²⁵ por si é restrita. Essas escolas geralmente são localizadas nas cidades mais ricas do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília), com foco em um currículo internacional e preparação para universidades prestigiadas do norte global. As escolas de classe média, no entanto, têm por maior foco a preparação para o ingresso em universidades e instituições brasileiras prestigiadas. Por mais que Larissa tenha frequentado uma escola privada localmente prestigiada, o foco de sua escola era preparar seus estudantes para exames vestibulares e o ENEM, e não propriamente uma formação que proporcionasse um amplo ganho de capital cultural. E, para além da escola, a família também exerce grande influência nessa obtenção de capital cultural, como incentivo a hábitos de leitura, viagens, saber falar línguas estrangeiras, frequentar museus, teatro, cinema, parques e bibliotecas (BOURDIEU; PASSERON, 1992).

Apesar de Larissa, Mariana, Daniel e Gabriela terem estudado em escolas privadas, eles não necessariamente obtiveram maior capital cultural. As suas experiências na universidade demonstraram que mesmo com um aporte educacional que os preparou para o ENEM e o vestibular, eles encontraram dificuldades na vida universitária, especialmente diante os colegas e os professores. Nesse sentido, Larissa, Mariana, Daniel e Gabriela não herdaram o capital cultural de suas famílias, e nem o adquiriram ao estudar em escolas privadas, mas apenas na universidade (assim como as demais pessoas interlocutoras).

Como todas as pessoas interlocutoras são graduandas ou graduadas em universidade pública, todas elas fizeram o ENEM ou vestibular e obtiveram uma pontuação que os colocasse no Ensino Superior. No entanto, o que distingue as pessoas interlocutoras que estudaram em escolas privadas e as que estudaram em escolas públicas é a maior ou menor facilidade para ingressar no Ensino Superior e certos percalços durante a vida escolar.

²⁴ Não apenas o ensino de língua estrangeira, mas um currículo que conceda ao estudante um diploma de Ensino Médio de algum país estrangeiro (geralmente os de língua inglesa ou francesa) concomitante com o diploma brasileiro.

²⁵ Para dimensionar a diferença entre o investimento de uma família de classe média e de uma família da elite em mensalidade escolar, uma escola de elite localizada em São Paulo cobra R\$185.850,000 (cento e oitenta e cinco mil oitocentos e cinquenta reais) de anuidade: <https://www.avenues.org/pt/sp/tuition-financial-aid>.

3.3 A vida escolar na escola pública

As desigualdades do Ensino Básico não se dividem apenas entre a escola pública e a escola privada. No próprio sistema público de Ensino Básico existem essas desigualdades a partir do tipo de escola. Escolas militares, institutos federais e escolas profissionalizantes são exemplos de instituições públicas de ensino com uma estrutura (física ou organizacional) mais estruturada que as escolas regulares. Essas escolas contam, inclusive, com processo seletivo, os chamados “vestibulinhos”. A base do processo seletivo para essas escolas, para além das questões de orçamento e capacidade de estudantes, é filtrar, distinguir e formar uma mão de obra qualificada. (COSTA; KOSLINSKI, 2011)

Enquanto a escola regular forma o trabalhador assalariado, a escola profissionalizante/federal/militar forma uma mão de obra técnica, preparada para trabalhos especializados que não necessariamente requerem uma formação superior. A escola profissionalizante e federal fornece, para além da grade curricular do Ensino Médio, formação técnica. A escola militar “[...]tem como meta levar seus alunos à descoberta das próprias potencialidades, à autorrealização, à qualificação para o trabalho e prepará-los para a vida como cidadãos, educados conforme os valores, costumes e tradições do Exército Brasileiro.”²⁶. Portanto, a escola militar tem uma matriz pedagógica que preconiza o *ethos* militar.

Dentre as pessoas interlocutoras que estudaram em escola pública, Sarah, Samuel, Ingrid e Tatiana estudaram em escolas públicas regulares, enquanto Pedro e Helena estudaram em escola profissionalizante e militar, respectivamente.

A vida escolar de Sarah foi marcada pelo esforço contínuo em ser a melhor aluna, em buscar ascender socialmente através da educação. O esforço e a responsabilidade de Sarah são múltiplos. Como uma mulher negra e pobre, ela sente o peso dessa responsabilidade desde criança:

Eu tenho, enfim, essa relação com a escola, sempre de ter que ser a melhor aluna, né? E aí se articulou tanto a partir da cobrança da minha mãe, com essa aposta, né, pensando na educação como essa aposta de ascensão social. Então, era uma pressão muito grande, né? É uma experiência que era marcada por uma demanda assim, uma

²⁶ Informações obtidas no site do Exército Brasileiro: https://www.eb.mil.br/web/ingresso/colegios-militares/-/asset_publisher/8E9mFznTIAQW/content/ensino-fundamental-e-medio?inheritRedirect=false

expectativa muito grande. E aí, é, eu sempre fui a melhor aluna da sala, né? Curiosamente, tive que ser. (Sarah)

A escola era um lugar que era tanto a protegia como a maltratava enquanto uma criança negra. No espaço da escola, a sua mãe sabia que ela estava onde estava, já que ela precisava trabalhar e não podia cuidar de Sarah em tempo integral. Mães trabalhadoras domésticas cuidam e até mesmo criam filhos de suas empregadoras em detrimento do cuidado de seus próprios filhos. Portanto, a escola era um lugar em que poderia contar não apenas com a certeza de que sua filha estava fisicamente protegida, mas que ela estaria aprendendo e estudando.

E depois a gente vai entendendo que isso dá a construção de uma estratégia também para dar conta da experiência racial, né? Porque é muito doloroso ser uma menina negra na escola. Ainda é. E na minha época não foi diferente, né? Então a escola era esse espaço em que era um espaço de proteção. Sempre foi no sentido de ser um lugar seguro pra minha mãe, era o lugar onde ela sabia que eu estaria, enquanto ela estava trabalhando e não tinha ninguém para cuidar de mim, e ela precisava trabalhar. Então a minha mãe sabia que eu estava na escola. Isso era seguro para ela, é importante pra ela, mas era um espaço, foi um espaço também de muitas violências, né? Eu sofri muito com a questão do meu cabelo. Meu cabelo é um... Ele é crespo bem crespo, né? Então eu vivi muitas violências, né, nesse espaço, por conta desse cabelo e dos traços, né? Eu sou uma menina negra. É, e aí eu tentava também me assegurar de alguma forma, me afirmar de alguma forma, me proteger de alguma forma, sendo essa melhor aluna. (Sarah)

O ambiente escolar é também, como vimos, um lugar de reprodução de violências. Como meninas negras, Larissa sentia-se intimidada pela sua classe social na escola privada, e pela sua cor quando ia à escola no turno da manhã, e Sarah sentiu a violência por conta de seus traços e de seu cabelo. Portanto, Sarah e Larissa relatam casos de racismo ainda sua infância, durante a vida escolar. Mas como veremos posteriormente, a entrada na universidade representa uma mudança no paradigma de como elas se veem enquanto mulheres negras e como, já como mulheres adultas, elas reinterpretam e compreendem situações que viveram na infância.

Samuel não tinha uma relação muito típica de estudante dedicado ou *nerd*. Ele era um estudante faltoso e não demonstrava interesse de estar na escola. A virada de chave em sua trajetória se deu, entretanto, ao decidir ingressar na universidade.

E minha vida, assim, na escola. Eu não sou, desde o Ensino Fundamental II, eu não sou um grande aluno, um bom aluno, né. Na verdade, eu era um aluno bem faltoso,

principalmente no Ensino Médio. Não era, não me via no colégio, a escola não era um lugar que eu gostava de estar, então, naquela época. E eu não, no Ensino Médio eu faltei muitas aulas, assim, para fazer várias outras coisas, menos estudar. (Samuel)

Assim como Gabriela, Tatiana também estudou em uma escola privada de seu bairro, mas apenas durante o Ensino Fundamental. Tatiana, reflete, inclusive, sobre as desigualdades no sistema privado de ensino ao comparar a sua vida escolar com a de amigas que estudavam em escolas privadas maiores:

Então, eu estudei durante o meu fundamental inteiro até o nono ano, até um ano antes do ensino médio, em escola privada, né? Mas era uma escola de bairro. Eu nunca estudei em grandes centros, enfim, nunca estudei em escolas assim que pertencem à classe média, sabe? Mas enfim, por conta de da situação financeira dos meus pais, eu estudava nessa escola de bairro, né? [...] Então, mas na época da minha escola, ensino fundamental, é, o meu pai era o provedor principal da casa, sabe? Enfim, e aí, né, eu estudava nessa escola de bairro é... E assim, na naquela época, eu não tinha muita noção sobre a situação educacional que eu tinha, sabe? Mas o que eu lembro, assim, que acontecia muito aqui, eu tinha algumas amiguinhas que estudavam em escolas maiores, em escolas grandes, sabe, que são mais caras e elas faziam coisas assim, que eu não tinha na minha escola. Por exemplo, elas tinham aula de xadrez, né, que eu nem sei se ainda tem muito isso, acho que agora já é robótica, o negócio. Mas na época tinha muito isso, assim, que pra escola diferencial a escola tinha xadrez, né? E aí e eu não tive aula disso assim, eu não tinha isso na minha escola. E aulas de balé, por exemplo, de luta, artes marciais, aulas de natação. E mesmo que na escola não fornecesse isso, elas tinham o extra, né? Que também faz parte, faz parte do movimento, do desenvolvimento da criança e que eu tinha vontade de fazer, mas eu lembro que os meus pais não conseguiam fornecer isso pra mim, né? Então eu percebo que isso é uma falta educacional que eu tenho hoje, sabe? (Tatiana)

A maior parte do relato de Tatiana, no entanto, era sobre as dificuldades de locomoção até a sua escola. Moradora de uma cidade pertencente a região metropolitana de uma capital brasileira, ela deslocava-se todo dia à capital para estudar durante o Ensino Médio. Em seu relato, a decisão de estudar em outro município se deu pela má qualidade do Ensino Médio de sua cidade de origem. Porém, chegar até a escola de ônibus impactou seriamente a sua vida escolar por conta dos atrasos do ônibus, do tráfego intenso e da jornada exaustiva de deslocar-se todo dia de uma cidade para outra:

Foi um processo bem importante para mim, porque eu saí do meu bairro, né? E de [cidade] também, mas era difícil. Eu percebi que o meu rendimento, é, principalmente no primeiro ano, até para metade do segundo, ele caiu bastante porque eu precisava me deslocar de ônibus, então eu acordava muito cedo para ir para escola, sabe? E ainda chegava atrasada. Eu chegava muito atrasada. Eu tinha muitos problemas de atraso por conta do ônibus. Aí já aconteceu de, é, de eu parar no ônibus, o ônibus parar num protesto, muito distante da escola, e eu ter que voltar andando para a escola. Assim tipo de, por exemplo, eu pegar o ônibus de 6 horas da manhã, 6 e meia e eu só conseguir chegar na escola de 11 horas da manhã. (Tatiana)

Durante o segundo ano do Ensino Médio, os pais de Tatiana se divorciaram e ela precisou se mudar para outro município ainda mais distante que o anterior. Essa nova cidade, segundo Tatiana, tinha um sistema de transporte muito precário, o que a prejudicou mais ainda na escola:

Então, eu continuei na mesma escola, eu passei todo o Ensino Médio na mesma escola. O primeiro, eu lembro que o primeiro e o segundo ano, é, a metade do segundo ano foi bem difícil de acostumar, até porque eu saí também... No final do meu segundo ano eu saí de [cidade], eu fui morar em outro bairro bem mais distante de [cidade], porque meus pais se separaram e aí eu fui morar com a minha mãe, e a gente foi morar numa cidade que chama [cidade], aqui. Ela fica depois de [cidade], então é bem distante. É tipo assim, você pegar um ônibus para [cidade], você passa quase 2 horas, então eu tinha que acordar muito mais cedo, muito mais cedo. Aí, o que começou a acontecer foi faltar. Eu comecei a faltar muito, porque era a situação, assim. Era um bairro tão é, é uma cidade muito esquecida aqui em questão política mesmo, de projeto político. É, [cidade], né? E ainda tem muito problema com transporte. Então assim, tem áreas que não passa ônibus, você tem que andar mais de 1 km para pegar o ônibus, sabe? (Tatiana)

Ao chegar no terceiro ano do Ensino Médio, Tatiana visou contornar os prejuízos que teve durante os dois anos anteriores por meio de um foco maior em seus estudos. Porém, não apenas o transporte prejudicou seu desempenho escolar, mas os problemas de sua escola, como a falta de professores, o era o que mais a fazia sentir-se atrasada em relação à estudantes de escolas privadas:

Foi um ano que eu me esforcei mais para poder é passar nas matérias, né? É, pra estudar também, mas era difícil, era muito difícil, eu faltava muito. Às vezes chegava tipo, numa semana eu ia uma vez na semana, duas, sabe? Porque era tipo cansativo, eu acordava, me desestimulava. Eu lembro que foram anos muito desestimulantes, sabe? É, psicologicamente falando, também, porque, enfim. É um período, assim,

você é adolescente, tem que lidar com questões pessoais também. Tem que lidar com a família, com várias questões e ainda tem essas, esses, poréns que a sociedade nos dá, né, tipo, transporte é, enfim. E aí foi bem difícil. E no terceiro ano, é, foi um ano que que tinha que estudar para o vestibular, né. A minha escola, ela não tinha, ela tinha vários problemas com professores, então eu lembro que eu passei o meu primeiro ano inteiro sem professor de física, por exemplo. É, professora de química faltava muito, aí depois ela saiu também. Então eu passei por, vamos dizer, um período sem professora de química, é, mudava de professor constantemente, porque ele precisava ser transferido para outra escola ou porque, enfim, não ia mais dar aula, problemas de saúde, e aí ficávamos sem professor. [...] Enfim, tinham vários problemas. Eu lembro que a gente tinha vários problemas com professores, com o ensino em si. Então eu me sentia muito atrasada, assim, em relação a outras pessoas, principalmente quem estava estudando na rede privada, né? Eu me sentia bem atrasada. E aí é, foi isso, assim. (Tatiana)

Ingrid também estudou na escola pública, mas a sua vida escolar não foi tão conturbada como a de Tatiana. Ela relata que não era uma estudante exemplar, mas que também não tinha desempenho insatisfatório:

Na verdade, apesar das minhas conversas paralelas, que eu era muito comunicativa, eu era uma aluna obediente, eu fazia as atividades. Então, nesse quesito, não era muito danada, né? Então, nesse quesito, eu nunca deixei muito a desejar. Também não fui aquela aluna brilhante de tirar notas maravilhosas, mas estava ali na média, enfim. (Ingrid)

Ingrid trabalhou como Jovem Aprendiz durante o Ensino Médio. Ela recorda que mesmo com o valor irrisório se comparado com hoje, ela tinha autonomia financeira durante a adolescência para investir em plano de saúde e pagar cursinho pré-vestibular:

Eu estudei no segundo ano, se eu não me engano, no finalzinho do segundo ano para o terceiro, eu comecei a trabalhar como jovem aprendiz. Eu tinha 16 anos na época. E aí passei os 2 anos, né, que você pode trabalhar. O que você podia pelo menos na época. Não sei se isso mudou? É, e era um valor assim, bem irrisório. Hoje, falando, mas quando eu volto no tempo, eu conseguia pagar um plano de saúde, eu conseguia passar um pagar um cursinho da [universidade], que era [nome do cursinho], passagem, alguns lanches. Então, era um bom valor. (Ingrid)

A mãe de Pedro trabalhava como auxiliar de serviços gerais em uma escola privada durante a sua infância. E por ser funcionária desta escola, Pedro acreditava que ele iria estudar

lá, até que perceber depois que a função que sua mãe desempenhava lá não era de estímulos social e teria, então, que estudar na escola pública:

Bom, eu sempre estudei em escola pública. Desde a creche e tal. E minha mãe inicialmente trabalhava numa escola particular. E nisso, eu pensava que eu ia entrar na escola particular por ela trabalhar lá, sabe? E ela trabalhava, como, é, como é que fala? Auxiliar de serviços gerais. Aí quando eu muito, quando eu era criança, né? Mas quando eu me toquei que auxiliar de serviços gerais não tem tanta força na escola particular, né. Se fosse pelo menos uma mãe professora, talvez eu tivesse chance, e minha mãe não ganhava tanto dinheiro assim para eu estudar lá também. Aí, é, eu me toquei que eu teria que estudar em pública aí e tal. (Pedro)

No entanto, a trajetória escolar de Pedro foi tranquila. Ele estudou em uma EEP (Escola de Ensino Profissional), ou seja, escola pública com uma estrutura física mais recente e adequada para receber estudantes e que fornecia uma formação técnica para além da grande curricular básica do Ensino Médio. Assim como Sarah, Pedro era um estudante movido pela obrigação de “ser alguém na vida” e mudar ou remediar a situação socioeconômica de sua família:

Mas minha trajetória na escola foi bem de boa. Ninguém nunca me ajudou assim, em atividade, porque eu sempre tive na minha cabeça que eu tinha que estudar muito e ser inteligente, porque as condições financeiras na minha casa não era muito, não é muito, muita coisa. Então eu teria que ser alguém na vida, né, que nem o povo fala. É, e é isso. Sobre a atividade destes curriculares, eu participava só de jogos, de dança, de coisa assim, teatro, mas nada muito fixo e nada que eu levei para a minha vida também. (Pedro)

A trajetória escolar de Helena começou na escola indígena, depois estudou em uma escola privada de seu bairro e logo após ingresso na escola militar. A avó paterna de Helena é indígena e seu período na Educação Infantil foi na escola de sua avó, que antes era uma creche comunitária. Após a alfabetização ela estudou em uma escola privada de seu bairro e com a aprovação no processo seletivo para estudar em uma escola militar, ela estudou durante o resto de sua vida escolar nesta escola:

É, a minha avó, ela, a minha família é indígena, minha família parte de pai é indígena e a minha avó tem uma escola indígena que ela foi criada primeiro como uma creche para a comunidade, da [nome da comunidade] e as mães não tinham onde deixar os filhos. Então ela foi criada primeiro como uma creche e aí foi crescendo e tudo mais. E aí nessa creche eu era criança e eu ia para a creche lá eu fiz lá até a alfabetização.

Então, me alfabetizei nessa escola da minha avó, e um ano depois, eu fui para a escola particular, mas era particular assim de bairro, né não, era uma escola particular, grande e tudo mais. E aí eu fui, fiz a prova do colégio da polícia, né, o meu pai, ele era policial e eu passei nessa prova e aí eu estudei a minha vida inteira no colégio da polícia. (Helena)

O trajeto entre a casa e a escola também marcou a vida escolar de Helena, já que ela não residia no município em que estudava. No entanto, o que marcou Helena foi morar em uma localidade em que não a permitia ir para lugares em que ela pudesse fazer atividades extracurriculares. Além da localidade, o que a impossibilitava de fazer atividades extracurriculares era que todas as pessoas adultas ao seu redor trabalhavam e ela não tinha quem a acompanhasse no deslocamento:

É, eu moro em [cidade], então era um trajeto meio cansativo. Assim, primeiro, foi por transportes. Primeiro meu pai ia me deixar, depois foi por transporte escolar e depois foi ônibus. Assim, comecei a pegar ônibus com 11 anos e tudo mais e eu nunca fiz muitas atividades fora, né? Assim, do tipo de esporte, é, tipo de coisa, nunca fui por causa de logística mesmo. Era longe onde eu moro, é muito meio de mato, então, tipo, era ruim para ir. Não tinha ninguém para deixar. As pessoas trabalhavam, não tinha tempo para deixar. Inclusive uma coisa que eu senti muita falta, né? Depois que eu olhei assim, eu pensei que eu podia talvez ter tido, mas não foi o caso. O máximo que eu fiz foi quando eu tinha, tipo, foi no terceiro ano, eu tinha uns 16, 15, 16 anos, eu fiz até taekwondo, num canto que era da comunidade lá, né? (Helena)

As discrepâncias entre a estabilidade do corpo docente e estrutura é mais evidente entre as escolas regulares em relação com as outras modalidades escolares (escola privada e escolas públicas seletivas). As falas sobre esforço e disciplina foram mais abordadas entre os estudantes de que não estudaram em escola regular (ou seja, escola privada, profissional e militar). Isso não demonstra um maior interesse ou disciplina (com exceção de Samuel, nenhuma pessoa mencionou desinteresse pelos estudos), mas que os estudantes da escola pública regular foram afetados de forma direta com a precariedade do sistema público de ensino. Além disso, estudar em uma escola privada ou uma escola pública seletiva é vista como uma oportunidade imperdível para a trajetória escolar e futura trajetória profissional dos estudantes.

3.4 O processo de entrada na universidade

A vida escolar influenciou fortemente o processo de entrada na universidade das pessoas interlocutoras. Aqueles que tiveram uma experiência escolar (no Ensino Médio) mais estruturada conseguiram ingressar nos cursos que desejavam sem tantos entraves, mesmo aqueles que não entraram em seu curso almejado ou que não entraram em sua primeira tentativa. Essas escolas mais estruturadas, como vimos, não se resumem apenas a escolas privadas. Helena estudou em uma escola militar e Pedro estudou em uma escola de ensino profissionalizante. Portanto, os que estudaram em escolas públicas regulares encontraram mais dificuldades para ingressar no Ensino Superior.

Quando comparamos o número de vagas com o número de inscritos para pleitear uma vaga em um curso de uma universidade pública, temos a dimensão da discrepância da relação entre essas duas coisas. No primeiro semestre de 2023 o Sisu recebeu mais de 1.073.024 (um milhão, setenta e três mil e vinte e quatro) de inscritos para um total de 226.399 (duzentas e vinte seis mil, trezentos e noventa e nove) vagas. Ou seja, quase 80% das pessoas inscritas no SISU no ano de 2023 não conseguiram uma vaga em uma instituição federal de ensino superior (MEC, 2023).

Com a tentativa de sanar uma dívida história com a população pobre e/ou não-branca do Brasil e remediar a discrepância ao acesso à universidade, os programas de ação de afirmativa foram estabelecidos. Porém, isso não aconteceu devido à boa vontade e senso de justiça dos três poderes do Brasil.

A história dos programas de ação afirmativa para o ingresso nas universidades no Brasil, no entanto, se deu antes de sua unificação a partir da Lei nº 12.711/2012. Antes disso, as cotas eram estabelecidas pelas próprias universidades, tendo destaque a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf) em 2001.

É preciso ressaltar que tais iniciativas se deram após a Conferência promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em Durban, na África do Sul), a “3a Conferência Internacional de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância”. Este evento contou com a expressiva participação do Movimento Negro brasileiro, que levou propostas para a criação e implementação de ações afirmativas para o

ingresso na universidade. Porém, apenas em 2012 a Lei nº 12.711/2012, mais conhecida como a Lei de Cotas, foi aprovada (GUIMARÃES; RIOS, 2014).

O período entre a Conferência de Durban e o Decreto no 7.824 de 11 de outubro de 2012, que estabeleceu a implementação da Lei de Cotas, a discussão sobre as ações afirmativas foram motivos de grande discussão dentro e fora da academia. Guimarães e Rios (2014) destacam a presença de três agentes políticos engajados em favor a criação da Lei de Cotas:

- 1) os ativistas da sociedade civil, com destaque para o Movimento Negro;
- 2) os professores e pesquisadores universitários;
- 3) os gestores das instituições públicas de ensino.

Por outro lado, um forte movimento contra as cotas também foi sentido, tanto dentro como de fora do âmbito acadêmico. Guimarães e Rios (2014) elencam os argumentos de objeção para as cotas, especialmente as cotas raciais, centravam-se nos seguintes argumentos:

- 1) a miscigenação no Brasil impedia identificar quem é ou não é negro;
- 2) o mérito seria desvalorizado;
- 3) a formação precária dos estudantes de escola pública poderia comprometer a qualidade do ensino superior;
- 4) as cotas poderiam tensionar disputas entre os diferentes grupos raciais, podendo aumentar o racismo. Tal movimento gerou, inclusive, um manifesto contra as cotas raciais assinado por diversos intelectuais (dentre eles o cientista político Gilberto Velho e a antropóloga Lília Moritz Schwarcz²⁷) e artistas consagrados, com o cantor e compositor Caetano Veloso.

O manifesto, em suma, é alicerçado pelo argumento de que se as cotas raciais fossem estabelecidas, significaria negar o princípio da igualdade social ao trazer à divisão e definição dos direitos das pessoas com base no seu tom de pele. O manifesto, no entanto, esqueceu de perceber que a classificação e divisão do acesso da população brasileira a direitos básicos pelo tom de pele já existe desde os primórdios da formação social do Brasil.

A mudança do perfil dos estudantes das instituições federais de Ensino Superior é evidenciada pelo último relatório da Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições

²⁷ Em uma série de reportagens de 2022 com intelectuais que mudaram de opinião sobre as cotas, a antropóloga falou sobre como mudou de posição: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/era-contra-as-cotas-mas-mudei-de-opiniao/#cover>

Federais (ANDIFES), que constatou que mais de 70% dos estudantes de instituições de ensino superior federal têm renda familiar per capita de até um salário-mínimo e meio; pouco mais de 51% se declaram pretos e pardos e quase 65% estudaram integralmente ou em boa parte do tempo do ensino médio em escola pública (ANDIFES, 2019).

Apesar de a Lei de Cotas representar papel central para a mudança do perfil dos estudantes do ensino superior público brasileiro, ela não conseguiu sanar problemas estruturais que impediam e impedem o acesso de estudantes pobres, pardos, negros, indígenas e com deficiência na universidade pública. É preciso destacar que a natureza dos Programas de Ação Afirmativa, apesar de ser revolucionária para a mudança do perfil do universitário brasileiro, representa uma compensação para esses grupos marginalizados e impedidos de terem acesso ao Ensino Superior, mas não a solução final para tal problema.

Outro fator imprescindível para ser considerado com as cotas é a falsa ideia de que as pessoas beneficiadas passam por um processo mais fácil para o ingresso na universidade. Inclusive, maiores concorrências no Sisu de 2023 foram entre candidatos cotistas (ALFANO, 2023).

Para além da preparação para vestibular ou ENEM, as pessoas interlocutoras desta pesquisa narram, em seus depoimentos, que passaram por uma importante fase rumo ao Ensino Superior: o processo de escolha de seus cursos. Eventualmente, muitos de nós tivemos que responder à pergunta: “o que você quer ser quando crescer?”. A máxima do *ethos* capitalista “trabalho, portanto, existo” nos é inculcada desde nossos primeiros momentos de vida, desde brinquedos que imitam instrumentos de trabalho remunerado e não remunerado (carrinho de bombeiros, panelinhas de plástico) a perguntas sobre aspirações profissionais para crianças que ainda não têm sequer o domínio completo do uso da linguagem vernácula.

A depender de nossa posição na sociedade já temos caminhos trilhados. Somos instigados não para sonharmos com alguma profissão que temos afinidade, mas para nos acostumarmos desde cedo com a ideia de que seremos trabalhadores e que nosso valor social dependerá da função que exercemos.

A criança da elite ou da classe média instruída é habitualmente incentivada a seguir as profissões tradicionais de suas famílias, enquanto para muitas famílias o objetivo é que suas crianças não sigam as suas profissões. É neste sentido que está essencialmente ancorado o processo de escolha de curso superior: fugir do destino precarizado da família e ter uma vida socioeconômica mais confortável.

Para decidir um curso universitário considera-se a afinidade com a área, aptidão com alguma matéria ou habilidade relacionada com o curso, o desejo da família e os prospectos de retorno financeiro. E, além disso, tem-se a escolha guiada pela pontuação no Sisu e pela concorrência. Pelo menos um desses critérios são comumente levados em conta diante a escolha de um curso de graduação, tendo o fator retorno financeiro um peso substancial nessa escolha.

Durante a sua vida escolar, Larissa não sabia qual curso escolheria, o que a levou a divagar por quais áreas ela cursaria. Primeiro, ela levou em consideração o fator retorno financeiro, mas mesmo assim não conseguiu discernir durante a sua vida escolar o que realmente gostaria de cursar.

Sobre a questão da universidade, eu nunca fui aquela pessoa que tinha certeza assim. Eu quero ser sei lá, engenheira veterinária e tenho esse foco. Eu não tinha isso, né. Eu ia... Claro que a gente sempre ouve, né, “Eu acho que tu precisaria escolher esse curso”, que é sempre o curso que dá mais dinheiro, não é? E eu ficava assim, nossa também, naquele pensamento meio romantizado de que não queria um curso... Claro, a gente é capitalista, a gente quer algo que nos remeta uma verba, né, ter dinheiro. Mas também era aquela questão de quero fazer algo por amor, quero fazer algo que eu goste, né? Além do dinheiro, né, porque eu pensava que ia ser muito infeliz fazendo algo que eu não gostasse, mas que estivesse recebendo. Então assim, os anos do ensino médio para mim foram anos assim, de transtorno porque eu estava todo mundo “Ai, dinheirinho. Ai, não sei o que, fisioterapia e tal.”. E eu ficava assim “meu deus”. Eu não tinha um foco, né. E aí, quando foi.. É, eu coloquei... Eu lembro que quando a primeira vez que eu fiz ENEM eu coloquei assim, um curso muito aleatório Psicologia, eu acho que eu coloquei, sabe. Bem aleatório porque eu não sabia. (Larissa)

Para ajudar em seu processo de escolha de curso universitário, Larissa recorreu a testes e feiras vocacionais. Foi com o encontro com um amigo em uma feira vocacional que a ajudou a decidir que gostaria de cursar Teatro na universidade.

Alguma coisa tem que sair daqui. Uma luz, não sei, algum curso aqui, e esses testes, eles sempre me levavam para as áreas de Humanas. Sempre me levavam pra ser professora, pra ser diretora de teatro, a comunicação no jornalismo. E eu ficava “égua”. Comecei a perceber que eu... Comecei a pesquisar que dava sempre isso, né, em todos os sites que eu fazia. E aí eu fiquei muito de comunicação social, né, jornalismo e o teatro. Só que o teatro, eu ficava assim “Égua, não sei, né, acho que nem tem em [cidade], aqui.” E era teatro. Então eu lembro até que eu cheguei em uma em uma feira vocacional, na própria universidade, e encontrei um amigo meu que hoje

ele faz cinema e ele tinha comentado comigo, ele falou “Olha, amiga, se tu quiser o teatro, faz o técnico, né”, porque existe o curso técnico para ator em que ele é o curso para você ser especializado em ator e atriz né? 2 anos, “não faz a licenciatura que licenciatura já é, não é para magistério, já é pra profissão de professor que são 4 anos e tal”. E aí eu fiquei assim, “ah tá bom”. E aí eu falei com uma amiga minha, eu revelei para ela o desejo. “Amiga, estou querendo fazer teatro, me ajuda e tal.”. E aí ela “tá.”. Ela me ajudou me inscrever e tals, a fazer as provas. Obviamente que eu não passei porque eu já não sabia nada de teatro, né, pra fazer pro técnico, no caso. Só que eu gostei tanto, sei lá, do ambiente, não sei, da escola, daquelas coisas que eu falei “cara, eu quero fazer isso”. Tudo bem, não passei no técnico, eu entro aqui fazendo uma outra coisa. (Larissa)

Os entraves de Larissa para a entrada na universidade não estavam relacionados com a sua base escolar, mas por primeiro dar atenção em saber suas afinidades e depois, pelo esquecimento da segunda fase do processo seletivo: a prova prática. Porém, quando ela entrou para o curso de teatro, a universidade não cobrava mais o teste de habilidade específica:

Eu nunca pensei em ser professora, mas eu queria tentar, né? E aí foi que eu, quando eu fiz o Enem eu já fiz com o objetivo de fazer o teatro, né. Eu não passei porque nessa época que eu tinha que fazer uma prova de habilidade você fazia o Enem e fazer uma prova. E eu assim, sequelei, porque eu não vi o dia da prova. Então eu não passei porque eu não fiz a prova, né. Não foi nem pela nota do Enem, foi porque eu não fiz a prova. E no outro ano eu fiz de novo e aí nesse ano que eu tentei de novo, eles eliminaram essa prova prática, então era realmente só o Enem. E aí eu fiz e aí eu passei, né, eu adentrei na escola em 2017. (Larissa)

Sarah queria ser professora desde quando estava na escola, mas não sabia ainda de quê. Ela, no entanto, sabia que tinha afinidade para a área de Humanidades e tentou vestibulares e ENEMs para os cursos de História e Ciências Sociais:

É, aí eu terminei o terceiro ano e agora, o que é que vamos fazer, né, da vida? Não passamos no vestibular. É, e eu lembro... Meu Deus, naquela época, eu tinha muito forte que eu queria ser professora, não sabia professora de que né? Mas eu já tinha uma identificação muito grande com disciplinas das áreas das sociais e humanas, né? Então, o meu primeiro vestibular, o meu primeiro Enem, eu tentei para Ciências Sociais, e o segundo pra História. E assim eu tentava, tanto o Enem como o vestibular da [universidade]. (Sarah)

Porém, Sarah tentou por três anos ingressar na universidade até obter êxito. Ela atribui como fator que a dificultou em ingressar logo no Ensino Superior o fato de ser Jovem Aprendiz e precisar dividir o seu tempo entre estudar e trabalhar. Conforme a Lei n.º 10.097/2000, o contrato de aprendizagem é voltado para jovens entre 14 e 18 anos inscritos em programa de aprendizagem e formação técnico-profissional:

[...] eu tentei 6 vezes, eu tentei 3 Enems e 3 vestibulares da [universidade]. Eu passei no meu terceiro vestibular da [universidade], mas eu acho que eu comecei a tentar em 2009, quando ainda estava no segundo ano. eu fiz ENEM quando eu ainda estava no segundo ano. 2010, né? E eu entro na [universidade]. Em 2012, eu entrei na uece, no vestibular 2012.2 do meio do ano, que era o que começava em agosto, primeiro, né? E aí os meus 2 vestibulares eu tentei tanto pra História como pra Ciências Sociais e na [universidade] eu conseguia chegar até a segunda fase. E aí eu já estava também trabalhando, né? Porque eu também fui essa pessoa, né, eu fui jovem aprendiz. (Sarah)

Sarah, inclusive, sentiu-se motivada pelo seu estágio para tentar novamente ingressar na universidade, mesmo sentindo-se frustrada pelas várias tentativas anteriores. A motivação, porém, veio pela vontade de não querer ter sua vida resumida apenas em ir trabalhar, voltar para casa, dormir e trabalhar novamente. Foi então que ela decidiu tentar vestibular novamente, mas para o curso de Serviço Social:

E aí 4 dias eu cumpria a carga horária lá e um dia eu fazia a formação. O curso de formação, né, que era aqui no centro da cidade. E aí eram 4 horas diárias, né? Como aprendiz, então todo dia eu ia daqui para o Aquiraz e voltava com um ônibus da empresa, né? É, e aí um belo dia, eu lembro de... Essa memória muito forte. Eu já estava de 18 para 19 anos, eu já estava muito desestimulada porque eu tinha tentado vestibular, não tinha passado. É, e aí eu parei de tentar, né? E eu não sabia o que é que eu ia tentar mais. Só que eu estava numa dinâmica de trabalhar e quando chegava em casa eu só ficava em casa, né? Ou então ia pro meu namorado na época, enfim. E aí um dia eu assistindo televisão, acho que era uma novela. Eu não lembro qual era a novela, me veio um pensamento de eu não quero viver essa vida aqui. De alguma forma, eu fiquei, tava saturada de tipo, ir trabalhar e voltar e ficar em casa e acordar no dia seguinte, trabalhar e voltar a ficar em casa. Eu lembro dessa memória e eu falei assim “vou tentar vestibular de novo”. E aí foi quando eu tentei para Serviço Social e eu passei. Mas eu passei nos classificáveis. Sobraram 10 vagas e eu fiquei em quinto lugar. (Sarah)

Desapontada por não conseguir entrar nos cursos de Ciências Sociais ou História anteriormente, Sarah decide escolher outro curso. Então, ela recorda que sua mãe costumava

falar a ela que seu sonho era ser assistente social, o que a instigou em procurar a grade curricular do curso e perceber que tinha afinidade com a área. Sarah acabou por trilhar o caminho que era o sonho de sua mãe, mas sem que isso partisse de uma imposição ou por uma tradição familiar:

Eu tentei Serviço Social assim muito aleatoriamente, porque quando eu fui tentar, é tanto que eu tentei isenção assim, no último dia e consegui no último dia e fiz tudo no último. Assim, no último, no último. Mas eu escolhi o curso... [...] eu lembro que eu tava no [empresa], né? Trabalhando aí eu comecei a pesquisar possíveis profissões, assim, que tivessem as disciplinas que eu gostava, que era História, Geografia, e que não fosse mais Ciências Sociais ou História, porque eu também já tinha desistido naquela altura do campeonato, mesmo sabendo desde criança que eu queria ser professora. É, e aí eu vi Serviço Social e eu lembrei que o sonho da minha mãe era ser assistente social, porque ela criou na cabeça dela uma imagem de assistente social de quando ela morava lá em [cidade] e assistente social era uma coisa e ela achava que era aquilo e ela queria ser aquilo. E eu lembrava da luta e dito isso algumas vezes na vida. Aí eu fui olhar as disciplinas do curso. Aí eu falei “nossa, gosto”. E foi assim que eu escolhi Serviço Social. (Sarah)

Samuel também precisou fazer exames de admissão a universidade várias vezes até obter êxito: “Eu tentei, todos os anos. Eu fiz 4 ENEMs. Fiz em 2012, 2013, 2014 e 2015. 2015 foi o que eu passei (Samuel).”

Samuel não gostava de estudar ou de frequentar a escola, mas a virada de perspectiva acerca dos estudos se deu através da literatura:

É, sobre a questão de estudo que mudou... Uma virada na minha vida, foi uma leitura de um livro, quando eu tinha 20 anos, um ano antes de eu entrar na universidade, né? Que eu entro com 21 anos, é do livro do Machado de Assis, que é Dom Casmurro. Foi naquele momento que eu me apaixonei pela literatura que eu comecei a ler mais e com certeza me ajudou a passar no ENEM, né, porque eu não era uma pessoa que estudava, nunca estudei especificamente para ENEM. Via algumas coisas, mas foi a literatura, ler, que me ajudou a passar no ENEM daquele ano, né? Então a minha relação com os estudos começam a mudar a partir de Dom Casmurro. (Samuel)

A literatura resgatou seu interesse pelos estudos e uma tia a quem Samuel admirava muito o inspirou para desejar cursar História:

Então, assim, foi grande loucura. História, né, eu fiz história na graduação. Eu nunca tinha pensado em fazer história, foi a primeira vez que eu me inscrevi pro curso de História no Sisu, muito por admiração ante a minha tia por parte de pai, né? Ela é

professora de história e eu a via com uma pessoa incrível. Então eu resolvi, “porra, ela fez história, né? Porque não fazer história, parece ser algo muito foda”. E acabei entrando na primeira vez que eu tentei. Mesmo sendo toda essa dificuldade do banco de suplentes. Mas eu consegui e entrei no curso, não é? Eu acho que minha trajetória não é tão arrumadinha, não é linear como boa parte das pessoas que entram na universidade. Que saem... Da escola direto, né? (Samuel)

Um dos fatores que Ingrid atribui sua entrada tardia para o Ensino Superior foi ter dado preferência ao seu estágio do que a uma bolsa de estudos em um cursinho:

E aí, até na época, no terceiro ano, uma professora minha perguntou se eu queria uma bolsa de estudos de cursinho lá no Farias se eu não me engano, ou era no Ari de Sá, e eu neguei, porque eu estava no emprego. Não que eu precisasse necessariamente do emprego para “oh, meu Deus, sobreviver”, mas eu queria poder comprar, pagar essas coisas que eu falei, né? Então eu não aceitei. E eu acho que isso também contribuiu para eu demorar um pouco a acessar o ensino superior, né? (Ingrid)

A estratégia que Ingrid adotou para preparar-se para os exames de ingresso na universidade foi investir o dinheiro de seu estágio em um *laptop* e estudar por conta própria:

Então, eu terminei o Ensino Médio em 2011, a minha primeira aprovação foi em 2013. E aí nesse período eu terminei, né, de trabalhar, né, lá no contrato e ficar estudando em casa. Não arranjei outro emprego, fiquei estudando mesmo no cursinho até onde eu pude. E pronto, com o valor da rescisão comprei meu primeiro notebook. Só que aí fiquei estudando em casa mesmo. (Ingrid)

A sua estratégia foi bem sucedida, pois ela conseguiu em 2013 ser aprovada para duas universidades. Desistiu de uma por conta da distância (a universidade é localizada em outro município) e deu prioridade para uma instituição privada que ficava em sua cidade. No ano seguinte, Ingrid foi aprovada em uma universidade federal e cancelou sua matrícula na instituição privada:

Aí na primeira aprovação foi para a [universidade] e aí eu fiz, mas depois eu desisti. Eu ganhei uma bolsa na [universidade], então é de 100% na, no... Como era o nome do programa? PROUNI, né? Pronto, PROUNI. Era 100% e aí eu cancelei na [universidade] e fui para enfermagem na [universidade] e fiquei um ano, né? Fiquei de 2013 até 2014 e aí eu tentei ENEM de novo em 2013. E entrei na [universidade] em 2014. (Ingrid)

Desde o Ensino Médio Ingrid já sabia que gostaria de ingressar no curso de Enfermagem:

Eu escolhi no ensino médio, ainda. Eu estava em dúvida entre 3 cursos que eram jornalismo, enfermagem e direito. E aí às vezes eu conversava com algumas pessoas, trocavam algumas ideias, mas eu decidi mesmo, acho que foi uma coisa assim, meio natural de que bateu. Coincide com o período que a vovó também estava adoecendo. E é engraçado, porque assim, a primeira coisa não foi “ó, como eu gosto de fazer isso”, eu pensei, eu preciso ajudar nesse, aqui, né? Então acho que fazer um curso da área da saúde vai, né, vai ser bem pertinente. Então, a primeira coisa foi a essa sensação de precisar estar preparada para cuidar da vovó, né, caso ela precisasse. É, mas isso não durou muito. Assim foi o impulso, mas depois foi porque realmente eu gostava do cuidado, né? Aí aconteceram algumas coisas do tipo “ah, alguém sofreu um acidente”, coisinha boba, arrancou a unha ao chutar, e aí eu vou fazer o curativo e aí as pessoas meio que ficavam me tendo como referência, né? Isso antes de entrar na faculdade, aí pronto, aí não, não foi difícil assim, decidir, não. (Ingrid)

Após concluir o Ensino Médio, Tatiana não obteve êxito em ingressar para a universidade. Contando com o apoio de sua família e de uma bolsa de estudos parcial, ela começou a fazer dois cursinhos:

[...] depois que eu terminei o ensino médio, terceiro ano e tal. Finalizei em 2018, eu terminei em 2017, 2018. Como eu não tinha conseguido passar em nenhum curso, né, eu decidi que eu queria tentar de novo. E aí é, eu lembro que eu falei com meu pai. Meu pai sempre ele apoiou muito assim, minha mãe também. Sempre apoiaram muito a educação em casa, de estudar, de tipo “ah, quer fazer um curso? Vamos lá, vamos ver como é”. Essa parte assim, de tipo, é, eles sempre apoiaram, né? E aí eu lembro que eu falei com ele e tal, e aí eu e ele conseguiu pagar um curso para mim, eu consegui uma bolsa. Então eu pagava tipo a metade do curso. É, eu consegui essa bolsa, eu pagava metade. E aí eu com essa grana que sobrou, eu consegui pagar outro cursinho. Então fazia 2 cursinhos. Eu fazia um cursinho que era tipo todas as matérias e fazia uma matéria isolada, que era esse de redação e linguagens. (Tatiana)

O maior problema de Tatiana persistiu após ela terminar o Ensino Médio: passar muitas horas do seu dia locomovendo-se entre uma cidade e outra para estudar.

E aí nesse período, eu, eu continuei morando lá em [cidade]. Então, ainda assim, foi um período muito difícil. Eu lembro que eu saía muito cedo de manhã, às vezes acordava até de 4:40, porque eu consegui uma carona com meu cunhado e ele ia trabalhar e ele me deixava no terminal de ônibus. Ou então me deixava no cursinho.

[...] E aí eu acordava bem cedo, 5 horas, nesse horário, nessa faixa de horário, ia para o cursinho, pegava 2 ônibus, aquela mesma coisa, pegava 2 ônibus, ia pro cursinho, assistia a aula, até sei lá, é, 1 hora da tarde, e depois ainda ficava lá para estudar. Eu morava em [cidade], fazia um cursinho em [cidade]. Então era, tipo, 2 horas de ônibus para ir para voltar. É, ia para [cidade], fazia o cursinho até 1 hora da tarde. (Tatiana)

A rotina de Tatiana em seus dois cursinhos era extremamente cansativa. Os cursinhos eram localizados em cidades diferentes, ou seja, ela tinha que alternar entre locomover-se para duas cidades diferentes semanalmente. Além disso, as dificuldades financeiras a obrigava a levar comida de casa por não conseguir custear pagar almoço todo dia em diferentes cidades, e o dinheiro para as passagens era pouco:

Eu levava comida. Eu lembro que eu levava comida. Tinha gente que tipo, tinha grana e almoçar em algum lugar. Eu não tinha grana pra isso, então eu sempre tinha que levar comida. Se eu não levasse comida, tipo, fica com a boca aberta esperando, né? [...] Eu lembro que eu não tinha dinheiro pra comer fora, então tinha que levar comida. É, também tinha muitos problemas com a passagem de ônibus também. É, de tipo tinha dia que não tinha, então não podia ir. Eu faltava, né? E era o maior sacrifício. E aí em alguns dias da semana eu saía desse cursinho de [cidade] e ia para esse cursinho em [cidade] que era o cursinho, a matéria isolada que eu fazia de redação. E aí eu ia pra [cidade], então ficava intercalando entre cidades, né? E era super cansativo, e eu lembro que eu acordava 5 horas da manhã, eu chegava em casa 10 e meia da noite. Tipo 11 horas, sabe? Porque eu ainda ficava para estudar. Então é, foi um ano muito exaustivo. Assim, muito cansativo. (Tatiana)

Tatiana conseguiu ingressar no curso de Publicidade, o curso que almejava, mas a sua saga com locomoção entre uma cidade e outra não havia terminado. Mesmo voltando para a cidade em que morava antes do divórcio dos pais, mais próxima da capital de seu estado, ela ainda continuou a sofrer com o transporte entre uma cidade e outra:

Quando eu entrei é eu passei em primeiro lugar no curso que eu queria, então foi tipo uma vitória para mim. É, eu faço. [...] eu faço publicidade, né, aqui na [universidade]. E aí é, enfim, aí a minha entrada para a universidade já foi outro processo também de grana também, porque mesmo que seja uma universidade pública, você precisa ter uma grana para transporte também, porque a universidade aqui é, a [universidade], ela fica bem distante do centro e eu morava em [cidade]. Então assim, eu voltei para [cidade], saí de [cidade], eu voltei para [cidade], e aí ficava muito distante. Então eram 2 horas, 2 horas e meia para chegar na universidade, e o meu curso é pela manhã. Ele é matutino, então assim, tinham aulas que eram de 7 e meia da manhã. E aí, como é

que faz, sabe? Então continuei na luta do acordar super cedo, pegar um ônibus superlotado porque só tem um ônibus em [cidade] que vem pra [cidade]. (Tatiana)

Nem todas as pessoas interlocutoras precisaram fazer exames de ingresso para a universidade várias vezes. Dentre as pessoas interlocutoras, aquelas que estudaram em escolas com maior estrutura, mais próximas de sua residência, com um corpo docente estável e com um currículo escolar direcionado para exames de vestibular e o ENEM tiveram menos dificuldade em ingressar na universidade. A motivação inicial para que Gabriela buscasse ingressar no Ensino Superior era a expectativa de uma melhor remuneração e um trabalho menos exaustivo. Estrategicamente, entrou no curso de Biologia para poder depois realizar uma transferência interna para um curso mais concorrido da área, motivada pelo aspecto financeiro que a futura profissão poderia fornecê-la:

Assim eu entrei, eu não, pra falar a verdade, eu não tinha muito conhecimento assim, apesar da [universidade] ser do lado da minha casa, eu não tinha muito conhecimento do que era a universidade. Eu pensava mais nessa questão mesmo do mercado de trabalho. Que eu sempre vi as que as pessoas, que são trabalhadores assalariados, trabalhavam muito para ser pouco remunerado, então eu pensava em um curso que fosse um trabalho que fosse diminuir, né? O meu trabalho fosse tornar mais fácil para mim. E aí eu entrei em biologia pra mudar de curso, pra nutrição ou enfermagem, algum curso da saúde, que eu queria ganhar bem, trabalhar pouco, mas aí na biologia eu gostei. (Gabriela)

Porém, Gabriela muda de ideia sobre a priorização do aspecto financeiro ao ingressar no curso de Biologia, pois acabou apaixonando-se pela área:

Enfim, é bem diferente a realidade. Depois, quando a gente entra, a gente percebe que tem outras coisas, né? E você, pra trabalhar, não é só a questão financeira que importa nessa motivação. (Gabriela)

Daniel obteve êxito em três vestibulares, o que o colocou em uma posição de poder escolher qual universidade gostaria de cursar Arquitetura. Daniel escolheu cursar arquitetura em uma Universidade Federal localizada em outro estado:

Aí eu consegui, passei em 3 vestibulares, foi bem quando teve a troca. Foi o primeiro Enem que teve. Que foi assim, muito polêmico, que foi, era tudo novo. E aí eu passei em 3 universidades. Era [universidade], a [universidade] e a [universidade]. Só que

daí eu já tinha decidido para o [estado] e aí acabei mudando pra lá pra fazer a faculdade de arquitetura, não é?” (Daniel)

Durante o ano em que estudou na escola privada, Daniel estudava em turno integral, sendo o turno da manhã para as disciplinas regulares e o turno da tarde era focado em vestibular (Daniel fez os exames de admissão para a universidade pública um ano antes do ENEM ser adotado como o principal exame de admissão para a universidade federal):

Pra vestibular? Sim, eu lembro que eu tinha aulas do Ensino Médio num período, que era integral lá, e à tarde era só focado em vestibular. Na época ainda era vestibular e Enem, mas agora deve ser só ENEM. (Daniel)

Daniel, ao refletir sobre como escolheu o curso de Arquitetura, recorreu a memórias de infância, recordando afetivamente a sua relação com brinquedos, componentes de montar e gostar de cuidar da casa:

Às vezes, até me pergunto até hoje. [...] E sempre uma coisa assim, que eu volto bem na minha infância [...]. Eu sempre carrego isso, era que eu sempre brincava com os componentes de montar e construir, então as minhas brincadeiras durante a infância sempre eram construindo coisas, formando assim forma, geometria, colocando, empilhando ou desmoronando, ou construindo de novo. Eu acho que isso, de certa forma, influenciou muito na trajetória. Mas depois, não sei, eu acho que foi bem isso. Gostar de talvez até cuidar da casa e modelar a casa era algo que entrou junto também na decisão, porque eu não consigo ver outra coisa, outra área, não. (Daniel)

O desejo de cursar Letras vinha desde a infância para Mariana. Decidida desde cedo, queria fazer Letras mesmo sem sequer saber como se ingressava em uma universidade:

Mas essa é uma coisa que eu sempre soube que eu faria letras. Eu sempre soube que eu estudaria letras ou jornalismo. Era uma decisão que eu tinha desde criança, e é isso. [...] aquela vontade de criança. Eu não sabia que tinha escola pública. Não sabia qual era o processo, eu só sabia que queria fazer. (Mariana)

Apenas durante o Ensino Médio Marina foi devidamente informada sobre a existência das universidades públicas, onde percebeu que seu sonho distante poderia virar uma real possibilidade:

É, enfim, nessa escola foi quando descobri que existiam universidades públicas e que eu poderia, porque quando primeiro de tudo descobri que existia faculdade paga e eu

falei “bom, não vou fazer aqui”, mas tem como. Ai, tem pública, só estudar um pouco, tem o Enem e tal. (Mariana)

Marina contava com as opções de continuar no estado onde cursou o Ensino Médio ou mudar-se para um estado vizinho onde moravam alguns parentes. Ela optou por mudar-se para o estado onde morava o seu avô ao ser aprovada pelo Sisu na primeira chamada: “E aí, enfim, acabei optando pela federal de [estado], fiquei em [estado] E foi isso. Pelo Enem, fui chamada na primeira chamada (Mariana).”

Pedro cresceu em uma cidade que não tinha uma universidade, o que considera ter sido o seu maior problema inicial:

Na carreira universitária, eu estou no quarto semestre, ainda, da faculdade. E, inicialmente, um dos maiores problemas foi porque na minha cidade não tem universidade. E nem tem um curso que eu queria. (Pedro)

Em contrapartida, Pedro sentia-se bem preparado para o ENEM pela sua escola. Para ele, a escola profissionalizante o forneceu uma escolarização excelente:

O meu [Ensino] Médio foi em uma escola profissional, e tipo, o ensino foi muito bom, assim. Não tenho nada pra... Meus professores eram os melhores aqui na cidade. E eu nunca pensei que eu poderia fazer um cursinho, porque eu sei que eu não teria dinheiro para isso, então nem nunca cogitei, nunca, nada disso. Eu só estudei por mim mesmo, assim, pelos meus professores. Porque uma coisa que eles fazem é incentivar pra você entrar numa universidade pública. Eles, inclusive, nem falam em universidade privada, porque, como a maioria das pessoas que estão lá na escola profissional são pessoas carentes, assim, né? Eles sempre incentivam você a entrar na universidade federal. Então sempre foi pelo incentivo da escola e por meu incentivo pessoal mesmo. Eu estudava com meus amigos, mas também não é aquele estudo, nunca estudei demais assim, porque eu também, tipo, eu tenho uma facilidade de aprender rápido, sabe? Mas foi isso. Estudei pro Enem e graças a Deus deu certo. (Pedro)

E no processo de escolha do curso, Pedro teve como incentivo a profissão de seu pai:

Mas eu acho que eu pretendo seguir isso, porque meu pai é pedreiro e eu sempre gostei de ver ele trabalhando. Ele mesmo que fazia, ele fazia, tipo, uns desenhos, projetos sabe, no chão. Assim, eu achava muito legal e eu quis seguir desde criança e também porque o povo diz que engenheiro civil ganha bastante dinheiro, né? (Pedro)

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) é um indicador de desempenho das escolas através do desempenho em português e matemática dos estudantes. Conforme os últimos resultados, divulgados em 2021, as dez melhores escolas públicas de Ensino Médio são escolas militares, ligadas a alguma universidade pública, escolas técnicas e profissionais (Ideb, 2021). Helena identifica as desigualdades entre as escolas públicas através da observação do corpo discente de sua universidade e ressalta a preparação da escola militar para exames de ingresso à universidade:

Era tanto que, tipo, as maiores escolas que a gente vê entrando na universidade, geralmente ou são, é, profissionalizante, né, ou são tipo os IF²⁸ da vida, ou o [nome da escola] e o [nome da escola], né que são, são escolas de grande nome, sim, e as escolas militares. Assim, eles são bem, fora aquela disciplina, aquele militarismo, aquela coisa bem retrógrada e chata, mas tem professores muito bons, assim. As aulas são bem preparativas para o Enem mesmo. Era bem cansativo, né, porque era integral, mas tinha sim uma estrutura boa de aulas e tudo mais. (Helena)

Helena preparou-se para o ENEM focando em seu maior ponto forte, a escrita em detrimento de matérias que não tinha domínio ou afinidade. Ela não atribui necessariamente como uma paixão ou vocação, mas uma habilidade que domina bem:

Assim, não fui muito estudiosa, assim. Eu era mais prática. Eu sou mais prática, então eu focava no que eu sabia. Eu não ia estudar, tipo, química. Para mim já era um caso perdido, física. Eu nem me esforçava mais. Então eu passava o tempo estudando o máximo de matemática que eu conseguia pra na hora não ser tão difícil fazer uma regra de 3, embora tendo chutado, tipo, 25 questões do Enem de matemática, porque no final não dava mais nem tempo. Mas eu sempre fui muito boa em redação, sempre fui muito boa em escrever. É tanto quando a gente se apresenta, todo começo de semana, de semestre tem tipo “ai, porque você escolheu, né?”. É isso. Eu nunca sonhei. Eu nunca sei lá, eu não. Eu nem gosto tanto de “nossa, eu amo escrever”, o pessoal falar “eu gostava”. Eu não gosto de escrever, eu sei escrever. Eu sei fazer isso, entendeu? Então eu sabia. A minha nota da redação do Enem foi 960. Então, tipo, foi bem OK para eu entrar de primeiro assim, no curso de jornalismo. (Helena)

Porém, antes de escolher Jornalismo, ela não tinha certeza de qual formação universitária desejaria ter. Devido ao desejo do seu pai, ela pensava no curso de Direito. O que

²⁸ Instituto Federal

a instigou a cursar Jornalismo foi participar de um projeto de um jornal local que seleciona estudantes para serem correspondentes por dois anos:

Foi uma grande sorte, porque eu não sabia o que eu queria, nunca soube que eu quis assim. Eu nunca fui essa pessoa de sonhar em ter um trabalho, nunca. Os meus sonhos, eles são mais de vida do que de profissão, assim. E aí eu ia pela cabeça dos outros. O pai queria que eu fizesse direito e tal, e tal hora eu pensei que em fazer direito, só que por uma sorte muito grande o jornal [nome do jornal] (ele faz todo ano os correspondentes [do jornal], né, que ele vai em várias escolas públicas e particulares do [estado], escolhe 2 alunos que estão [...] no nono ano). E aí esses dois alunos passam um ano, é, visitando o jornal, escrevendo pra lá, tem uma colunazinha, não sei se tem mais hoje em dia, mas tinha uma colunazinha. Às vezes são impresso, em casa, às vezes saía no site. E aí, por sorte, no ano que teve, eu passei nesse negócio. Assim, eles nem iam me escolher, eles iam escolher outra pessoa porque minhas notas não tavam tão boas. Era tipo, os que tinha a melhor nota da sala, mas esse pessoal não gostava de escrever nem de desenhar. E aí eu gostava dos dois e aí eu fui escolhida. Tinha que fazer um fanzine. E aí eu fiz um fanzine, né? E eu fui escolhida junto com outra pessoa, que inclusive estava no curso, né? Ele saiu, mas ele também estava fazendo jornalismo. E foi isso. E aí, quando eu entrei no mundo “aí, cara jornalismo, acho que é isso”. E aí foi, foi uma grande sorte. Acho que não tivesse isso, eu tava na faculdade direito odiando tudo, provavelmente. (Helena)

As escolhas dos cursos universitários, portanto, partiram das mais diversas inspirações. Mas, de certa forma, motivadas pelas suas afinidades, habilidades, retorno financeiro e influência dos familiares. É interessante notar que Helena é a única que não relaciona diretamente a entrada na universidade ou aspirações profissionais a um propósito pessoal.

O processo de entrada na universidade é árduo e expõe limitações financeiras, estruturais e a importância da escola na preparação para o ENEM e o vestibular. Mesmo aqueles que estudaram em escolas públicas “seletas” ou escolas privadas enfrentaram adversidades como o preconceito de classe dos colegas da escola privada e a distância entre a escola e a residência. No entanto, em relação ao processo de entrada na universidade pública menos árduo, em contraste com estudantes de escolas públicas regulares que precisaram tentar ENEM e vestibular várias vezes até obter êxito.

Esse processo escancara, primordialmente, a desigualdade no sistema brasileiro de ensino. Mesmo com as cotas, os estudantes de escolas públicas regulares enfrentam a concorrência de escolas públicas “seletas”, como os institutos federais, as escolas militares, as

escolas técnicas e profissionais, por exemplo. O que resta, para alguns estudantes, é ceder à lógica meritocrática de empenhar-se laboriosa e exaustivamente para poder ingressar em uma universidade pública.

3.5 A vida universitária

Agora partimos para um contexto em que todas as pessoas interlocutoras estão em um mesmo patamar: estudantes de universidades públicas estaduais ou federais. Entrar na universidade é, para muitos, a descoberta de um novo mundo. É o espaço onde nos conhecemos, desconhecemos e nos redefinimos. Para os interlocutores, a entrada na universidade foi um evento marcante e que representou o começo da esperança da virada de realidade socioeconômica para as suas famílias.

3.5.1 Reação das mães com o resultado do ENEM ou vestibular

O ingresso no Ensino Superior não é apenas uma conquista para os estudantes, mas para a família. Durante as conversas com os interlocutores, nenhum deles expressaram alguma interferência direta ou impositiva dos pais na escolha do curso. Por interferência podemos entender como o desejo expresso dos pais de que seus filhos façam algum curso específico. Temos o caso de Sarah, que ao entrar em Serviço Social, lembrou que era o curso que sua mãe sonhara fazer, o de Samuel que entrou para o curso de História por admiração a sua tia formada neste curso, e o de Helena que quase cogitou entrar no curso de Direito por desejo de seu pai. O caso de Helena, o fator de influência de seu pai estava mais relacionado a uma indecisão sobre o que gostaria de cursar do que uma imposição.

Ao analisar as falas das pessoas interlocutoras, não se percebe uma hierarquização do orgulho dos pais a partir do curso escolhido. Ou seja, a mãe de Larissa, que entrou no curso de Teatro, não se sentiu menos orgulhosa que a mãe de Pedro, que entrou no curso de Engenharia Civil. Todas as pessoas interlocutoras foram a primeira ou uma das primeiras pessoas de toda a sua família (nuclear e não-nuclear) a entrar na universidade, o que faz com que esse ingresso seja considerado uma conquista pessoal e familiar independente do curso escolhido.

Além disso, o Ensino Superior representa para os pais (e para mães trabalhadoras domésticas, particularmente), o começo da concretização do sonho da classe popular brasileira: interromper a precariedade intergeracional.

Larissa compreende que o curso que escolheu não é um curso socialmente estimando, especialmente considerando o caráter associado a uma formação estritamente profissionalizante e funcionalista da universidade:

A entrada na universidade, ela foi assim, um baque de muitas coisas, né? Primeiro que eu já tenho um curso que ele já não é visto como um curso, né. Eu sou das artes, no campo das artes, então a gente sabe que aqui no Brasil não é um campo valorizado como uma engenharia, como uma medicina. Então a gente já começa, né, sabendo ali antes, quando antes mesmo de adentrar a faculdade. Você passou numa universidade federal, [...] pra fazer teatro. (Larissa)

Ademais, a fala de Larissa resume a forma de como as mães das pessoas interlocutoras reagiram ao ter a notícia da aprovação no Sisu ou vestibular:

Eu lembro que quando eu passei assim, a mamãe, eu entrei no Facebook ela só colocou assim “minha filha caloura da [universidade]”. Aí eu fiquei assim “Meu Deus!”, sabe. E as pessoas comentando assim “parabéns”, porque elas sabem que ela tem essa profissão, então sabe que para ela é uma outra emoção. Assim, não importa o curso, sabe? Importa que a filha dela, filha de uma empregada doméstica, passou numa universidade, em uma das universidades mais renomadas do país, né, que é a [universidade]. Então isso já é um peso muito grande, eu sabia, do momento que eu passei, né, do peso que seria. Então, para mim, estar na universidade de hoje é uma conquista, uma resistência, e é direito que me foi negado, que nos foi negado há muito tempo. (Larissa)

Quando Larissa fala que não importa o curso, e sim que a filha de uma empregada doméstica passou para uma universidade renomada (uma universidade federal ou estadual), ela demonstra a reação comum das mães das pessoas interlocutoras e o que representa para elas entrar em uma universidade pública no Brasil.

3.5.2 Tornar-se negra

Entrar na universidade pode também ser considerada representação de importantes acontecimentos: a transição da adolescência para a vida adulta (para os que ingressam assim que terminam o Ensino Médio), o início ou a consolidação da vida adulta (para os que ingressam alguns anos após que terminam o Ensino Médio). Além disso, pode representar mudanças de endereço, mudanças de autopercepção pessoal, profissional e social. Uma delas, é perceber-se enquanto pessoa negra.

Neste sentido, Larissa percebeu-se enquanto mulher negra:

Foi na universidade, consegui me enxergar com uma mulher preta, né. Foi aí que começou o meu processo no primeiro ano da faculdade. Então, assim, já era uma coisa tipo “meu Deus, eu sou uma mulher preta. Então, muita coisa está explicada, muita coisa agora faz sentido”. Então foi aí que começou esse processo de me enxergar, de me ver com uma mulher preta, de enxergar minha mãe também com uma mulher preta, né. (Larissa)

Foi também na universidade que Sarah percebeu-se política e teoricamente enquanto mulher negra:

Então, a universidade, ela é muito marcada por esse aspecto, né? É o lugar da minha formação profissional, mas é também o lugar da minha formação política e teórica, né, e identitária. É o lugar onde eu me formo enquanto uma mulher negra. Quando eu descubro que eu sou uma mulher negra e aí quando eu descubro o mundo, né, a partir desse lugar. E aí é quando eu consigo elaborar respostas sobre tudo que eu havia vivido, quase tudo que eu havia vivido. E eu percebo que muito do que eu vivi, foi porque eu sou uma mulher negra e tudo muda, né? A minha vida muda aí. Então quando eu entro na universidade na minha primeira semana, eu encontro a professora [NOME], eu começo a sonhar com a possibilidade de ser uma professora universitária, né? De tentar construir uma carreira como uma pesquisadora negra e aí, logo depois, o ingresso no [laboratório de estudos de afrobrasileiridades de sua universidade], que é esse espaço que é muito importante na minha trajetória. (Sarah)

Neusa Santos Souza (1983) traz a discussão no campo da psicanálise sobre os efeitos do racismo na construção da subjetividade da pessoa negra. Ela foca, especialmente, nas pessoas que buscam ascensão social. Para ascender socialmente e ser aceito na sociedade, a pessoa negra brasileira precisa primeiro se negar, ou seja, abraçar os preceitos psicossociais estabelecidos pela classe e cor dominante. Nasciutti (2021) aponta que Neusa Santos Souza aborda a identidade negra como uma questão histórica e existencial, onde a percepção de sua identidade é vista como um processo subjetivo e político. Neusa Santos Souza afirma que (1983, p. 77):

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.

A possibilidade de construir uma identidade negra – tarefa eminentemente política – exige como condição imprescindível, a contestação do modelo advindo das figuras primeiras – pais ou substitutos – que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com esse modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio.

A universidade propicia a autodescoberta, a politização e a teorização da pessoa negra. Como sendo um lugar que reúne colegas, intelectuais, professores, leituras, debates, organizações estudantis, movimentos sociais e movimentos políticos, a universidade torna-se um espaço de reconhecimento e politização.

Porém, como afirma Chauí (2000), a universidade, enquanto instituição social, reflete a sociedade de que faz parte. Ou seja, a universidade não é uma instituição apartada da realidade, mas expressa os processos históricos da sociedade em que está inserida. Neste sentido, a universidade consegue ser uma instituição extremamente hostil para as pessoas negras. Esta instituição abriga espaços de autodescoberta, construção teórica e organização política, mas também espaços onde o racismo prevalece, seja ele de forma implícita ou explícita. Dentre as pessoas interlocutoras, Samuel relatou um caso de racismo que sofreu de um professor:

E tinha dia, por exemplo, no primeiro semestre, eu passei por um caso de racismo, né? De um professor da disciplina de educação que ele disse na primeira ou segunda aula dele, que os alunos cotistas baixavam o nível. Então desde desse dia eu decidi sair da aula dele nunca mais voltar. Por isso eu tive que [se emociona]... Desculpe. Por isso eu decidi me matricular na mesma cadeira, só que à noite. Então, na quarta-feira, que era o dia que eu tinha aula de manhã, e tinha aula lá à noite, eu tinha que passar o dia todo, né? Acho que é já foi a primeira e grande dificuldade. Assim, no primeiro, no primeiro semestre, logo, né, mas eu não desisti e continuei. (Samuel)

Uma das primeiras experiências de Samuel na universidade foi marcada por um professor racista. Durante o relato sobre este momento, Samuel emocionou-se ao relembrar sobre o episódio, tornando perceptível o quão este episódio marcou a sua trajetória durante a graduação. Ele acrescenta:

Teve essa dificuldade nesse semestre, e eu decidi tomar a decisão desde que ele falou isso, nunca mais entrar na sala de aula com ele. E deu certo. Eu conheci outro professor. É, também na educação, na mesma disciplina, à noite. Passei por essa dificuldade de ter que passar o dia todo na [universidade], de sair de lá às 10 da noite, mas, tem, politicamente, tem coisas que você decide, não? É mesmo, eu menino, sem entender muito bem qual era aquela decisão [se emociona]. (Samuel)

Gabriela relata sobre o racismo na universidade quando foi fazer mestrado em uma universidade federal:

E eu percebo um preconceito muito grande, assim. Quando eu entrei no mestrado na [universidade federal], pessoas deixaram bem claro que eu teria que me esforçar aqui muito mais do que outras pessoas porque eu era da [universidade estadual], porque eu era negra, porque eles pensavam que eu tinha entrado por cota. Então, e deixaram claro que eu teria que me esforçar mais para conseguir. E isso me atingiu bastante. Na [universidade estadual] eu não senti muito isso, mas na [universidade federal] eu senti bastante essa segmentação, essa exclusão social, sim, de as pessoas pensarem que você não tem... De lhe taxarem, né? Como uma pessoa sem condição, sem capacidade, né? Por saber dessa história de vida, e eu percebo isso porque querendo ou não, a [universidade estadual] é uma universidade mais periférica, né, que atende mais um público mais periférico. A [universidade federal] não é, e aí eu acho que nessa questão de cobranças, na questão também de empatia, tem menos. Os professores da [universidade estadual] são mais empáticos. (Gabriela)

Ela também relata a falta de apoio dos professores e menosprezo de sua capacidade:

A minha mãe me apoiou muito, assim minha mãe sempre me apoia muito assim nas minhas decisões. “Ai, vai, faz”. Mas na academia não queria apoio não. Teve um professor da graduação que falou, teve outro que queria me puxar para continuar na [universidade estadual]. Aí eu disse que não queria, ele disse que “você não se enxerga, você não vai conseguir não. Na [universidade federal]? Entre logo aqui que é mais fácil.” E agora no mestrado da mesma coisa, a minha professora do mestrado falou a mesma coisa. Eu estou querendo ir para outra instituição e ela “você não vai conseguir não, coloque os pés no chão, faça logo aqui na [universidade federal]”. Eu já ouvi isso antes. Prefiro me frustrar e tentar do que não tentar. Mas assim, a universidade não apoia muito, não. Acho que eles querem escravos, né? (Gabriela)

Ingrid, por outro lado, relata não ter ouvido discursos preconceituosos de professores, mas de seus colegas:

Aquela pessoa mais tipo assim, colegas que criticavam, né, o sistema de cotas, com aquela velha ideia de que “ah, isso não vai acabar com o racismo. Ah isso não vai... Isso não é bom, porque as pessoas que realmente estudam, né”. Porque eles achavam que se você fosse cotista, pronto, você zerava a prova e mesmo assim tava lá dentro, só que não, né? E a minha nota daria pra ter entrado sem cotas tranquilamente. Mas enfim, aí fui por meio, né? Então “não, vamos tentar”. E aí foi mais a partir de coisas que eu escutava e foi muito assim no começo do curso. Mas em relação à professores, não. Só que assim, alguns discursos assim, meio preconceituosos. (Ingrid)

Tanto no caso de Gabriela e Samuel, sua capacidade intelectual foi menosprezada por serem negros (e também cotista, no caso de Samuel). Já Mariana e Helena, mulheres negra e indígena, respectivamente, abordam casos de racismo disfarçados de cortesia, preocupação e até mesmo admiração:

E é uma coisa que me marcou um pouco, foi alguns professores que tinham o que eu chamo de síndrome da professora Morello, sabe? “Não sei o que é, mas você”, sabe assim, “ai, a pobre”. Sabe, assim, tipo de eu falar que eu queria estudar fora, eu queria fazer meu mestrado fora do país, é eles dizerem “ah, mas aqui no Brasil tem muitas opções boas também, você consegue. Você vai conseguir coisas”, sabe assim, tipo, assim de... (Mariana)

E a gente tinha uma professora que era bem, senhorita Morello. Assim, todo mundo chamava ela senhorita Morello porque ela era muito “ai, eu sou fascinada por isso.” Mas ela é muito fascinada, não sei o quê. Ela tratava muito como um “ai aqui, meu objeto de estudo e tudo mais”, e a gente ficava meio “hum...”. Porque quando você é uma pessoa racializada, você percebe as coisas muito fácil, você percebe tudo o que está ali, tipo, professor elogiando demais, é uma pessoa querendo demais. Também é ruim. Também é, parece que você é um bicho, entendeu? Então, acho que foi mais nessa parte assim, do que, de fato é em relação a essas coisas assim. (Helena)

Tanto Mariana como Helena sofreram racismo de uma forma “benevolente”, onde a pessoa racista usava subterfúgios como a preocupação ou admiração para disfarçarem o seu racismo. No caso de Mariana, a preocupação e aconselhamento para que ela “mantivesse os pés no chão” partem de um desprezo pela capacidade intelectual de Mariana escolher onde gostaria de fazer mestrado. Já o caso de Helena parte de uma “admiração” por pessoas racializadas.

Ambas relacionam esses professores a uma personagem de uma série de comédia estadunidense chamada *Todo Mundo Odeia o Chris* (2005-2009) que ficou muito popular no Brasil. A série, que aborda a adolescência de um jovem negro de Nova Iorque na década de 1980, tem uma personagem chamada professora Morello, que é professora do Chris, protagonista da série. Morello demonstra ser agradável com Chris e admiradora da cultura negra, mas o reduzia a estereótipos racistas²⁹ (PEREIRA, 2020).

Sendo a universidade a instituição máxima que representa o capital intelectual, é interessante notar que o tem em comum, que marca as diversas formas de racismo sofridas por Samuel, Gabriela, Mariana e Helena é o menosprezo pela sua capacidade intelectual.

²⁹ Como, por exemplo, presumir que seu pai era ausente ou que sua família passava fome por serem negros.

3.5.3 *Elitismo na universidade*

Pedro percebe que as poucas pessoas negras de sua turma são cotistas. Ademais, ele relata que essas poucas pessoas negras são também as mais pobres da turma. A fala de Pedro reflete um dado concreto da realidade brasileira: a pobreza no Brasil tem cor. Segundo o IBGE (2022), da população com rendimento per capita mensal domiciliar abaixo da linha pobreza no Brasil, 18,6% dessas pessoas são brancas, 34,5% são pretas e 38,4% são pardas. Logo, mais de 70% da população não branca tem o rendimento per capita mensal domiciliar abaixo da linha da pobreza. Ele traz, inclusive, um apontamento muito expressivo das imbricações de raça e classe:

Na minha sala, só tem 6 pessoas negras na minha sala em turmas que tem 45, 50 pessoas. Aí quando eu vi assim, já foi um baque assim, de início. Inclusive as 6 pessoas que tem, são as 6 pessoas da cota racial. Aí isso já foi o primeiro baque. Depois, eu fui vendo a vivência das pessoas e eu vi que tipo, eles já se conheciam, eram da cidade, a maioria das pessoas. E são esses tipos, essas pessoas riquinhas, filho de riquinho, com roupa de marca, e foi estranho para mim, assim, de início. É tanto que eu fui para outra cidade com meus amigos já aqui da minha cidade, sabe, eu e mais 3 amigos meus. E tipo, as únicas pessoas visualmente pobres entre aspas, assim, era a gente. E foi muito estranho com a gente no início, só que depois, depois nem virou um tema assim, a ser pensado, sabe? (Pedro)

As diferenças de classe na universidade são sentidas pelas pessoas interlocutoras, principalmente, pelo maior poder aquisitivo e capital cultural de seus colegas e através das atitudes dos professores:

Pra mim, o mais difícil da faculdade foi eu ver que eu estava num nível, que a minha base fundamental de educação estava num nível enquanto tinha outras pessoas já falando outra língua, já leu, que já leram muitos livros, que já teve, tiveram acesso a muitos museus, já muitas viagens, já muita coisa e eu chegar na faculdade e me deparar com esse choque de que eu estava muito despreparado para aquele ambiente. (Daniel)

Nos relatos dos estudantes entrevistados, muitos deles relataram dificuldades nos semestres iniciais com algumas disciplinas ou por não dominarem alguma língua estrangeira. Esta “carência” era utilizada como forma de menosprezo dos professores diante esses estudantes:

Porque eu lembro até no meu primeiro ano, uma professora passou um texto pra... Me marcou muito até hoje. Ela me passou um texto para todo mundo ler. Só que o texto era em inglês e eu não tinha como ler o texto. Eu não sabia inglês, né, no meu primeiro ano da faculdade, tanto que o Ciência Sem Fronteiras que me trouxe. Então aquilo... E eu lembro de perguntar “professora, é, eu não consigo ler o texto. Tem alguma outra versão, alguma outra coisa que eu possa ler?” Ela só virou assim pra mim e falou “I’m so sorry se você não consegue ler inglês”. Tipo foda-se, faz a tua coisa. E muita gente conseguia ler o texto e isso foi tipo, esse tipo de discrepância, sabe? Foi algo que me moldou muito. Mas só que aí até o final, sempre me cobrando muito, né, pra tentar... (Daniel)

Mariana, que ganhava prêmios na escola por ser a melhor aluna, que foi selecionada para estudar em um colégio com boa estrutura, sentiu dificuldade ao entrar na universidade. Para ela, o seu maior entrave foi entrar no curso de Letras-Francês e descobrir que tinha pouco conhecimento da língua francesa e da França, enquanto colegas de melhor condição socioeconômica estudaram francês durante muito tempo e até mesmo viajaram para a França:

O primeiro, a primeira coisa que eu descobri foi que eu não era tão inteligente assim. Porque eu sempre fui a mais inteligente. Aí chega na universidade e descobre que não, você descobre que é mais uma aqui. Então isso foi um primeiro choque, daí que eu tinha que estudar pra caramba pra conseguir acompanhar. Eu fiz Letras-Francês e eu não tinha francês, não sabia falar francês, então eu estava com gente que estudava francês a vida inteira, que tinha ido pra França nas férias. E esse foi um outro choque de ver que existiam pessoas... Que eu sempre soube que existiam pessoas ricas, mas para mim era um “ah os ricos” e tal assim. E eu estava convivendo, meus amigos eram pessoas que iam passar o fim de semana, sei lá na Europa, e voltava no feriado assim, coisas assim. (Mariana)

Eu estudei com gente que já tinha lido Hegel, que já tinha e eu tipo “gente, o quê?”. Tinha gente que lia em francês, gente, e eu estava engatinhando em tudo. Eu conheci os filósofos que eu nunca tinha muito falar, conheci. Então, foi, é, foi chocante mesmo. (Mariana)

E em relação em como os professores de Mariana lidavam diante disso:

Os professores, eu acho, pelo menos os meus, eram bem abertos a... Assim, abertas na medida em que um rico é tipo assim... Eles tentavam ser, mas eles acabavam não entendendo que tinha gente que trabalhava, acabavam não entendendo tinha gente que não que não sabia falar francês, né? Eles eram uma coisa meio, passavam uns textos que a gente tinha que procurar e ver se alguém traduzia pra gente. Mas era uma coisa que não parecia ser, pelo menos pra mim. Eu não sentia que era intenção. Às vezes

falando agora, poderia ser, sim, mas na época, na hora, parecia que eles só não tinham noção, assim. (Mariana)

Ingrid relata ter se sentido intimidada pelo seu estilo de vestimenta. Ela afirma que já foi cobrada para vestir-se de maneira mais formal:

Então, lá no departamento, até um tempo, as alunas não podiam entrar de short. Era aquela coisa toda muito assim, sabe? E aí, então eu fiquei meio assim: “não, talvez o mestrado não seja para mim, porque eu não tenho esse perfil”, e realmente nunca tive. Sou bem informal em relação à minha aparência e já fui cobrada para não ser assim, mas também hoje em dia não me importo tanto. E, fiquei pensando “não é para mim, talvez seja muito difícil, talvez eu não consiga”, mas eu tentei, porque no fim eu queria ter alguma coisa. Eu não queria era me formar e ficar um ao léu. Tentei residência, eu tentei seleção que teve na época, e realmente o que deu para mim foi o doutorado, desculpa, o mestrado. Então quando eu fui meio que eu fui assim: “ai, é só o que tem, né?”. Mas assim, eu sempre tive muito orgulho. (Ingrid)

Tatiana relaciona a universidade a um lugar elitizado ao ver colegas que sabem tocar instrumentos, que dominam línguas estrangeiras, que já fizeram intercâmbio. E a isso, ela atribui a algo que esses colegas tiveram na infância e ela não: o acesso a língua estrangeira, arte, cultura e viagens:

É, e eu percebo, assim, entrou na universidade hoje que é... Que eu vejo como isso é uma falta, sabe? Porque a gente na universidade, que também é um lugar bastante elitizado, e aí você vê assim, tipo, as pessoas já sabem tocar 3 instrumentos. Ela já fez ou não fez... Se não fez intercâmbio, ela pelo menos sabe falar um inglês bom, sabe? Ela sabe mexer com programas de computador, porque ela fez um curso, porque a escola dela tinha aula disso, sabe. Então, assim eu percebo que essa questão é uma falta, né, que veio desse meu processo é de aprendizado da infância. (Tatiana)

É, enfim, e aí foi essa, foi assim a minha entrada para a universidade, sabe? É, ainda bem complicado assim, em questão financeira, principalmente. E nessa questão, como eu falei no início de que você vê as suas faltas educacionais, né? Tipo a disparidade que você tem com outros estudantes de tipo, e aí, a pessoa já morou fora um ano, já fez intercâmbio, uma pessoa fala 3 línguas ou mais, sabe? E você fica meio tipo “ai, que que eu sou, né?”. Tipo, se coloca realmente numa situação assim de complicada em relação a outras pessoas.” (Tatiana)

Sendo a primeira mulher da família a entrar na universidade pública, Tatiana percebeu uma enorme diferença no contexto educacional familiar de colegas de maior poder aquisitivo. Enquanto ela era uma das primeiras de toda a família a entrar na universidade, alguns colegas compartilhavam em quais cursos e universidades seus pais eram graduados:

É, no meu caso, eu sou a primeira mulher da família da minha mãe, é, a entrar na universidade, né, em uma universidade pública, principalmente. Então assim, é justamente isso. Assim, até o diálogo entre essas pessoas que era, sempre, é, mesmo que talvez a pessoa não fizesse tanto essa separação de classe, mas, era você sentia no diálogo o poder, né? Como essas pessoas têm um poder, assim como elas exercem um poder de tipo, é, justamente isso assim “ah, mas a minha mãe, ela, sei lá, fez direito na porque tem isso aqui”. Assim, na universidade em geral, né? “Ai a minha mãe é formada em direito, na USP”, sabe? “Ela morou um tempo em São Paulo, fez mestrado no sei onde eu quero fazer a mesma coisa”. E sabe, mesmo que talvez o indivíduo, ele não faz essa separação, mas tem, ele exerce o poder até nessas falas, né? E é difícil assim pra gente que não vem desses ambientes. (Tatiana)

Daniel sentia-se pressionado para acompanhar seus colegas, e afirma que estudantes pobres precisam se esforçar mais que o habitual para acompanhar as aulas. Porém, fazer um intercâmbio o ajudou neste sentido de não se sentir “para trás”:

E eu acho que isso também, hoje consigo ver um pouco com uma certa distância, o como que eu me pressionava muito mais do que outras pessoas a ficar um nível bom. Isso também, talvez algumas outras pessoas tenham experiência da faculdade mais fácil, mais tranquila. Para quem tem um background assim mais pobre é puxado, sempre exige mais acompanhar tudo as coisas. Mas acho que foi isso, porque depois também foi mais no início, né? Depois também que eu tive os intercâmbios, minha mentalidade mudou e aí o meu jeito de ver as coisas mudou (Daniel)

Helena, por ser de classe média baixa, surpreendeu-se com as experiências de seus colegas envolvendo a extrema pobreza e a riqueza:

Eu acho que o choque foi maior porque assim, né, o colégio da polícia, ele estava mais ou menos, todo mundo ali na mesma classe, tinha uns mais, uns menos. Mas a maioria era ali, tipo... É uma galera de classe média baixa, geralmente assim. Tinha uma, duas pessoas da sala que tinha um iPhone, uma ou duas, tipo, tinha que pegar ônibus direto, esse tipo de coisa. E aí quando eu vim para [universidade], eu conheci gente que era muito rica e gente que era muito pobre. Então, tipo, na mesma semana eu conheci tipo, um menino do [escola privada]. E ali foi muito surreal para mim, porque era tipo assim “mensalidade era tipo 3000 [reais], a gente vai no Coco Bambu comer não sei o quê”. Eu tipo: “gente, não tem a menor condição”. E nessa mesma semana, um amigo nosso, que morava em [cidade], precisava de dinheiro porque ele não tinha passagem para vir para cá. Então na mesma semana eu conheço uma pessoa que, tipo, ostentava por aí e uma pessoa que a gente teve que tipo, “não, amigo, toma, a gente faz uma vaquinha, a gente te ajuda a vir para cá porque tu não tá conseguindo fazer isso”, entendeu? Então acho que foi, o maior choque de fato, foi o de o de classe. Foi

um choque de classe assim, que eu nunca tinha tido contato na minha vida antes, foi muito grande. (Helena)

Bourdieu e Passeron (1992) relacionam, na análise do contexto do sistema de ensino francês na década de 1960, o sistema de ensino como reprodução da cultura dominante. Em relação aos usos da língua, os autores (1992, p. 82) afirmam que:

Devendo ter conseguido êxito num empreendimento de aculturação para satisfazer ao mínimo as exigências escolas em matéria de linguagem, os estudantes das classes populares e médias que ascendem ao ensino superior são necessariamente submetidos a uma mais forte seleção, segundo próprio critério da competência linguística, sendo os examinadores frequentemente constrangidos, na agregação como no bacharelato, a diminuir suas exigências de matéria de conhecimento e de habilidade para prender-se às exigências de forma. Particularmente manifesta nos primeiros anos de escolaridade em que a compreensão e o manejo da língua constituem o alvo de atenção principal ao julgamento dos mestres, a influência do capital linguístico não cessa nunca de se exercer: o estilo permanece sempre levado em conta, implícita ou explicitamente, em todos os níveis do ensino médio e, ainda, que em graus diversos, em todas as carreiras universitárias, mesmo científicas. Mais do que isso, a língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas ela fornece, além de um vocabulário mais ou menos rico, um sistema de categorias mais ou menos complexo, de sorte que a aptidão à decifração e à manipulação de estruturas complexas, quer elas sejam lógicas ou estéticas, depende certa parte da complexidade da língua transmita pela família.

A partir da análise de Bourdieu e Passeron (1992), podemos relacionar a trajetória na universidade das pessoas interlocutoras com a influência do capital cultural e linguístico. Mariana, por exemplo, afirmou que na universidade deixou de se achar inteligente ao deparar-se com o maior capital cultural de colegas e professores. Daniel aborda dificuldades com línguas estrangeiras durante os primeiros semestres na universidade, e como a sua professora desdenhou dessa situação. Os autores relacionam a entrada de estudantes das classes populares a um processo de superseleção desses estudantes. Ou seja, se for apto o suficiente e contornar a tendência da pouca obtenção de capital cultural durante a sua vida familiar e escolar, o estudante poderá obter maior êxito em sua empreitada universitária. (BOURDIEU, 1998)

Porém, a realidade do Brasil se impõe neste contexto. Nem mesmo as pessoas interlocutoras que estudaram em escolas mais estruturadas deixaram de sentir o impacto do uso do capital cultural na universidade, e como eles sentiram “para trás” se comparado aos seus colegas com maior renda e seus professores. Isto demonstra a importância do papel da família e da condição socioeconômica para a obtenção de capital cultural, pois mesmo com acesso a

escolas privadas ou escolas públicas seletivas, algumas pessoas interlocutoras demonstraram, em algum momento, entraves ou dificuldades em sua vida universitária devido à insuficiência de capital cultural. Além disso, isto demonstra como podemos refletir o papel da escola privada das classes médias: uma instituição que precisa treinar seus alunos de modo que eles entrem em universidades e cursos de prestígio no Brasil, pois este é a forma de mensurar o sucesso da escola enquanto negócio (BOURDIEU; PASSERON, 1992; BOURDIEU, 1998; QUEIROZ; SANTOS, 2016).

Sarah, Gabriela e Mariana tiveram sua graduação e pós-graduação (no caso de Gabriela), marcadas pela dupla jornada entre a universidade e o trabalho. Para Sarah e Mariana, era extremamente cansativo lidar com a jornada dupla. Além das horas de trabalho, elas tinham que lidar com a locomoção casa-trabalho-faculdade enquanto moram em cidades grandes.

Até o meu terceiro semestre eu conciliava o emprego com a graduação, né? Eu passei pro turno da noite, então a minha turma era majoritariamente feminina, porque é uma questão do serviço social, ainda. É, a gente só tinha um aluno homem. E era uma turma de mulheres trabalhadoras, né? É uma turma maravilhosa, inclusive, mas era uma turma de maioria feminina e de mulheres da classe trabalhadora. Umhas mulheres passavam o dia inteiro trabalhando e depois iam para [universidade]. Eu passo esse tempo como bolsista de iniciação científica, né? E aí a bolsa de iniciação científica. Querida, e você vive com ela a vida que ela consegue lidar. Uma vida possível. É, e aí em dado momento eu precisei realmente de um pouco mais de dinheiro, né? E eu já não era mais bolsista. Então eu volto pro mercado de trabalho formal, né, como auxiliar administrativo numa empresa, numa distribuidora de carnes. Então eu fiquei de 2016 até 2018, que foi o ano que me formei, né? Teoricamente, porque eu apresentei o TCC no início de 2019. Mas de 2016 até 2018 eu conciliava de novo, trabalho e universidade. E foi muito difícil, né, porque então, lá no início, é quando eu era aprendiz, eu trabalhava 4 horas e aí tinha o tempo de deslocamento, né, de [cidade], para [cidade]. Mas de 2016 a 2018 eu trabalhava 44 horas semanais, então foi um período de muita exaustão, né? É enfim, era eu e as minhas colegas de turma convivendo com essa mesma rotina, né? E aí eu estava muito saturada daquilo, né? Eu estava muito cansada e eu ficava pensando “meu Deus, eu não quero mais viver isso aqui, eu não consigo, eu não quero estar nesse espaço”. Era um espaço com muitas violências simbólicas, né? Um espaço que demandava muito de mim muito tempo, muita coisa, né? Eu trabalhava de segunda a sábado, trabalhava feriado, enfim, e aí foi quando eu comecei a voltar a sonhar com mestrado. (Sarah)

A [universidade], ela dava uma bolsa para estudantes de é... Enfim, de vulneráveis assim, né, socialmente vulneráveis. E aí eu recebia essa bolsa. Acho que a segunda... Acho que era tipo 900 reais a mais cara, 800, sei lá. Eu recebia 600, que na época dava

para eu super me manter, assim. Pagava a minha parte do aluguel, dividia com as meninas. Tinha isenção no RU, a gente podia comer no RU, era mais barato. Então recebi essa ajuda da [universidade]... É, demorei para conseguir, porque na época eu estava trabalhando no Correio. Trabalhei, eu era concursada na época. Então essa foi uma outra dificuldade que eu tive, que eu tive que trabalhar num extremo de [cidade], eu trabalhava no extremo oeste de [cidade] e eu tinha que ir pra [cidade] todo dia. Era 3 horas pra ir, 3 horas para voltar. E então eu não conseguia ter essa bolsa porque eu trabalhava. Depois, eu consegui a bolsa, aí ficou um pouco melhor. Eu estava muito doente, naquela época, tomava remédio para acordar, remédios para dormir, remédio do meio do dia para conseguir comer para não vomitar, sabe assim, tipo, muito remédio. E eu fui em uma viagem que eu passei 15 dias sem tomar remédio, me sentindo bem comigo mesmo e eu falei assim “mano, eu acho que eu só preciso voltar para o que eu acredito, para o que eu gosto, e eu não estou fazendo isso”. E aí quando eu voltei para [cidade] decidi sair do Correio e me dedicar só a minha faculdade mesmo. (Mariana)

Mariana aborda a disparidade entre estudantes trabalhadores e estudantes que já têm uma vida familiar mais confortável. Diante disso, ela acha injusto ser cobrada da universidade da mesma maneira que um colega que tem um aporte financeiro familiar é:

Você tem que trabalhar... Eu trabalhava... Era 3 horas, eu cruzava a cidade assim, era 6 horas o percurso entre ir e voltar no transporte público e foda-se. É a mesma carga de trabalho, a mesma carga de leitura que o boyzinho que o papai comprou apartamento quando entrou na universidade e tá só estudando. Não, não, nesse sentido, não existe um apoio à saúde mental do estudante trabalhador, de jeito nenhum. Então trancou, então se atrasou e é isso e pena, e faz o que você consegue fazer, mas não tem nenhum tipo de apoio, não existe. Até tem uma psicóloga, mas para você conseguir passar com ela é muita gente que quer, então você conseguir demora muito. É uma coisa bem foda-se mesmo. (Mariana)

Mariana relata que a dificuldade de ser estudante e trabalhador não é apenas dela, mas de seus amigos que também dividiam seu tempo entre faculdade e trabalho. Eles, inclusive, sentem-se constrangidos por se verem atrasados em relação às suas turmas:

Mano, meus amigos que trabalhavam, ninguém conseguiu se formar em 4 anos, assim. E tem essa sensação de vergonha até hoje. A gente comenta... Pra eu pra eu falar “eu demorei 7 anos pra me formar”, pra sair essas palavras da minha boca, foi muito trabalho psicológico, eu tinha muita vergonha de dizer isso, dizer que estava lá há 6 anos, dizer que estava lá há 5 anos, dizer que estava lá há 7 anos, e meus amigos até hoje ainda, quando a gente falar de “ah, se formou, ainda estou com vergonha porque eu entrei”, porque é um sistema que privilegia quem pode fazer em 4 anos e quem pode, mano? Sinceramente, é quem não precisa trabalhar ou pode trabalhar menos ou

pode.... Porque quem tem que trabalhar e fazer 3 horas de distância de transporte público para conseguir ir, ler a carga de texto que tem que ler, e produzir, é desumano, assim. Eu diria impossível, é muito difícil. [...] Então foi muito puxado, e eu sentia, pode ser uma coisa minha, de que o olhar para mim era isso, de que “tu não se formou ainda porque não tu quis, então tu não vai ter nenhum apoio agora, vamos ajudar quem está chegando agora e quem está realmente querendo”. Eu via muito essa diferença no discurso, assim é, quando iam falar de algum estudante ou para algum estudante “ah sua caminhada é boa porque você acabou de chegar, você já está fazendo tal projeto”. E eu me sentia para trás, porque em todo o tempo da minha universidade eu não participei de nada, não fiz absolutamente nada, foi só o básico do básico do básico, porque eu tinha que, enfim, trabalhar e passar essas 6 horas indo e voltando, então. Então, né, é isso. (Mariana)

Gabriela trabalhou durante o mestrado. O seu PPG (Programa de Pós-Graduação) impunha uma regra de dedicação exclusiva mesmo que não recebesse a bolsa. Sem bolsa, Gabriela precisava trabalhar e o fez escondido da universidade. Ao conseguir a bolsa, Gabriela voltou a dedicar-se exclusivamente ao mestrado:

Lá no programa a gente não tem abertura para trabalhar, então trabalhava escondida para me manter, né? Lá é intolerante com essa questão do trabalho, por mais que eu não fosse bolsista. E aí eu trabalhava escondido, e foi horrível, principalmente nessa pressão de você ter que se esconder, você não poder falar. E aí quando eu consegui a bolsa eu saí do trabalho, né, pra ser honesta, né, nessa questão, e aí começou a pandemia. E aí nada mudou. (Gabriela)

3.5.4 A universidade como agente de transformação

Nos tópicos anteriores, vimos como a universidade evidencia de forma violenta as questões de raça e classe das pessoas interlocutoras. Todas as pessoas interlocutoras relataram momentos em sentiram-se hostilizadas e violentadas pela sua cor, pela sua classe e por precisar exercer uma dupla jornada de estudo e trabalho.

Por outro lado, a universidade também consegue ser um local de transformação emocional, social e profissional. Com o acolhimento mútuo entre colegas e professores, a experiência universitária torna-se positiva e transformativa. Sarah e Mariana, estudaram em campi localizados nas áreas periféricas de suas cidades e que recebiam muitas pessoas negras e da classe trabalhadora:

E é curioso, porque quando a gente vê o perfil do estudante da [universidade], ele é majoritariamente de filhos da classe trabalhadora, né? Então eu também não tenho esses choques, né? Porque o Serviço Social também é esse curso no turno noturno,

né? Porque de manhã tem umas coisas bem classe média é, mas a noite não, à noite, são pessoas, eram pessoas iguais a mim. Não é como eu te disse na minha turma era de mulheres que passavam o dia trabalhando e a noite a estudar. Então a gente não... Eu não, não senti, né? Eu não tive esses choques assim, felizmente. (Sarah)

A [universidade], ela tem alguns campi, né? O que eu estudei é o de Humanas, que fica num bairro de extrema periferia aqui de [cidade]. Na verdade, fica em [cidade], no [bairro], que é um bairro bem pobre. E aí essa foi a ideia de colocar universidade lá para atrair essas pessoas. É, enfim, tem várias problemáticas nisso, mas era uma universidade até hoje, ainda é muito marcada pelas minorias. Sempre foi muito, tinha muito negro, muita gente periférica, muito, sempre foi. Então eu não senti... (Mariana)

Sarah reflete sobre como ser uma mulher negra e pobre a tirou de muitas possibilidades, mesmo sendo uma pessoa que teve acesso à universidade. Mas mesmo com uma sociedade que tolhe suas possibilidades, ela enxerga que a universidade foi o seu primeiro passo de uma transformação em sua vida:

Tem um pouco de ressentimento sim, mas tem muito mais uma reflexão. É... De como a gente é... Nos é tirada a possibilidade de construir referências, sabe? E eu penso muito é do ponto de vista profissional daquela história de o que é que você quer ser quando você crescer? É porque eu tô meio que num processo de crise com a minha carreira, e aí eu fico pensando, nossa, eu poderia ter sido tantas outras coisas? E que são coisas que eu nem sabia que existia que existiam e que eram possíveis. Né? Só que eu faço uma leitura muito do ponto de vista racial, né? Eu sou uma mulher negra, então a minha construção ela é muito marcada, né? E, sobretudo, pelo feminismo negro. A minha constituição política e teórica. E aí eu fico pensando que mesmo assim, mesmo sendo uma mulher negra que teve acesso ao espaço da universidade. É, ainda assim, me faltaram muitas opções, me faltaram muitas referências. (Sarah)

Ainda em relação à fala anterior de Sarah, é importante salientar que desde a infância foi inculcido a ela (e aos demais interlocutores) que a sua grande chance para mudar de vida seria através dos estudos. Hoje, Sarah reflete sobre outras possibilidades que não foram apresentadas a ela. Mesmo diante esta reflexão, Sarah salienta que entrar na universidade, de certa forma, mudaria a sua vida:

Nossa, eu lembro até hoje da primeira vez que eu entrei [universidade] como aluna assim, porque lá na entrada tem [campus], né? Tem o bem-vindo à [universidade] e eu lembro muito, muito de como foi marcante a sensação, tipo, eu não consigo descrever, mas eu lembro, tipo, quando a memória vem eu consigo sentir a mesma coisa é, de alguma forma, é, você sente assim eu senti, né, que as coisas começavam a mudar naquele momento. Como seria para o que seria, eu não sabia, mas sabia que

alguma coisa mudava a partir daquele momento, né? E aí, depois aí que você vai entendendo os processos. (Sarah)

Possuir um título de mestre, na verdade é devolver, ou então é dar a ele a ancestralidade, né? Primeiro na pessoa da minha mãe, mas depois, na pessoa dos meus avós, né? Como neta de pessoas negras, né? É, eu sou a primeira mestre da minha família. Felizmente, eu não sou a primeira com Ensino Superior. Eu sou uma entre poucas dos netos, né? Mas eu sou a primeira mestre dessa família. Então assim, é um título que ele é familiar. Né? Um título que ele pode ser compartilhado e que ele pode ser dito, né, pela minha centralidade. É um título do qual a minha mãe se orgulha muito, né? Apesar de eu não, não saber muito, o que eu vou fazer, se eu vou pro doutorado. Enfim, mas é um título que tem essa simbologia, né, para essa mãe que trabalha desde os 9 anos de idade em prol da educação. É o título da vida dela, né? É o título pelo qual ela trabalhou a vida inteira. (Sarah)

Para Gabriela, Samuel e Ingrid, foi na universidade que eles perceberam a afinidade para a pesquisa e afeição aos seus cursos. Nesta sequência de falas, eles abordam como o ingresso na universidade os propiciou a descoberta de um objetivo profissional: a carreira acadêmica. Nestas passagens, Gabriela, Samuel e Ingrid relatam suas trajetórias que os levaram para o Mestrado:

E aí eu me encantei na Biologia pela área ambiental, né? Pela área da educação também gostei muito. Eu resolvi ficar, terminei aí fui trabalhar como professora. Aí entrei no mestrado, terminei mestrado e pretendo continuar na área da pesquisa, né. E educação também no sentido, mais agora da educação no ensino superior. Porque eu gosto muito de pesquisar. (Gabriela)

Além da curiosidade científica, né, da vontade de continuar pesquisando, a questão social também. Assim que eu saí da graduação, comecei a trabalhar. E aí eu vi que a escola é outro ambiente assim que é cheio de questões e que você não vai conseguir resolver ali, né? (Gabriela)

E aí fiz... São 5 anos, né, de graduação. Enfermagem na [universidade] é curso integral, e desde o segundo semestre de 2014 até o fim da minha graduação fui bolsista do PET³⁰. Me engajei em grupos de pesquisa, ajudei a fundar uma das primeiras ligas do departamento, acho que já fui pra 3 grupos de pesquisa. Fiz atividades extracurriculares, né? É, fiz extensões também. Nesse sentido, eu era bem engajada assim, de fato, né? Mas principalmente do PET, porque o PET, ele toma mais tempo, digamos assim, né é, requer uma dedicação maior do que as outras coisas. E o desempenho na faculdade era um regular, bom, né? Eu não era a melhor da turma mas

também não era pior. Eu ficava ali, entre as pessoas que tiram notas boas, né, que tem uma boa desenvoltura para apresentar trabalhos, esse tipo de coisa. Um bom relacionamento, né? Então assim, eu sempre fui meio de articular as coisas. Então já fui líder de turma, já fiquei à frente de algumas demandas, então eu tenho facilidade para isso, né, e também um bom relacionamento com os colegas de turma. (Ingrid)

Eu até assim, me senti muito estimulada, sentia que os professores acreditavam no meu potencial, né? Inclusive, foi uma professora do PET, que que foi a primeira pessoa assim, que falou e que eu não que acreditei assim, né? “Ingrid, assim, você é muito boa, se você quiser sair daqui pro mestrado, você consegue facilmente. Eu confio totalmente no seu potencial”. É, inclusive ela ia ser minha orientadora do mestrado. Não deu certo, mas deu certo eu entrar no mestrado porque alguém acreditou em mim, né? E como eu precisava daquela validação externa, também, foi muito importante, né? Então, assim, acho que os professores tiveram um papel fundamental. Sempre tem um outro professor que você pega, assim como exemplo para não ser, né? Não quero ser essa pessoa definitivamente. Mas de regra, assim em 80%, eu tive uma relação boa, eram pessoas humanas, assim, que tinham, às vezes, uma certa dificuldade de entender aspectos mais pessoais seus. Porque tinha gente que achava assim: “não, você entrou agora, você tem que se dedicar 100% a isso, só existia a faculdade”, né? Então ainda tenho. Ainda tinha assim na época, um negócio assim, eu sei como é que está hoje. Mas a maioria, sim, era de dar suporte mesmo. Então, nesse sentido, eu não me senti desamparada. (Ingrid)

Mas entrar na universidade, no primeiro semestre, não é, assim... Eu sou uma pessoa muito, é, muito... Em ambiente de estudos, uma pessoa muito reclusa, muito tímida, muito calado, muito na minha, né? Então o primeiro semestre, a universidade foi uma grande mudança na minha vida, né, porque eu era uma pessoa muito quieta, não fiz muitos amigos no primeiro semestre, mas já no final do primeiro semestre eu fiz um grupo de amigos que me ajudou muito na minha trajetória acadêmica, né? Então eu acho que as relações que eu construí, que eu consegui construir dentro da universidade foram o que mudou eu enquanto pessoa pra esse amor pela História que eu tenho hoje, né? E é principalmente pela história. [...] Eu digo assim “nada me fascina, nada me fascinou mais, nada me apaixonou mais, nada me fez amar estudar mais do que estudar a História”, né? Então assim, o que mudou na minha vida foi realmente me apaixonar por algo dentro do campo da ciência, né? Então, eu acho que na minha trajetória, eu acho é isso. Nada mudou na mais minha vida do que entrar no curso de História. Eu acho, tem aquelas frases clichês, né, o número certo pra coisa certa. Eu não sei se isso existe, na verdade nem acredito em destino e tal, mas por algum motivo, eu estava ali naquele momento, e casou de ser foda, de ser muito bom, de conhecer pessoas maravilhosas. O meu melhor amigo é do meu curso de História, né, é a primeira pessoa que acreditou em mim para eu passar no mestrado foi ele. Então são coisas, assim, inexplicáveis. (Samuel)

E uma das grandes decisões que eu tomei na minha vida foi que de entrar para o mestrado, foi justamente porque eu decidi que eu tinha direito àquelas bolsas, e eu ia pegar com uma bolsa de pós-graduação, porque aquilo era para mim, aquilo tinha que ser pra mim. E era um jeito de eu não ir para o desemprego diretamente também, né. Ou era aquilo ou era aquilo, porque a gente sabe que ser professor, pode ter uma vaga aqui ou vaga de colégio particular. Mas você vai receber ruim, vai trabalhar muito, não é? Então assim. (Samuel)

Para além da vocação para a carreira acadêmica, foi através da universidade que Samuel começou a participar do movimento de saraus de sua cidade, de fazer parte de um coletivo que implementou o Fórum de Estudantes Negros de seu curso e o primeiro curso de mentoria para estudantes negros que buscavam a pós-graduação em História:

E meu, uma coisa que eu não falei, mas que envolve minha trajetória acadêmica, e eu acho que me ensina tanto quanto estar na universidade, foi que eu entrei para o movimento de saraus de periferia em 2016, né? Que não tinha nada a ver com universidade. É aqui do meu bairro inclusive, né? Mas foi por causa também da universidade dessas, de conhecer pessoas na universidade que eu comecei a ter mais atitude perante a minha vida, entender que eu tinha que agir, né? Eu acho que a história ensina muita isso pra gente, né? Aí eu fui, participei no final de 2016, eu entro no sarau e entro num, vou pro primeiro sarau em 2017, começo a fazer parte do sarau em 2018 e organizo o movimento de poesia na cidade. (Samuel)

Então assim, ao mesmo tempo que eu estou na graduação, eu também estou no meio da rua, né? Vivendo a rua, vivendo na cidade de [cidade] como nunca tinha vivido, né? Então faz parte da minha trajetória acadêmica tanto estar na universidade, como o que a universidade me possibilitou de ter atitude perante a minha vida e ir pro mundo, que aí, o mundo é o meu mundo. Foi durante toda a minha graduação, foi estar no nas periferias de [cidade]. (Samuel)

Eu considero que aquela turma, uma das melhores turmas que eu poderia encontrar dentro da [universidade]. E a gente é uma turma também, eu nunca fiz parte de centro acadêmico, do movimento estudantil da [universidade], não tinha muita simpatia por eles, inclusive. Por motivos n, não achava tão massa, mas eu construí um movimento dentro da universidade, que é o fórum de alunos negros, né, de estudantes negros, que foi justamente por causa dessa turma. E essa turma de 2016 é boa parte do que foi o fórum durante muito tempo, né? (Samuel)

Eu fiz parte do primeiro movimento, que era para ajudar alunos de alunos negros do curso de história, a tentarem o mestrado, entrarem no mestrado, né? Hoje a gente vai pro terceiro ano seguido, aprovando gente no mestrado, então assim, foi um... Fazer parte desse movimento extra sala talvez tenha sido tão, tão revolucionário quanto entrar na universidade. (Samuel)

Para Daniel, a universidade o possibilitou uma expansão de seus horizontes através de intercâmbios nacionais e internacionais:

Sempre tive essa vontade de expandir mais os horizontes e aí eu fiz 2 intercâmbios acadêmicos, um federal, nacional. Eu estudei um semestre na faculdade do Rio Grande do Sul a federal de lá, que as federais dá pra fazer essa conexão. E aí o outro foi em 2014, com o falecido e maravilhoso Ciência Sem Fronteiras que eu consegui ir pro Estados Unidos, onde eu estudei um ano e meio lá. Isso, conseguir consolidar o inglês e aí também consolidar algumas coisas que foram incríveis assim para minha carreira até hoje, que fizeram muita diferença assim. E foi isso. (Daniel)

Nossa, para mim, a universidade foi a coisa que mais mudou na minha vida toda. É muito nítido a minha mentalidade antes da faculdade e depois. De começar a analisar sistema, de ficar crítico sobre as coisas, de pensar e refletir mais profundamente sobre o que acontece em volta, e não só aceitar o que vem. É... Analisar mais a fundo qualquer coisa que que apareça. É... Também ter uma certa ambição em crescer, mais em ter perspectiva de aplicar também sempre tecnologia na arquitetura, que era uma coisa assim que nunca imaginei eu fazer fazendo parte, sabe, mas de entrar outras áreas, entender mais como o mundo funciona, as áreas, como que o mercado funciona também. É, tipo, é abriu muito a cabeça. (Daniel)

Atualmente, Daniel faz mestrado no exterior, e atribui ao Programa Ciências Sem Fronteiras o fato de estar em outro país fazendo pós-graduação:

Se não fosse o Ciência sem Fronteiras, eu não consigo imaginar como que poderia... Assim, minhas perspectivas de vida ia ter sido ainda menor. Ou não de vida, mas de carreira, porque eu ia ter ficado mais no mercado nacional. Eu não ia ter expandido a esse horizonte Internacional. Sem o Ciência Fronteiras naquele momento eu não ia ter tido inglês que me possibilitou vim para cá agora. Porque esse mestrado aqui eu também tenho bolsa e tudo coberto. Eu não teria tido se não fosse esse input lá atrás. (Daniel)

Já Pedro e Tatiana enxergam na universidade horizontes para ascensão social, a garantia de uma boa empregabilidade e independência:

Então eu sempre tive essa ambição também de ganhar muito. É, depois que eu entrei na faculdade, uma coisa positiva, é porque eu comecei a ter uma independência, por ter me mudado, né? Morar sem minha mãe, e isso me fez crescer realmente. Eu sempre me vi como um adolescente que não crescia. E foi a partir do momento que eu entrei na faculdade que eu conheci novas pessoas, pessoas muito inteligentes. Eu acho incrível, pessoas muito, muito inteligentes, principalmente os professores, e eu aprendo bastante com eles. E eu acho que é isso. (Pedro)

Essa conversa é muito, muito doida, né? Porque mexe muito assim, traz várias coisas que no cotidiano a gente acaba esquecendo sobre a gente, sobre a nossa vida e tal. Mas enfim, eu acho que é muito importante para mim, né, a universidade estar na universidade, porque ela me trouxe essa oportunidade de acessar ambientes que antes eu não conseguiria me imaginar nele, sabe? Então, hoje em dia para mim é muito mais fácil me pensar, por exemplo, viajando para o exterior. Independente se é um país próximo aqui da América do Sul ou se é um país mais distante, né? Então ele me traz essa possibilidade, assim, de me imaginar em outros ambientes, indo comer, coisas simples também assim, de comer num restaurante x que eu sempre quis ir antes, eu não conseguia ir, sabe? Por conta dessa oportunidade de trabalho também. (Tatiana)

Então eu consigo me imaginar trabalhando em lugares que antes eu não imaginava trabalhando, por conta dessa, é, de estar na universidade, né? De estar estudando coisas importantes, que são necessárias para minha profissão e para a sociedade em geral. Então, assim, o que eu posso dizer, em geral, é que a universidade, ela trouxe perspectiva de possibilidades de viver, entendeu? Então antes, talvez eu pense, o que eu pensaria sobre a vida e sobre a minha trajetória seria tipo “ah, eu vou até aqui” e hoje pra mim é muito mais possível pensar em outras formas de viver, sabe? Então ela trouxe essa autonomia assim, até. É, autonomia de poder escolher o que eu quero viver, sabe? Onde eu quero trabalhar, pra onde eu quero ir, que eu posso ir num restaurante x porque a comida é um pouco mais cara, mas eu posso ir, sabe? Então isso é muito importante, assim. Isso foi o que a universidade me deu, estar na universidade me deu. (Tatiana)

E, por fim, Mariana, Ingrid e Tatiana compartilham seus planos para os próximos passos em suas trajetórias universitárias:

É, essa é uma outra coisa que eu estava pensando esses dias, assim. Eu não entrei no mestrado direto. Era um sonho que eu tinha, já sair já e entrar no mestrado, mas enfim, tô trabalhando bastante. (Mariana)

Assim que eu defendi o mestrado, eu falei “olha, não quero isso, assim, vou passar uns 2 anos longe e tal, não sei o quê”, porque eu sempre tive na minha cabeça assim, depois do mestrado, que eu precisava realmente, agora eu preciso ir pra prática, pra assistência, para eu encontrar algum problema que precise ser resolvido, que eu me apaixone por aquele problema, para fazer um trabalho assim, realmente, totalmente dedicada, né? Porque as cobranças são maiores, é, é mais puxado e você ainda pegar uma coisa assim que é mais ou menos, que você ainda não sabe muito bem isso é aquilo, né? Para você dedicar tanto dos seus neurônios do seu tempo no doutorado, aí eu quero fazer assim, com calma, mas eu já estava dando uma olhada. E dizendo que ia passar 2 anos, né? Eu estava dando olhada nos editais, não sei ainda se vai ser para o mesmo departamento que eu fiz, porque eu acho que lá as coisas são meio

engessadas, sabe? Tem a facilidade e o conforto, porque são pessoas que já conhecem, mas por outro lado, né, o crescimento acho que fica um pouco limitado. E aí eu estava pensando em saúde coletiva, que tem ou pessoas de outras graduações, né? (Ingrid)

É, eu tenho vontade de fazer mestrado, sim, mas não é necessariamente para seguir uma carreira acadêmica. Não é bem o que é, pretendo, sabe. É, em relação ao meu curso, eu gosto e não gosto, mas aí envolve questões da estrutura de ensino, enfim, n fatores que acontecem, né? E profissional, também. É, mas assim, é, o que eu pretendo, com o meu curso é, trabalhar mesmo, me envolver com na área mais técnica, vamos dizer, né? De tipo de trabalhar numa agência, talvez em algum canal de comunicação, enfim, alguma coisa que envolva o que eu estudo, né? E não tenho pretensões de seguir carreira acadêmica, é, de ser professora, por exemplo. É, mas é isso, assim tenho vontade de fazer mestrado, mas eu acho que só o mestrado. Eu acho que eu não tenho muito tesão assim, de continuar e fazer um doutorado, quem sabe, sabe. Porque, mas mais por vontade de não fazer do que por eu não me sentir disposta ou não me sentir preparada para fazer, sabe? (Tatiana)

4 CONCLUSÃO

Concluir uma etapa de pesquisa é deparar-se com um rascunho eterno. Fazemos perguntas, selecionamos as perguntas que nortearão o nosso trabalho de pesquisa, lemos, levantamos dados, vamos a campo, entrevistamos, ouvimos, analisamos entrevistas, escrevemos, relacionamos nossas perguntas aos nossos achados, escrevemos, escrevemos e escrevemos. Fazemos tudo isso para no fim, nos reparamos com mais perguntas, mais bifurcações no nosso caminho de pesquisa, arrependimentos e aprendizados.

Eu era uma pessoa quando escrevi esse projeto e sou outra após escrever este trabalho. A pandemia foi o evento crucial para mudar a minha relação com este trabalho. Como filha de trabalhadora doméstica, via na minha história de vida que o trabalho doméstico estava para muito além da relação trabalhadora-patrões. Existe uma luta incessante pela descontinuidade. Assim como as mães de todas as interlocutoras, a minha mãe não queria que eu tivesse a sua profissão. Ela também via e até hoje vê na educação a saída para a nossa situação de pobreza.

Assim como muitas das pessoas interlocutoras, eu represento a virada de chave da família, a aposta de que eu conseguiria, através do meu esforço e dedicação aos estudos, mudar a nossa realidade. Eu tenho a missão de realizar todos os sonhos da minha mãe, que trabalha desde os 10 anos em uma profissão tão precarizada que não a permite que ela consiga realizar seus mais simples desejos materiais.

Assim como as pessoas interlocutoras desta pesquisa, eu sempre fui considerada essa grande aposta para todos. Minha mãe é vista como uma mulher analfabeta e trabalhadora doméstica que conseguiu criar tão bem (e sozinha) uma filha que conseguiu participar de uma conferência em outro país, em ser fluente em uma língua estrangeira antes dos 20 anos. Nesse processo, eu também acreditava que a saída era a educação, era estudar e se esforçar. Acreditava que minha história e a história de outros filhos de trabalhadoras domésticas poderia ser o maior exemplo do que poderia acontecer se fôssemos um país que investe na educação e na eliminação da pobreza prioritariamente, sem depender de termos presidenciais.

Ainda antes de entrar no curso de Ciências Sociais passei a sentir um mal-estar, ou uma certa desconfiança de como as histórias de pessoas pobres são exploradas. Quando descobriram que eu era um destaque na escola, que ganhei viagens para participar de eventos, uma pequena atenção local voltou-se a mim. Porém, eu percebi que ninguém queria entender o que eu fazia ou o que eu queria fazer, ninguém entendia porque eu queria falar inglês e morar fora do Brasil. Ninguém nunca perguntou nada. Olhavam-me encantados, como um milagre.

Como pode a filha da empregada analfabeta ser inteligente? Como pode a filha da empregada ter sonhos e querer passar no vestibular/ENEM?

Esse mal-estar não nomeado perdurou por muito tempo. Quem sabe ali já foi o meu primeiro exercício de Imaginação Sociológica (MILLS, 1982). E, finalmente, quase 10 anos depois, acho que existe alguma mínima interpretação para esse mal-estar

Apesar do mal-estar, continuei e continuo acreditando que a universidade um dia, quem sabe, possa ser realmente um lugar de transformação. Imagino que meus colegas de profissão, ao se depararem com um problema de pesquisa, imaginam a resposta ideal. A minha resposta ideal era, apesar das problemáticas, confirmar que o ingresso na universidade era a maior porta de entrada para uma vida melhor, de que estamos quebrando o ciclo intergeracional de pobreza. Essa resposta não é necessariamente inexistente. A perspectiva de melhores remunerações é entrelaçada com o nível de acesso à educação formal. Porém, estamos na era da plataformização da vida e do trabalho.

A pandemia foi o evento que mudou a minha perspectiva de enxergar a realidade como aspirante a socióloga, como pessoa, como profissional. Percebi, com a pandemia, que nossas conquistas ainda são castelos de areia. Viver uma pandemia certamente não foi fácil, mas viver uma pandemia sob um governo de extrema-direita foi o pior cenário possível para entrar em um curso de Mestrado. Muito do que era latente foi escancarado. Os retrocessos vividos pós-golpe de 2016 foram sentidos como nunca. Na universidade, deparamos com o corte de recursos, com a escassez de bolsas, em ter que comprar alimentos absurdamente inflacionados com uma bolsa de estudos que até então estava congelada há dez anos.

Neste período senti um pessimismo inédito enquanto pessoa que escolheu a vida acadêmica. Senti que era apenas um número de matrícula, alguém que precisa escrever relatórios e terminar logo a dissertação para não prejudicar as estatísticas da universidade. Na pós-graduação senti as fissuras da desigualdade virarem grandes crateras que arrastam aqueles que são pobres.

Escrever uma dissertação por muitas vezes não cabia nas minhas preocupações, porque estava aflita demais em contar moedas para conseguir pagar aluguel, contas e me alimentar. E como toda “pobre folgada”, quem sabe uma pizza ou um sushi poderiam entrar uma ou duas vezes no orçamento. Essa ansiedade e medo de não ter como garantir a minha subsistência me levou a outro ponto de reflexão: como posso estar fazendo esse trabalho sobre o ingresso de filhos de trabalhadoras domésticas na universidade se a minha maior dor e ansiedade no momento está sendo causada por estar na universidade?

Sei que a minha angústia não é única. Mas como abordei neste trabalho sobre o acesso à universidade, creio que vale a pena tecer um pouco a discussão sobre buscar efetivamente promover condições de permanência para estudantes de graduação e pós-graduação.

Em tese, os assuntos norteadores desta dissertação não se conversam: trabalho doméstico e acesso ao Ensino Superior. Porém, a partir das análises das entrevistas, é possível traçar fortes relações entre esses dois assuntos através:

- 1) do ingresso no Ensino Superior como forma de tentar subverter a situação de pobreza geracional;
- 2) da tentativa de ascensão social, através do diploma de Ensino Superior, para que os filhos possam prover suas mães e/ou garanti-las uma velhice tranquila;
- 3) da perspectiva das filhas das trabalhadoras domésticas, que significa um alívio, uma libertação para as suas mães: as filhas não precisarão exercer o trabalho da mãe. Ou seja, a descontinuidade intergeracional do trabalho doméstico remunerado.

Para isso, também é imprescindível pontuar que este trabalho reflete um período histórico marcado pelos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016), Michel Temer (2016-2018) e Jair Bolsonaro (2018-2022). Os governos de Lula foram marcados pelo Bolsa Família, a criação do PROUNI e expansão do Fies. Os governos de Dilma Rousseff foram marcados pela Lei de Cotas, pela PEC das Domésticas e pelo Ciência sem Fronteiras. O governo de Michel Temer foi marcado pela PEC do Teto de Gastos³¹ e pela contrarreforma trabalhista³². O governo de Jair Bolsonaro foi marcado pela guinada do Brasil a um governo de extrema-direita, pela Reforma da Previdência³³, pela flexibilização ao porte de armas de fogo³⁴, pelo corte de investimentos na Educação³⁵ e pela morte de mais 700 mil pessoas para o vírus da Covid-19.

³¹ A PEC do Teto de Gastos impõe cortes e congelamentos de investimentos em áreas como Saúde e Educação por 20 anos: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337>

³² A contrarreforma trabalhista flexibilizou leis trabalhistas e expandiu a contratação de PJs (Pessoas Jurídicas) invés de trabalhadores registrados em carteira: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm

³³ Mais detalhes sobre a Reforma da Previdência: <https://www.gov.br/inss/pt-br/assuntos/noticias/confira-as-principais-mudancas-da-nova-previdencia>

³⁴ Mais detalhes em: <https://agenciabrasil.abc.com.br/geral/noticia/2021-04/entra-em-vigor-parte-dos-decretos-que-ampliam-acesso-armas-de-fogo>

³⁵ Notícia que reflete sobre cortes na Educação: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/11/29/mec-ja-teve-corte-de-r-16-bilhao-em-junho-e-enfrenta-segundo-bloqueio-em-2022-entenda-cronologia-da-crise.ghtml>

A nossa individualidade, portanto, existe num processo sócio-histórico, e é imprescindível demarcar este período para contextualizar as trajetórias das pessoas interlocutoras (BOURDIEU, 2006)

Conseguimos, com esse trabalho, relacionar de forma direta o impacto das mudanças sociais no Brasil para as trabalhadoras domésticas e seus filhos e filhas. E, por fim, trago algumas reflexões trazidas pelo processo desta pesquisa.

Primeiro, é importante perceber o impacto de programas sociais, regulamentação do trabalho doméstico e a Lei de Cotas. Esses programas, para além de tudo, nos fazem perceber a importância de políticas públicas voltadas para as pessoas marginalizadas deste país. Porém, é importante também não perder de vista alguns aspectos críticos.

A PEC das Domésticas, infelizmente, não garantiu que o trabalho doméstico deixasse de ser um trabalho informal e explorado. O caso de Madelena Gordiano e Mirtes de Sousa explicitam a necessidade de políticas de valorização do trabalho, fiscalização de órgãos competentes, e, sobretudo, de uma forte necessidade de uma revolução em como a sociedade brasileira enxerga o trabalho doméstico.

A Lei de Cotas mudou o perfil dos estudantes universitários, fez com a que a universidade pública finalmente tivesse mais pessoas negras, pobres, indígenas, com deficiência e da escola pública. É preciso, no entanto, a garantia de que os programas de ações afirmativas não sofram riscos de descontinuidades, já que durante o governo de Jair Bolsonaro, com o debate sobre a continuidade das cotas, tivemos o risco de perder uma importante política de acesso à universidade. Pois, como afirma Noves e Okumura (2020, p. 114), se as mudanças sociais não forem profundas e concretas:

As medidas controladas pelo Estado, se assim conduzidas, ofereceriam transformações superficiais que não modificariam os principais dilemas educacionais brasileiros concretos. A falta de acesso à escola, a permanência do aluno e as más condições de ensino seriam, no máximo, minimizados por meio de reformas pontuais e controladas.

Mas para além de consolidar as políticas de ação afirmativa, temos que pensar sobre as políticas de permanência. Durante as entrevistas, percebe-se a dificuldade das pessoas interlocutoras em terem acesso a alguma política de permanência. Durante o período da graduação, as políticas de permanência na universidade foram essenciais para que eu pudesse terminar a graduação em Ciências Sociais, e conseqüentemente, entrar no mestrado. Sarah e Mariana, que tiveram que trabalhar integralmente para se manter durante parte de suas graduações, ficaram exaustas e tiveram que sair de seus trabalhos. Graças a Residência

Universitária, o Restaurante Universitário, e o Auxílio Refeição da Universidade Federal do Ceará, tive a possibilidade de me manter em Fortaleza durante a graduação sem chegar ao limite de desgaste do meu corpo e da minha mente.

E para além das políticas de permanência, é preciso também pensar na cultura universitária. Não é incomum ouvir casos de assédio moral, racismo, classismo e menosprezo pelas cotas. É preciso acabar a prevalência da soberba de alguns professores e colegas, e também o menosprezo por aqueles que durante o Ensino Básico não tiveram acesso à arte, cultura, leituras e matérias escolares mais aprofundadas. São essas pessoas menosprezadas, que, inclusive, estão dando um novo respiro à produção de conhecimento, desenvolvimento da ciência, tecnologia, arte e educação.

Ademais, é imprescindível rever o papel da universidade em nossa sociedade. É preciso expandir o acesso à universidade ao mesmo tempo, em que não restringimos à universidade como possibilidade única de garantia de melhores salários e melhoria das condições socioeconômicas das famílias marginalizadas do Brasil. É neste contexto, inclusive, que o discurso da educação enquanto negócio e investimento ganham terreno (MINTO, 2011, p. 277):

As ideologias que identificam a educação como solução para todos os problemas sociais, via de regra, partem de uma base imaginária de relações sociais, na qual as contradições mais fundamentais do mundo do capital aparecem como se não tivessem relações com a história e com a forma pela qual o modo de produção se objetiva cotidianamente.

Esta dissertação dialoga com questões urgentes e estruturais do Brasil, mas, uma das coisas que mais me chamou a atenção, durante todo o percurso de construção deste trabalho, foi em como é negado às trabalhadoras domésticas o direito ao presente. É extremamente cruel que a minha mãe e a mãe das pessoas interlocutoras não consigam construir para si a possibilidade de um presente como o mínimo de uma segurança socioeconômica. É extremamente cruel que essas mães tenham que investir todas as suas fichas em seus filhos para quem sabe, elas consigam ter uma velhice tranquila. Além disso, é extremamente cruel que filhos e filhas de trabalhadoras domésticas precisem ser essa grande promessa, essa grande aposta de suas mães para que a sua família saia da situação de pobreza intergeracional. Portanto, não é suficiente construir um presente e um futuro para si, pois é preciso tentar prover um passado e um presente roubado de suas mães e um futuro tranquilo que consiga suprir tudo ou alguma parte do que a elas foi negado.

Finalmente, espero que este trabalho possibilite reflexões, críticas e quem sabe, algum horizonte para novas reflexões sobre como o trabalho doméstico é um tema basilar para compreender e pensar a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. DA S. R. **Mídia e política: a construção do noticiário sobre o trabalho doméstico no Brasil**. Monografia—Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

ANDIFES. **PESQUISA DO PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO E CULTURAL DO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO DAS IFES BRASILEIRAS**. 2010

ANDIFES. V Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais e de ensino superior brasileiras. **Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES**, Brasília, p. 1-316, 2019.

AQUINO, J. A. Conservadorismo e ressentimento: duas fontes do antipetismo. Em: **Atores políticos e dinâmicas eleitorais**. 1. ed. Fortaleza: Edmeta, 2019. p. 232–273.

BATES, T. R. Gramsci and the Theory of Hegemony. **Journal of the History of Ideas**, vol. 36, no. 2, p. 351–366, 1975.

BERNADINO, J. L. A.. **Luz, câmera, limpando: interseccionalidades e representações sociais em domésticas, o filme (2001) e doméstica (2012)**. 2016. 145 f. Universidade de Brasília, 2016.

BONI, V.; QUARESMA, J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68–80, 2005.

BORGES, I. F. **Regulamentação da profissão de gari é aprovada na CAS**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/07/06/regulamentacao-da-profissao-de-gari-e-aprovada-na-cas>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução - Elementos para uma teoria de sistema de ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1992.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf

BRASIL. **Emenda Constitucional nº. 72, de 02 de abril de 2013**. Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais. Brasília: Presidência da República, 2013. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm

BRASIL. **Lei Complementar nº. 150, de 1º de junho de 2015.** Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico; altera as Leis nº. 8.212, de 24 de julho de 1991, nº. 8.213, de 24 de julho de 1991, e nº. 11.196, de 21 de novembro de 2005; revoga o inciso I do art. 3º da Lei nº. 8.009, de 29 de março de 1990, o art. 36 da Lei nº. 8.213, de 24 de julho de 1991, a Lei nº. 5.859, de 11 de dezembro de 1972, e o inciso VII do art. 12 da Lei nº. 9.250, de 26 de dezembro 1995; e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2015. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/2015/leicomplementar-150-1-junho-2015-780907-publicacaooriginal-147120-pl.html>

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 ago. 2012

BRITES, J. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**, n. 29, p. 91–109, 2009.

CAL, D.; BRITO, R. DE S. **COMUNICAÇÃO, GÊNERO E TRABALHO DOMÉSTICO: das reiteraões coloniais à invenção de outros possíveis.** 1. ed. EDITORA CRV, 2020.

CHAUÍ, M. **Escritos sobre a universidade.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CISLAGHI, J. F. A trajetória histórica do ensino superior no Brasil: expansão e privatização da ditadura aos governos do PT. **SER Social**, v. 21, n. 44, p. 134–151, 10 mar. 2019.

COMIN, A. A. Elites econômicas e neoliberalismo. **Plural - Revista de Ciências Sociais**, n. 64, p. 27–41, abr. 2018.

COROSSACZ, V. R. Abusos sexuais no emprego doméstico no Rio de Janeiro: a imbricação das relações de classe, gênero e raça. **Temporalis**, Brasília, ano 14, n. 28, p. 299-324, jul/dez 2014.

COSTA, M. D.; KOSLINSKI, M. C. Quase-mercado oculto: disputa por escolas “comuns” no Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 142, p. 246–266, 2011.

DA SILVA, D. F.; DE LORETO, M. DAS D. S.; BIFANO, A. C. S. Ensaio da história do trabalho doméstico no Brasil: um trabalho invisível. **Cadernos de Direito**, v. 17, n. 32, p. 409, 30 jun. 2017.

DAMACENO, L. D.; CHAGAS, S. O. EVOLUÇÃO DO DIREITO TRABALHISTA DO EMPREGADO DOMÉSTICO DE 1916 À 2013 - PEC DAS DOMÉSTICAS. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 17, p. 63–76, 2013.

DAMÁSIO, A. C. Isso Não é Uma Autoetnografia. **MEDIAÇÕES**, v. 27, n. 3, p. 1–14, 2022.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIEESE. **Trabalho doméstico no Brasil**, 2022.

Exército Brasileiro -**Ensino Fundamental e Médio**. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/web/ingresso/colegios-militares/-/asset_publisher/8E9mFznTIAQW/content/ensino-fundamental-e-medio?inheritRedirect=false>. Acesso em: 6 jun. 2023.

EZEQUIEL, L. C. **Agora a filha da empregada estuda na federal: uma análise de trajetórias escolares de filhas de trabalhadoras domésticas na UFC**. Monografia—Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2019.

FARIAS, Z. A. **Trabalho doméstico e emprego doméstico: duas faces do cativo feminino - donas de casa e empregadas domésticas em Fortaleza**. Dissertação—Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1979.

FÁVERO, M. DE L. DE A. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, n. 28, p. 17–36, 2006.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FERNANDES, F. A Sociologia como afirmação. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, v. 9, n. 21, p. 260–293, 11 mar. 2021.

FERRETTI JUNIOR, A.; RENATO W. E.; MEIRA, R. B. “Acima da América está o sangue”: a eugenia nos escritos de Monteiro Lobato. **Revista Maracanan**, vol. 27, p. 68–93, 2021.

FREITAS, J. B. de. Sobre a Humilhação no Cotidiano do Emprego Doméstico. **Dados**, v. 57, n. 1, p. 199–236, 2014.

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar: Como Fazer Pesquisa Qualitativa Em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRILL, I. G.; DOS REIS, E. T. Dos Campos aos Domínios das “Elites” no Brasil. **Revista TOMO**, n. 32, 31 mar. 2018.

GUIMARÃES, A. S. A.; RIOS, F. M. Cotas nas universidades públicas. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 50, 2014.

HOLANDA, S. B. De. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. **Estudos e Pesquisas • Informação Demográfica e Socioeconômica**, n. 41, 2019.

IBGE. **Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L. **O que é imaginário**. Tatuapé: Editora Brasiliense, 1996.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa : o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.

LIMA, Patrícia Ferreira Alexandre de. Servidão e superação: um estudo acerca da presença da empregada doméstica na obra de Clarice Lispector. **Vertentes & Interfaces I: Estudos Literários e Comparados**, vol. 12, no. 2, p. 53–64, 2020.

LOPES, J. B. **ACIRRAMENTO DA LUTA DE CLASSES NO BRASIL COM O PT NA PRESIDENCIA: O AVANÇO DO CONSERVADORISMO REACIONÁRIO TRANSMUTADO EM “ANTIPETISMO” E A INCIDÊNCIA NO SERVIÇO SOCIAL**. Em tempos de radicalização do capital, lutas, resistências e serviço social. **Anais...**2018.

LOPES, L. C. **A LUTA PELO RECONHECIMENTO DO TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL: GÊNERO, RAÇA, CLASSE E COLONIALIDADE**. Dissertação — Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2021.

LUZ, P. C. R.; MATOS, R. de C. A. As relações de poder na teledramaturgia brasileira: uma análise dos eixos de conflito entre patroas e empregadas em “Cheias de Charme”. **Rizoma**, Santa Cruz, v. 4, n. 2, p. 268-280, 2016.

MACEDO, R. M. Espelho mágico: produção e recepção de imagens de empregadas domésticas em uma telenovela brasileira. **Cadernos Pagu**, n. 48, 2016.

MAXWELL, N. L. **The Working Life: The Labor Market for Workers in Low-Skilled Jobs**. East Bay: W.E. Upjohn Institute for Employment Research, 2007.

MINTO, L. W. **A EDUCAÇÃO DA “MISÉRIA”: PARTICULARIDADE CAPITALISTA E EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL**. Tese—Campinas: UNICAMP, 2011.

MEC, **Sistema de Seleção Unificada 2023 tem 1.073.024 inscritos**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/sisu-sistema-de-selecao-unificada-2023-tem-1-073-024-inscritos>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

MELO, J. E. “Seu futuro passa por aqui” O ENEM como política avaliativa e os conhecimentos históricos exigidos. **Aedos**, v. 4, n. 11, 2012.

MENDONÇA, A. W. P. C. A universidade no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, 2000.

MILLS, W. **A Imaginação Sociológica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MONTICELLI, T. A. **“Eu não trato empregada como empregada”:** Empregadoras e o desafio do trabalho doméstico remunerado. Tese—Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017.

MORAES, D. Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural. **Revista Contracampo**, n. 01, 1997.

MUYLAERT, A. **Que Horas Ela Volta?** Pandora Filmes, 2015

NASCIUTTI, L. F. SOUZA, Neusa Santos. 2021. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 171p. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), n. 37, p. e21402, 2021.

NOVAES, H. T.; OKUMURA, J. H. **A tragédia educacional brasileira no século XX: diálogos com Florestan Fernandes**. 1a edição ed. Marília: Lutas Anticapital, 2020.

PEREIRA, V. O. A reeducação das relações étnico-raciais e a série Everybody Hates Chris: algumas notas. **CAMINHOS DA EDUCAÇÃO diálogos culturas e diversidades**, v. 1, n. 3, p. 52–68, 2020.

PEROSA, G. S.; DANTAS, A. S. R. A escolha da escola privada em famílias dos grupos populares. **Educação e Pesquisa**, v. 43, n. 4, p. 987–1004, dez. 2017.

PROCURADORIA DA REPÚBLICA EM MINAS GERAIS. **Caso Madalena: MPF denuncia quatro pessoas por trabalho escravo doméstico**. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/noticias-mg/caso-madalena-mpf-denuncia-quatro-pessoas-por-trabalho-escravo-domestico>>. Acesso em: 6 jun. 2022.

QUEIROZ, D. M.; SANTOS, C. M. DOS. AS MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS E O ACESSO À EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, v. 25, n. 45, p. 71–87, 2016.

REIS, E. P. Percepções da elite sobre pobreza e desigualdade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 42, p. 143–152, fev. 2000.

RODRIGUES, T. DOS S. Elementos do antipetismo: limites da cordialidade. Em: **Anotações contemporâneas em teoria crítica**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

SANTOS, J. R. “Que horas ela volta?” e “Doméstica” - uma análise da representação do trabalho doméstico feminino remunerado no cinema brasileiro contemporâneo. **Revista Cadernos de Gênero e Diversidade -**, [s. l.], v. 1, p. 334-349, 2015.

SAKAMOTO, L. **Brasil fecha 2021 com 1937 resgatados da escravidão, maior soma desde 2013**. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2022/01/brasil-fecha-2021-com-1937-resgatados-da-escravidao-maior-soma-desde-2013/>>. Acesso em: 1 jun. 2022.

SCHNEIDER, L. C. Lugar e não-lugar : espaços da complexidade. **Ágora**, vol. 17, no. 01, p. 65–74, 2015.

SILVA, F. DE J. **A SIGNIFICAÇÃO DA MULHER NEGRA EM HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA: UMA ANÁLISE DE ENUNCIÇÕES DE PEDRINHO, EMÍLIA E DONA BENTA**. III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação. **Anais...**2021.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, R. L. DE. AS RAÍZES E O FUTURO DO “HOMEM CORDIAL” SEGUNDO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. **CADERNO CRH**, v. 20, n. 50, p. 343–353, 2017.

SUBSECRETARIA DE INSPEÇÃO DO TRABALHO. **Painel de Informações e Estatísticas da Inspeção do Trabalho no Brasil**. Disponível em: <<https://sit.trabalho.gov.br/radar/>>. Acesso em: 1 jun. 2022.

TRINDADE, H. Saber e poder: os dilemas da universidade brasileira. **Estudos Avançados**, v. 14, n. 40, p. 122–133, dez. 2000.

VIECELI, C. P. **Economia e relação de gênero e raça: uma abordagem sobre o emprego doméstico no Brasil**. Dissertação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.